



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA

WANNA CÉLLI DA SILVA SOUSA

**CURA, SABERES E MODOS DE VIDA NA PRÁTICA DO
CURANDEIRISMO EM BRAGANÇA-PA**

BRAGANÇA-PA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA

WANNA CÉLLI DA SILVA SOUSA

**CURA, SABERES E MODOS DE VIDA NA PRÁTICA DO
CURANDEIRISMO EM BRAGANÇA-PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Ipojuacan Dias Campos.

Linha de Pesquisa - Memórias e Saberes Interculturais.

BRAGANÇA/PA
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Sousa, Wanna Célli da Silva, 1990- Cura, saberes e modos de vida na prática do curandeirismo em Bragança-Pa / Wanna Célli da Silva Sousa. - 2014.

Orientador: Ipojucan Dias Campos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2014.

1. Curandeiros - Bragança (PA) - Estudo de casos. 2. Curandeiros - Bragança (PA) Entrevistas. 3. Cura - Bragança (PA). 4. Curandeiros - Bragança (PA). I. Título.

CDD 23. ed. 615.852098115

WANNA CÉLLI DA SILVA SOUSA

CURA, SABERES E MODOS DE VIDA NA PRÁTICA DO CURANDEIRISMO EM BRAGANÇA-PARÁ.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de grau de Mestre.

Linha de Pesquisa: Memória e Saberes Interculturais

Apresentado em: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos (Orientador)
Instituição: Universidade Federal do Pará / Faculdade de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)
Campus: Belém/Pará

Prof^a. Dr. Karl Heinz Arenz
Instituição: Universidade Federal do Pará / Faculdade de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)
Campus: Belém/Pará

Prof.^a Dr^a. Maria Roseane Corrêa Pinto Lima
Instituição: Universidade Federal do Pará / Curso de História
Campus: Bragança/Pará

Aos curandeiros do município de Bragança, sujeitos que tecem suas vidas em meios a suas relações com a natureza, sociedade e com o sagrado. Eis os nomes deles: Antônio Pereira Macena, Almerinda Vieira de Sousa e Iracema Rodrigues da Silva.

AGRADECIMENTOS

Eis aqui o momento de homenagear pessoas importantes que contribuíram significativamente na construção desta pesquisa. Sujeitos que, durante estes dois anos procuraram contribuir com inúmeras críticas, observações e incentivos que alimentavam, cada vez mais, o desejo de conseguir terminar com êxito este processo da vida acadêmica.

Ao Deus, pela vida.

Obrigada, minha mãe querida, Antônia Célia Cabral da Silva, pela sua capacidade de escutar-me, mesmo com a correria da vida de professor. Pelo incentivo e carinho que sempre proporcionou-me. Ao meu padrasto, Francisco Neves dos Santos, pela dedicação à minha família e por diversas vezes possibilitar minhas “andanças” em alguns interiores, permitindo conhecer algumas histórias dos sujeitos desta pesquisa, especialmente a vila de Igarapé-Apara.

Devo igualmente gratidão ao meu irmão Clóvis Nivaldo da Costa Sousa Junior, pela diversas vezes que interrompi seus estudos, trabalhos ou mesmo jogos de xadrez para que me escutasse falar, euforicamente, das conclusões que tive após uma entrevista, ou, para realizar a leitura de uma seção da dissertação e pelas inúmeras conversas que tivemos sobre a escrita do texto acadêmico.

À minha família, pessoas de grande importância. Eis alguns nomes, avós Raimunda Cabral da Silva, Darival Risuenho da Silva, Clóvis Nivaldo da Costa Sousa, Zumira da Costa Sousa. Aos tios e tias como Dinho, Sandra, Nonato, Valter, Cely, Cristina e Carla Regina (*in memoriam*). Além da prima Carlina de Kássia da Silva e Silva que presenciou algumas etapas da pesquisa, desde momentos difíceis na ocasião do famoso “branco” até o sentimento de felicidade ao término de uma etapa da escrita do texto.

Agradeço a Ipojucan Dias Campos, orientador desta dissertação, pela oportunidade de ser sua orientanda e pela significativa contribuição que realizou durante esta etapa. Das inúmeras vezes que criou oportunidades de troca de ideias, reflexões e questionamentos, aliás, muito do que aqui foi pensado surgiram destas orientações, permitindo assim, realizar perguntas significativas para os documentos que disponibilizávamos.

Devo igualmente gratidão, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, os quais me possibilitaram delimitar melhor o projeto de pesquisa desde quando fui aluna especial do programa. São eles, Nilsa Brito, José Guilherme, Pere Petit, Salomão Hage, Flávio Leonel e professora Cristina Caldas.

Ao professor mestre, Glauber Costa Fernandes, pelo cuidado que teve em construir uma relação de amizade mesmo à distância. Pelas trocas de conhecimentos que nos permitimos desde o primeiro momento em que perguntei da existência de curandeiros no município de Ubatã no estado da Bahia. Do mesmo modo, reservo um carinhoso espaço de agradecimento à Andrey Luiz Costa de Araújo pela companhia durante as etapas do período “doloroso” do mestrado.

Agradeço a CAPES por ter financiado esta pesquisa. Sem este apoio seria impossível terminar este trabalho.

Aos estimados amigos da primeira turma de mestrado. Pelas aulas, brincadeiras e conversas que me permitiram ter forças para continuar esse percurso. A vocês meus agradecimentos: André de Aquino, José Sena, Tatiana Sousa, Robson Feitosa, Camila Souza, Helenice Silva, Fabíola Damasceno, Silvia Oliveira, Degiane Farias, Ana Patrícia e Hadson Sousa. A vocês agradeço por tornarem este momento do mestrado, um percurso um tanto “tranquilo”.

Agradeço aos colegas da segunda turma de mestrado, na qual tive o prazer de estudar. São eles: Larissa Fontinele, Fernando Alves, Max Pinheiro, Émerson Campos, Francisco Diogo, Greubia Sousa, Merivânia Barreto, Adão Borges, Sara Centuriôn, Gláucia Lima, Cícero Junior, Lanna Peixoto, Yleana Lima, Edileuza Pilletti e Karina Paraense.

No mais, meus votos de agradecimento aos colaboradores da pesquisa, sem suas dedicações e reservas de espaços em suas rotinas de vida, teria sido impossível escutá-los e participar, como sujeito inserido no contexto bragantino, dos discursos que são construídos em torno da prática do curandeirismo em Bragança-Pará. Agradeço a todos.

Todo conhecimento tem a sua importância, nasce e se mantém em determinadas condições e contextos. Convivendo lado a lado com a ciência, outras sabedorias como a filosofia, a arte e os saberes da tradição dão sentido ao mundo e à vida. Há várias formas, portanto, de compreender porque as coisas são como são.

(Sérgio Cardoso de Moraes & Wyllys Abel Farkatt Tabosa) – Prefácio do livro *A Natureza me disse* (2007)

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Plantas e ervas medicinais.....	50
FOTOGRAFIA 2 – Variedades de remédios caseiros.....	50
FOTOGRAFIA 3 – Receita utilizada por Antônio Pereira Macena.....	52
FOTOGRAFIA 4 – Iracema cuidando e rezando em uma paciente.....	54
FOTOGRAFIA 5 – Capela do hospital Santo Antônio Maria Zacarias.....	57
FOTOGRAFIA 6 – Altar da curandeira Iracema Rodrigues da Silva.....	57
FOTOGRAFIA 7 – Cartaz com propaganda de curandeiros em Bragança.....	60
FOTOGRAFIA 8 – Curandeira Iracema Rodrigues da Silva.....	63
FOTOGRAFIA 9 – Curandeira Iracema, familiares e moradores do município.....	69
FOTOGRAFIA 10– Parteiras realizando o encontro de capacitação na Secretaria de Saúde do município.....	85
FOTOGRAFIA 11 – Curandeira e parteira Almerinda Vieira.....	85
FOTOGRAFIA 12 – Esmolação de São Benedito em Bragança.....	91
FOTOGRAFIA 13 - Imagens de santos e outras representações religiosas.....	92
FOTOGRAFIA 14 - Posto de Saúde de Igarapé-Apara.....	97
FOTOGRAFIA 15 - Comunidade de Igarapé-Apara.....	98
FOTOGRAFIA 16 - Casa da Dona Conceição em Igarapé-Apara.....	100
FOTOGRAFIA 17- Casa da Dona Conceição em Igarapé-Apara.....	100
FOTOGRAFIA 18 - Dona Conceição em Igarapé-Apara.....	102
FOTOGRAFIA 19 - Tipos de “banhos” vendidos em cabanas.....	105

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 2: CONFLITOS E RIVALIDADES: MÉDICOS E CURANDEIROS.....	23
2.1 - TENSÕES ENTRE MAGIA E MEDICINA DO SÉCULO XVI AO XIX.....	23
2.2 - A LEGISLAÇÃO AS PRÁTICAS COTIDIANAS DE CURANDEIROS EM BRAGANÇA	33
2.3- O CURANDEIRISMO E OS DISCURSOS QUE SE ENTRECruzAM COM A MEDICINA “CIENTÍFICA”	48
CAPÍTULO 3: CURANDEIROS EM BRAGANÇA: CURA E MODOS DE VIDA	59
3.1- QUEM SÃO OS CURANDEIROS?	59
3.2- “DONA IRÁ”: RELAÇÕES ENTRE UM SABER PRÁTICO E ESPIRITUAL	63
3.3- “SEU ANTONINHO”: PRESTÍGIO SOCIAL E APROXIMAÇÕES COM A MEDICINA “CIENTÍFICA”	70
3.4- “DONA ALMERINDA”: HISTÓRIAS SOBRE O ESQUECIMENTO	77
CAPÍTULO 4: MODOS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: MORADORES CONTROEM SIGNIFICADO PARA O CURANDEIRISMO.....	87
4.1 - DISCURSOS SOBRE O CURANDEIRISMO	87
4.2 - VALORIZAÇÃO DO INDIVÍDUO DENTRO DO PROCESSO DE CURA.	97
4.3 - VISÃO DA DOENÇA EM SUA TOTALIDADE E NÃO PARTICULARIZADA.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS.....	115
ANEXOS	122

RESUMO

Esta dissertação trata essencialmente dos sentidos socialmente construídos em torno do curandeirismo em Bragança (PA); entendendo que tal prática não se realiza de forma isolada, mas, ela se manifesta em meio a um dado campo social de relações e trocas simbólicas com a medicina dita científica, a sociedade e com os diversos discursos construídos em torno dela. Ancorada na oralidade, este trabalho procura conhecer a história de vida de três curandeiros, que envolvidos por diversas divindades exercem, em terras bragantinas, a exímia arte de curar. Esses sujeitos, donos de um saber empírico oriundos das relações de trocas e diálogos interculturais com a natureza constroem modos de vida e saberes junto à população e assim criam identidades próprias a partir destas relações. No campo dessas representações, surge a necessidade de realizar um processo de rememoração através da história da construção do discurso, para entender sua materialização no contexto atual de Bragança e assim relacionar tal termo às construções que são difundidas a respeito das práticas de curandeiros. Por isso essa investigação coloca-se nos domínios de procurar entender porque parte da população bragantina recorre aos saberes dos curandeiros, ora como um uma possibilidade a mais para sua cura, ora como único meio que leve a esta. Mais do que registrar vozes por meio das entrevistas, tal trabalho agrega uma valorização do saber empírico desses sujeitos, refletido na linha dos elementos que vão construindo suas identidades em meio a rezas, orações, remédios, partos e curas, orientados de um envolvimento com a natureza, o local e imaginário social. Diante deste quadro, a dissertação dedica-se a entender os modos de vida e as relações que os curandeiros possuem com a sociedade bragantina, de modo que, alguns pacientes, orientam e constroem modos de vida a partir de tais práticas, chegando a reservar um espaço considerável de valorização do curandeirismo em sua vida cotidiana. Então este trabalho aborda três eixos, pensados a partir dos documentos adquiridos com a pesquisa de campo e com a narrativa de 1906 de Benedito César Pereira, a saber, os discursos políticos, cultural e social envolvidos na prática do curandeirismo, trajetória de vida de curandeiros e modos de vida da população.

PALAVRAS- CHAVE: Bragança, Curandeirismo, discursos, cura, modos de vida e saberes.

ABSTRACT

This dissertation deals essentially the socially constructed meanings around the faith healing in Bragança (PA); understanding that such practice does not happen in an isolated way, but it is manifested in the midst of a field of social relations and symbolic exchanges with the so-called scientific medicine, society and the various discourses constructed around it. Anchored in the orality, this work seeks to know the life story of three faith healers, who involved by several deities, practice, on Bragança lands, for outstanding art of healing. These people, owners of an empirical knowledge derived from the relationship of trade and intercultural dialogues with nature, construct livelihoods and knowledge with the population and thus create their own identities from these relationships. In the field of these representations, the need arises to perform a process of remembering through the history of the construction of discourse, to understand its materialization in the current context of Bragança and thus relate this term to the constructions that are spread in relation to the practices of healers. Therefore this research place itself in the domains to seek to understand why the population bragantina uses the knowledge of traditional healers, sometimes as another possibility for a cure, sometimes as the only way that leads to this. More than registering voices through interviews, such work adds an appreciation of the empirical knowledge of these subjects, reflected in the line of elements that are constructing its identities in the middle of prayers, remedies, and cures, guided by relationship with nature, with the place and social imaginary. Given this context, this dissertation is dedicated to understanding the lifestyles and relationships that faith healers have with the Bragança's society, so that some patients, guide and construct livelihoods from such practices, coming to book a considerable room for appreciation of faith healing in your everyday life. Then this work discusses three axes, designed from the documents acquired through field research and the relationship with the narrative of 1906 César Benedito Pereira, namely, political speeches, cultural and social involved in the practice of faith healing, faith healer's life path and way of life of the people.

Keywords: Bragança, Faith healing, Speech, Cure, Ways of life and Knowledge

1. INTRODUÇÃO

Naquela manhã de 10 de março do ano de 2012, decidi realizar uma pesquisa bibliográfica sobre as práticas de cura. Na ocasião, visitei a Biblioteca Pública Municipal de Castro e Souza, localizada na Avenida Nazeazeno Ferreira, município de Bragança-Pará¹, encontrando em meio a vários documentos e folhas, um livro de Benedito Cesar Pereira, intitulado Sinopse de Bragança², que continha algumas histórias intrigantes, sobretudo a da “Mulher que matou o marido, enganada, pensando que vidro moído era remédio eficaz para asma”. A narrativa conta um fato que tinha ocorrido durante uma tarde de setembro de 1906 em Bragança, onde as ruas deste município ficaram agitadas com o tumulto causado por alguns moradores que haviam recebido a sinistra notícia que os deixou curiosos e apavorados. Dona Felícia, velha esposa de Izidro, porteiro da Intendência Municipal, tinha moído vidro e posto no mingau do seu marido, que estava doente há vários dias com uma profunda crise de asma, que sempre se agravava ao se aproximar a lua cheia. O tumulto na Avenida Floriano Peixoto assemelhava-se a uma romaria, todos ali, desejosos de saber sobre o terrível “crime”. Nessa altura, Dona Felícia, já havia sido presa. A pobre velha encontrava-se na delegacia em prantos e inconsolável ao ser recebida por gestos e quase linchamento da população local.

O livro com as histórias de Bragança e em especial, a narrativa de Dona Felícia era como minha “porta de entrada” para a pesquisa sobre as práticas de cura, justamente porque a mesma se direcionava de maneira geral, a história de vida de sujeitos que preparam remédios caseiros e costumavam receitar aos seus vizinhos, curiosa com o destino daquela senhora continuei a leitura do livro. A narrativa seguia seu curso dando início ao inquérito policial daquela mulher, na ocasião, depuseram mais de dez testemunhas de acusação e defesa. Muitos dos moradores, durante o julgamento, tinham o seguinte discurso sobre o fato ocorrido, diziam, dentre outras coisas, terem visto Felícia moer no pilão, na cozinha de sua casa, pedaços de vidro que iria dar ao seu marido doente. Outros, afirmavam que a senhora costumava dá ao seu cônjuge, remédios receitada por uma senhora, conhecida por Possidônia,

¹A cidade de Bragança encontra-se localizada na Mesorregião do Nordeste Paraense, conhecida como microrregião bragantina, distante aproximadamente 210 km da capital, Belém. Possui uma área de 2.091,930 km² e uma população em torno de 113.227 habitantes, densidade de 54,13 hab/km². IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 10 de julho de 2013.

²PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963.

antiga moradora do Abacateiro³, que preparava remédios e conseguia curar pessoas asmáticas com pó do vidro moído.

A história acima retrata a voz distante de uma prática que vem sendo narrada até hoje, protagonizada por outros sujeitos e em outros contextos. A narrativa conta a história de Dona Felícia que, na tentativa de curar seu marido acabou por matá-lo com um remédio “possivelmente” receitado por Dona Possidônia, se constituindo, desse modo, como uma história particular de um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, todavia, a mesma não pode ser pensada apenas como uma história isolada, pois ela está inserida dentro uma grande “rede” de narrativas que possuem temáticas de cura e mesmo apresentando suas particularidades e se constituir como um texto literário, ela se entrelaça a outras, constituindo, de certo modo, um registro que permite ao pesquisador o conhecimento, modos de vidas e as maneiras que determinadas pessoas se relacionam com a sociedade.

A história dos remédios receitados por Dona Possidônia é datada de 1906, todavia, após realizar as primeiras entrevistas com curandeiros do município de Bragança percebi a existência de muitas narrativas com a mesma temática. Documentos orais que giravam em torno da trajetória de vida de sujeitos, como: Iracema Rodrigues da Silva,⁴ Antônio Pereira Macena⁵ e Almerinda Vieira de Sousa⁶. Curandeiros estes que atuam junto aos moradores deste município, de localidades vizinhas ou até em de outras cidades.

No início de 2012, quando ingressei no Programa de Mestrado Linguagens e Saberes na Amazônia, o projeto de pesquisa apresentado versava sobre a temática da “Trajetória de vida de Antônio Pereira Macena, curandeiro do município”. A expectativa era elaborar uma dissertação capaz de pensar os saberes e modos de vida construídos por este sujeito durante o desenvolvimento da prática do curandeirismo em Bragança-Pa. Planejei propor um diálogo com discursos de moradores do município a respeito da sua crença na prática desenvolvida pelo curador. Formulei hipóteses com base em leituras como a narrativa de Dona Felícia e com a pesquisa de campo com os sujeitos. Pensava em construir uma dissertação

³Localidade próxima ao município de Bragança.

⁴Curandeira Iracema Rodrigues da Silva, conhecida como “dona Irá”, nasceu na região do Anoirá-Mirim e hoje reside em Bragança, 37 anos.

⁵Curandeiro nasceu na vila de Caratateua, distante 4 km de Bragança. Hoje reside no município de Bragança-Pará, 65 anos, conhecido como “seu Antoninho”.

⁶Curandeira Almerinda Vieira de Sousa, nasceu na região do Patalino. Hoje reside em Bragança, 79 anos.

que contasse a história de vida deste curador, estabelecendo relações e diálogos com as narrativas de cura contada por moradores.

Todavia, no decorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa, percorri o município de Bragança, realizei entrevistas com moradores, conversei com pessoas que foram curadas ou não por seu “Antoninho” e conforme o trabalho ia caminhando, fui percebendo o surgimento de elementos novos, outras possibilidades e, claro, dificuldades. Como se percebeu, a pesquisa inicial possuía um sujeito central, mas partir da realidade bragantina e com o passar do tempo de trabalho de campo, o leque de informações aumentava. Nessa empreitada, além do senhor Antoninho, conheci outros curandeiros da região e, então novas possibilidades de diálogo foram surgindo e a cada história de vida, mais elementos apareciam. Foi possível, por exemplo, conhecer a realidade de cura que Iracema Rodrigues estabelece com seus pacientes no bairro Alto Paraíso, bem como, a experiência com ervas medicinais que a curandeira e parteira Almerinda Vieira possui quando percorre o município de Bragança e outros interiores, curando e orientando pessoas.

Além disso, foi importante considerar desde o início que tais curandeiros não realizam suas práticas de forma isolada, eles compartilham, mesmo que indiretamente, de trocas simbólicas e de relações com os sujeitos que frequentam suas casas e também os hospitais e postos de saúde do município. Como se percebe, o curandeirismo está dentro de um contexto maior, envolvida por diversos discursos convergentes e contraditórios. Por conta disso que, cada vez mais, a pesquisa se expandia, exigindo, que eu procurasse estabelecer de imediato, os pilares da dissertação.

Então, “Cura, saberes e modos de vida na prática do curandeirismo em Bragança-Pa” consta de interpretações dedicadas, em termos mais gerais, em responder ao seguinte questionamento: O que movimenta parte da população de Bragança a recorrer aos saberes de um curandeiro? Abordando o tema com mais profundidade: dedica-se a entender as relações que os curandeiros possuem como a sociedade bragantina, de modo que, curandeiros e pacientes, orientam e constroem modos de vida a partir de tais práticas, chegando a reservar um espaço considerável de valorização do curandeirismo em sua vida cotidiana. Esta dissertação aborda três eixos principais, pensados a partir da pesquisa de campo e da relação com a narrativa de Dona Felícia, são eles: discursos “legais” e políticos

oriundos da relação de tensões entre médicos e curandeiros, os diversos modos e práticas de cura presente na trajetória de curandeiros em Bragança e os significados e sentidos que a população atribui para as práticas realizadas por estes sujeitos.

De antemão faz-se necessário esclarecer a escolha da categoria curandeiro presente neste trabalho, justificando o uso do termo curandeirismo e não pajelança, como se utilizam a grande maioria dos estudiosos da área. O termo pajelança utilizado nas pesquisas no Maranhão pelo antropólogo diz respeito a um dado conjunto de práticas rituais e de representação da natureza e do corpo, aplicadas principalmente pelos pajés na cura de doenças e aflições. O termo pajé possui variações de significado conforme uma dada região. Charles Wagley e Eduardo Galvão⁷ afirmam que pajé refere-se a caboclos que vieram a ser iniciados com pajés indígenas. Darcy Ribeiro,⁸ por sua vez, entende que pajés são grupos indígenas que na ausência de um curador no local, chamam pajés de uma etnia vizinha e Luís Câmara Cascudo,⁹ possibilita pensar na categoria de pajé como amazônidas que são convidados a curar no Nordeste. Ainda sobre as considerações de Didier de Laveleye, no campo heterogêneo das representações da pajelança, fica cada vez mais difícil classificar tal prática, em vista de sua larga área cultural partilhada por vários segmentos religiosos. O autor define palavras chaves que fazem parte desse campo, são elas: santos, encantados e espíritos. Tal pensamento ajuda a pensar a realidade do curandeirismo em Bragança da seguinte forma.

No decorrer da pesquisa pensava em qual categoria utilizar para denominar os sujeitos principais da pesquisa. Tendo essa preocupação em mente, as análises que aqui se seguirão consideram as reflexões pensadas por autores importantes dentro desse campo, todavia, as mesmas estão localizadas nas experiências cotidianas dos curandeiros e na relação que eles estabelecem com a população bragantina. Portanto, a categoria selecionada surgiu do saber empírico dos sujeitos, das experiências compartilhadas no dia a dia, desse saber que não necessita de comprovação científica, mas que se materializa no bojo das relações com a sociedade de trocas de conhecimento entre homens e mulheres que desenvolvem seus trabalhos de cura. Pensando nisso, reflito nesta dissertação, a respeito do modo que o termo curandeiro foi construído tendo em vista esse saber empírico.

⁷WAGLEY, Charles. GALVÃO, Eduardo. **The Tenetehara Indians of Brazil. A culture in transition.** New York: Columbia University Presse, 1949.

⁸RIBEIRO, D. **Diários índios. Os Urubus – Kaapor.** São Paulo: Companhia das Letras, 1196.

⁹CASCUDO, Luís Câmara. **Meleagro. Depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil.** Rio de Janeiro: AGIR, 1951.

Os moradores de Bragança quando fazem referências aos curandeiros se utilizam das mais diversas denominações. Ao seu Antônio Pereira Macena, por exemplo, a população costuma se referir a ele como “seu Antoninho pajé ou o curandeiro Antoninho. Já quando querem se referir à senhora Iracema Rodrigues da Silva, alguns costumam chamá-la de “dona Irá, espírita”. Diferente das denominações de “parteira” e “cuidadora”, atribuída à senhora Almerinda Vieira de Sousa. Diante disso, como então denominar tais sujeitos em meio a tantas nomenclaturas? Como pensar uma categoria que surgisse dos conhecimentos que tais sujeitos possuíam e dos modos de vida que elaboravam e criavam em suas práticas cotidianas?

Durante a pesquisa de campo, observei a maneira que tais sujeitos se relacionavam com seus pacientes, com a natureza e divindades religiosas. Dessas observações, passei a compreender que a prática realizada por esses homens e mulheres possui pontos comuns e divergentes entre si, faço aqui referência, especificamente, às experiências de cura, daí o termo curandeiro; sejam quais forem os elementos (remédios com base em plantas e ervas, remédios “de farmácia”, maracá, penas, roupas, orações, danças, conversas) e segmentos culturais (negros, brancos e indígenas) que estes sujeitos se utilizam para realização de tal processo. Desse modo, todo o conjunto de práticas mágicas curativas que envolvem a cura de um sujeito é denominado, nesta dissertação, de curandeirismo.

Apesar desta classificação, não devemos entender as práticas dos curandeiros como uma categoria permanente e unificada. O que existe, quando se estuda a realidade dos curandeiros em Bragança, é a dificuldade de classificação e unificação de categorias. Problema este oriundo das diferenças entre cada modo de vida de determinado curandeiro e também própria do sujeito contemporâneo. Essa crise de conceituação própria da realidade permite a relação com o pensamento de Stuart Hall quando realizou uma comparação entre o sujeito cartesiano e um sujeito contemporâneo, ela afirmou que o primeiro “tornou-se incapaz de acompanhar o ritmo e as novas apreensões na dinâmica espaço-tempo em que a história apresenta”.¹⁰ Quando relaciono esse pensamento aos dados da pesquisa começo a

entender que é difícil definir em uma categoria, este sujeito contemporâneo, tendo em vista suas diversas relações com a sociedade, discursos e com as divindades,

¹⁰HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaraci Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, pp.10-13.

fazendo-nos afirmar que em Bragança os curandeiros realizam suas práticas de cura em meio a uma relação de heterogeneidade, refletido nas formas de cura que se diferenciam entre os curandeiros que colaboraram com a pesquisa.

Além do saber empírico, o trabalho também está apoiado em importantes leituras como a do antropólogo Dider de Laveleye,¹¹ que realizou tese de doutorado tendo como lócus de pesquisa o município de Cururupu, no Maranhão. Trabalho este que será utilizado para discutir dois pontos principais defendidos pelo autor a respeito da pajelança maranhense, a saber, a “heterogeneidade” e a “autonomia ritual e mítica”, características que mantêm relação de proximidade com aquilo que aqui denominei de curandeirismo. Além disso, outras reflexões aqui pensadas foram inspiradas em trabalhos como os de Raymundo Heraldo Maués, Gisela Macambira Villacorta, Aldrin Moura de Figueiredo, Benedita Celeste de Moraes Pinto e Jerônimo da Silva e Silva¹² e tantos outros que se dedicaram em analisar as práticas de

¹¹LAVELEYE, Didier. “Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança”. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo, VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

¹²MAUÉS, Raymundo Heraldo, VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008. MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: EDUFPA, 1990. MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995. VILLACORTA, Gisela Macambira. **As mulheres do Pássaro da noite: pajelança e feitiçaria na região do Salgado (Nordeste do Pará)**. 2000.115f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Humanas, Belém, 2000. VILLACORTA, Gisela Macambira. **“Rosa Azul”: Uma Xamã na metrópole da Amazônia**. 2011, 231f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará – Instituto de Filosofia e ciências humanas, Belém, 2011. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. **A cidade dos Encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia 1870-1950**. Belém: EDUFPA, 2008. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. “Assim como eram os gafanhotos: pajelança e confrontos culturais na Amazônia do início do século XX”. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008, p. 53-94. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. “Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX”. In: CHALHOUB, Sidney. **Artes e ofícios de cura no Brasil: capítulos de história social**. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.p. 273-304. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. “Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930”. In: FONTES, Edilza (Org.). **Contando a história do Pará: diálogos entre a história e a antropologia**. Belém: MOTION, 2002. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filha das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: AÇAI, 2010. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. “O fazer-se das mulheres rurais: a construção da memória e de símbolos de poder feminino em comunidades rurais negras do Tocantins”. In: ÁLVARES, Maria Luzia de Miranda & SANTOS, Eunice Ferreira (Org.). **Desafios de Identidade: espaço – tempo de mulher**. Belém: CEJUP, 1997. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Parteiras, “Experientes” e Poções: o dom que se apura pelo encanto da floresta**. 2004, 250f. Tese (Doutorado em História)- Universidade Instituto - São Paulo: PUC-SP, 2004. PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Belém: Paka-Tatu, 2004. SILVA, Jerônimo da Silva e Silva. **“No ar, na Água e na Terra”: uma cartografia das Identidades nas Encantarias da Amazônia Bragantina” (Capanema- Pa)**. 2011, 214f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

curandeiros na Amazônia. Inspirou-se ainda em referências teóricas metodológicas como: Michel Foucault, Carlos Guinzburg e Michel de Certeau.¹³ Além de outros autores com o qual esta pesquisa possui dívidas como: os recentes trabalhos de Georgina da Silva Gardellha¹⁴ e Rodolfo Franco Putinni.¹⁵

A relação de diálogo que aqui se propõe, de certo modo, entre o discurso medicinal dito “científico” e a prática do curandeirismo, oriunda de matrizes historicamente marginalizadas quanto ao direito às vozes, tem se configurado um desafio para as ciências humanas. Cada vez mais, o saber empírico, refletido em hábitos, costumes e modos de vida do homem tem ganhado espaço de discussão na academia. Portanto, essa dissertação possibilita discutir e analisar a prática do curandeirismo em Bragança, lugar onde ela ocorre em meio a uma dada realidade local, todavia, a mesma agrega pontos convergentes e divergentes em relação à ocorrência desta prática em outros lugares.

A pesquisa se propôs também em construir um discurso de valorização do modo que sujeitos elaboram e constroem práticas de vida, levando em consideração também a relação que estes estabelecem com a população bragantina. Deste modo, tal proposta legitima o saber empírico destes sujeitos, da mesma forma que o conhecimento “científico” possui seu valor na sociedade. Todavia, é de suma importância deixar claro que em momento algum se pretendeu comparar tais formas medicinais, reafirmando cristalizações bastante difundidas como, científico x não-científico, científico x popular ou ainda conhecimento x saber, nem tão pouco desprestigiar o conhecimento que se baseia na cientificidade, ou seja, na ciência. O que aqui se propõe é entender como se desenvolve a prática do curandeirismo neste município e a relação de trocas simbólicas que este possui com outros

¹³FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 2012. GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

¹⁴GADELHA, Georgina da Silva. **Os saberes do corpo: a “medicina caseira” e as práticas populares de cura no Ceará, 1860-1919**. 186f. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2007.

¹⁵PUTTINI, Rodolfo Franco. Curandeirismo, Curandeirices, práticas e saberes terapêuticos: reflexões sobre o poder médico no Brasil. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo v. 11, n. 3 p. 32-49 Nov. 2010/Fev. 2011. Disponível em< <http://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/13221>>. Acesso em: 27 de maio de 2013, às 10:32h.

discursos, sejam da relação que este estabelece com a medicina “científica”, seja com a sociedade.

A relevância acadêmica desta pesquisa, bem como sua adequação à linha de pesquisa “Memórias e saberes interculturais” está justamente quando pensamos na importância de entender essa nova história cultural que vem sendo configurada, onde a sociedade não pode ser pensada como homogênea. Tendo em vista esse pensamento, porque poderíamos pensar em uma nova história cultural? Justamente, quando introduzimos nos espaços científicos os estudos de saberes, práticas de grupos “subalternos”, enfim, diversas práticas de grupos ou comunidades. Assim, durante o desenvolvimento do projeto, optei pela história oral, tendo em vista que a mesma se constitui como um

método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica e etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo¹⁶.

Realizar tais entrevistas, percorrendo memórias que estão inseridas na prática do curandeirismo, significa dizer que as entrevistas gravadas ganham status de documento. Não o passado “tal qual como ocorreu”, mas “uma ou várias interpretações desse mesmo fato, levando em consideração os elementos que em outros tempos eram considerados de pouca importância, como: “o entrevistado distorce a realidade”, “falhas na memória”, “ou errar um relato”, e que hoje são ações consideradas dentro do contexto da oralidade. Adotar tal metodologia implica em ampliar o conhecimento sobre acontecimento e conjunturas do passado, visto por meio de experiências de sujeitos e memórias individuais de compreensão da sociedade, possibilitando relacionar a realização dessa prática em outros lugares, comparando testemunhos, afim de, compreender as conjunturas do mundo contemporâneo.

Considerando tal caminho metodológico, percorri o município realizando entrevistas com curandeiros, com pessoas que já se consultaram, parentes e vizinhos dos mesmos. Dentre os desafios que surgiram, o primeiro diz respeito em considerar o lócus de estudo, por conta de sua dimensão, decidir restringir a pesquisa da microrregião bragantina para a cidade de Bragança, mas especificamente, voltada para a entrevista com moradores de alguns bairros do

¹⁶ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p.18.

município, optando, na maioria das vezes, por moradores que residiam no bairro no qual o curandeiro residem. Considerei também entrevistas realizadas em algumas localidades vizinhas a Bragança, como: vila do Abacateiro, Treme e Igarapé-Apara, destas, utilizo as entrevistas de moradores do espaço considerado da cidade e da Vila de Igarapé-Apara, localidade que se encontra nas proximidades de Mirasselas.

Um dos motivos que justifica a escolha deste município como lócus de pesquisa, diz respeito a minha história de vida, associada em grande parte, a deste município e das histórias que fizeram parte de minha infância: narrativas de cura, de pajés, remédios e milagres. Desse modo, quando mais a pesquisa segue, memórias ampliavam-se diante de mim. Construir um trabalho que exigisse que a realização de entrevistas com moradores, além do papel árduo de pesquisador de dedicar uma posição de honestidade, sensibilidade e de competência diante dessa escuta de memórias de pessoas, de fatos e de vida, precisava ter em mente que estou nesse contexto como “co-agente na criação do documento de história oral”.¹⁷ Entendendo e considerando que

sua biografia e sua memória [minha, como pesquisadora], são outras, e não estão propriamente em questão, mas ambas são decisivas em sua formação de pesquisador; sua memória a respeito do tema e/ou ator em evidência na entrevista vem em grande parte de suas pesquisas (...), e é preciso que ele tenha consciência da importância desse trabalho para o exercício de sua atividade.¹⁸

Outro ponto importante a considerar é a escolha dos entrevistados e do tipo de narrativas adotados na pesquisa. Durante o tempo estimado realizei dez entrevistas de tipo trajetória de vida com três curandeiros do município, a saber, Antônio Pereira Macena, Iracema Rodrigues da Silva e Almerinda Vieira de Sousa. Na definição utilizada por Lucília Delgado entende-se que a história de vida, se constitui como uma espécie de reconstrução da trajetória de sujeitos históricos, por conta disso que esse tipo de entrevista é constituído de

depoimentos aprofundados e, normalmente, mais prolongados, orientados por roteiros abertos, semi-estruturados ou estruturados, que objetivam reconstituir, através de diálogo do entrevistado com o entrevistado, a trajetória de vida de determinado sujeito (anônimo ou público), desde a sua mais tenra idade até os dias atuais.¹⁹

¹⁷ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p.23.

¹⁸Id.,ibid.

¹⁹DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.21.

Desse modo, essa tipologia possibilitou a coleta de informações que giravam em torno da trajetória do sujeito, identificando característica dos locais de nascimento, infância, nascimento do dom, experiência e relações familiares com a população. Especificamente, em razão da temática do curandeirismo e da rotina de vida dos curandeiros, para conseguir realizar essas entrevistas, precisei adquirir confiança entre estes sujeitos, esse elemento foi variável em cada sujeito, estabelecendo relações de proximidades com um tempo. Com moradores foram realizadas quinze entrevistas, entre estes: pessoas curadas, que se consultaram e que testemunharam curas, considerando a faixa etária de 30 até 80 anos, selecionando para o uso com estes da entrevista do tipo temática por entender que essas entrevistas

fazem referência a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. Podendo ser um desdobramento das histórias de vida, ou compor um elenco específico.²⁰

No que se refere à transcrição adotada para as entrevistas realizada com os colaboradores, procurei utilizar alguns pontos destacados no trabalho de José Guilherme Fernandes a respeito da grade de transcrição²¹ adotada no Projeto de pesquisa “Rotas do mito”,²² tais pontos referem-se à adoção da transcrição grafemática, dando atenção para a pronúncia do narrador, aproximando a transcrição do modo de falar de cada colaborador, por considerar “a antecedência do oral em relação ao escrito, a escrita deve “servir” as nuances e expressividades das narrativas orais”;²³ a opção por marcar distintamente, no texto, as vozes do narrador/entrevistado e do pesquisador/entrevistador, adotando, para tanto, as fontes ARIAL quando utilizo minhas palavras e a fonte COMIC SANS MS para representar

²⁰DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.22.

²¹Lê: FERNANDES, José Guilherme. Do oral ao escrito: Implicações e complicações na transcrição de narrativas orais. **Revista Outros tempos**. Belém, v.2, n.2, p. 156-166. Disponível em: www.outrostempos.uema.br>

²²O Projeto de Pesquisa “Rotas do Mito”, do Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, do Centro de Letras e Artes, da Universidade Federal do Pará, possui o apoio do Núcleo de Meio Ambiente, da referida universidade. O objetivo do projeto é registrar, analisar e catalogar narrativas orais, oriundas de histórias de vida ou da tradição oral, para posterior interpretação, baseados em conceitos da teoria da narrativa, da sociologia da cultura e dos estudos culturais. Atualmente o *corpus* é constituído de narrativas de imigrantes e seus descendentes que se estabeleceram na Amazônia a partir da eclosão do Ciclo da Borracha, de um lado, e por outro lado composto de narrativas míticas e lendárias coletadas pelo Projeto de Pesquisa IFNOPAP (O imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia paraense), do mesmo Centro.

²³FERNANDES, José Guilherme. Do oral ao escrito: Implicações e complicações na transcrição de narrativas orais. **Revista Outros tempos**. Belém, v.2, n.2, p. 156-166. Disponível em: www.outrostempos.uema.br>

as entrevistas realizadas, por considerar seu caráter mais cursivo, manuscrito e por estabelecer relação com a ideia de corpo e movimento.

De todo diálogo com essas experiências de vida e de religiosidade, o trabalho ligou-se, inevitavelmente, às relações com a dinâmica do município, as relações familiares de trabalho e de lazer. Então, para se completar o exposto, a dissertação foi dividida em três capítulos, a saber: o primeiro, intitulado “Conflitos e rivalidades: Curandeiros e médicos”, dedicou atenção especial em entender como ocorreu essa relações entre os séculos XVI ao XIX, materializando-se no contexto atual da prática, na contemporaneidade. Concentrei atenção também, nas interpretações das principais leis ligadas ao curandeirismo, relacionando-as com as práticas desses sujeitos no contexto bragantino. Além de discutir que elementos pertencentes ao curandeirismo recebem influências e trocas simbólicas dos discursos da “ciência”, fazendo um movimento de trânsito e de trocas frente à realidade bragantina.

O segundo capítulo, intitulado “Curandeiros em Bragança: cura e modos de vida” pôs-se ao serviço de lidar com as trajetórias de vida e experiências cotidianas de curandeiros. Em conformidade com isso, pretendo conhecer e discutir a respeito da diversidade que existe na prática do curandeirismo, a partir dos saberes de Antônio Pereira Macena, de Iracema Rodrigues da Silva e Almerinda Vieira de Sousa. Todos os curandeiros que, movimentando saberes e experiências, realizam a cura de moradores do município. Por fim, em “Modos de vida e construção de sentido: moradores constroem significado para o curandeirismo no município”, procuro entender os diversos sentidos criados pelos moradores, tendo em vistas as práticas dos curandeiros e os motivos que levam as pessoas a procurar a cura por meio destes sujeitos, considero, portanto, dois pontos principais: a valorização do indivíduo e a visão da doença como um fenômeno global e não particularizada.

Enfim, deseja-se afirmar que não se pretende com esta pesquisa descobrir o verdadeiro sentido que envolve a prática do curandeirismo em Bragança; já que é utopia pensar aqui nas noções de verdadeiro e falso. O que, de fato, propõe-se é a realização de interpretações parciais e, portanto não conclusivas a respeito dos saberes e modos de vida que envolve tais práticas. Dito isto, os pontos estudados nesta pesquisa serão também repensadas, em outros contextos, por pesquisadores, surgindo assim, outras possibilidades de interpretações.

CAPITULO 2: CONFLITOS E RIVALIDADES: MÉDICOS E CURANDEIROS

2. 1 - Tensões entre magia e medicina do século XVI ao XIX

A madre é uma parte ordenada da natureza em mulheres, principalmente para receber o sêmen, e dele se engendra a criatura para conservação do gênero humano, e para ser caminho por onde se expurgue cada mês o sangue supérfluo que se cria demasiadamente na mulher, não só por fraqueza do calor natural que nelas há, como por defeito do exercício [...] os testículos [ovários] são mais pequenos do que os dos homens.²⁴

Envolvidos em um ambiente de crenças em poderes mágicos, explicações a respeito do funcionamento do corpo da mulher e tendo por bases de pensamento: a alquimia medieval, a astrologia e o empirismo, o saber médico em Portugal foi sendo construído. Os termos e explicações médicas refletiam uma ingenuidade, deixando transparecer, o despreparo oriundo de uma formação escolar insuficiente. Este cenário refletia o discurso de homens e mulheres simples, dos religiosos e médicos de Portugal entre os séculos XVI e XVIII.

O objetivo central dos estudos de fisiologistas e de médicos de Portugal girava em torno da seguinte afirmação da doença: quando determinado homem ou mulher estivesse acometido de uma doença, só existia uma explicação: Deus estava castigando aquela pessoa pelos pecados cometidos durante a vida. Todos os estudos tinham por base tal pensamento religioso, dando mais especificidade aos estudos a respeito do corpo da mulher, tendo em vista a seguinte finalidade: entender para que fins, Deus criou a mulher. Apoiado em tal dúvida, moviam-se seus estudos em encontrar uma normalidade que exprimisse destino biológico da mulher, com estudos voltados para anatomia e a patologia. Por essa razão, são construídos conceitos como o de madre (útero da mulher) presente na epígrafe.

Nesse período, médicos em Portugal eram criadores de conceitos. Cada conceito elaborado por eles tinha uma dada função no interior de um sistema, tal conceito atingia proporções maiores até chegar a proporções que iam além da medicina propriamente dita. Esse pensamento é discutido por Mary Del Priore que entende que os conceitos e explicações do estatuto biológico da mulher estavam

²⁴PRIORE, Mary Del. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10ed, São Paulo:Contexto,2011.

associados a outras explicações de cunho moral e metafísico. Um exemplo disso está refletido em um pensamento muito comum, que já vem sendo propagado por longos anos, a ideia da fragilidade do corpo feminino, comparado ao masculino; justamente porque, biologicamente, os ossos da mulher são mais fracos e menores do que os dos homens, conseqüentemente a isso, ela é mais frágil, psicologicamente, do que o homem. No período colonial, o corpo da mulher era entendido como o palco onde se digladiavam Deus e Diabo. Por essa razão, é que médicos o estudavam, atribuindo demasiada atenção para questões ligadas ao útero. Justifica-se, portanto, o porquê da imagem abaixo, da ênfase na barriga, na forma de um buraco que permite vê alguns órgãos. Dito isto, seu corpo e sua sexualidade são vistas, neste período, como a serviço de todos os tipos de feitiçaria.

ILUSTRAÇÃO 1 – Por ser considerada uma agente de Satã, o corpo e a sexualidade da mulher podiam prestar-se a todos os tipos de feitiçarias; com o tempo, a medicina transformou corpo feminino em mera fisiologia.



Fonte: PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.111.

De modo geral o corpo feminino era coberto de valores religiosos e envolvidos pelo sentimento do pecado e da culpa. O conhecimento que predominava no Brasil-Colônia era o religioso, envolvido por este imaginário do pecado e dos encantamentos, o corpo, portanto, visto como alvo de feitiço. Essas mulheres, que treinavam seu olhar buscando em seus quintais, nas hortas e nas diversas plantas os signos e significados das práticas de cura e cuidados com o próprio corpo, eram discriminadas tanto pelos médicos quanto pelos religiosos, pois estes, entendendo que o campo do sobrenatural e do mágico se constituía como privilégio de poucos, somente daqueles escolhidos por Deus, não admitiam que mulheres invadissem tais

espaços na tentativa de se apropriar destes saberes, a exemplo de curandeiras e benzedadeiras.

Sendo assim, o conhecimento sobre o corpo feminino limitava-se para aqueles que se referiam à reprodução. Um exemplo disso se reflete nos receituários e manuais de cuidado, onde comumente, se observava estudos voltados pelo interesse da “madre”, nome atribuído ao útero e pela busca de sua funcionalidade. Desse modo, o corpo feminino, neste período, se constituía como um “receptáculo sagrado”, que tinha apenas a finalidade da procriação. Dos corpos femininos exalavam temores e poder; tais mulheres, para o pensamento da época apresentavam-se como verdadeiras aliadas do Diabo, enfeitizadas e feiticeiras, como esboça Del Priore. Essa relação que ali se estabeleceu com o sobrenatural significou mais do que um simples processo de cura, quando da ausência de médicos, foi um importante momento para que mulheres tivessem a oportunidade de compartilhar saberes relativos aos seus corpos. Saberes estes oriundos das mais diversas áreas geográficas.

Negras, mulatas, índias e brancas realizam trocas de conhecimento, refletidos em gestos, palavras e práticas de cura relativa a cada cultura. Enquanto a ciência médica ia de encontro o pensamento mágico destas mulheres, elas continuavam ali, tentando restituir a saúde e a vida. Nos primeiros tempos de colonização o pensamento girava por estas bases, homens e mulheres acreditavam que a doença era uma advertência divina. Deus assim afligiria nossos corpos com o único intuito de fazer com que pagássemos por nossos pecados, por isso que, qualquer doença ou mazela que fosse acometida no corpo da mulher era interpretada como “índice da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico”.²⁵ Diante do surgimento do microscópio por Antoine van Leeuwenhoek, naturalista holandês ou a descoberta de óvulos nos testículos femininos por Reinier de Graaf, continuam com a crença de que o corpo feminino e o fenômeno da procriação eram assuntos divinos e, portanto intocáveis. Por essa dificuldade de inserção do pensamento nacionalizante na cultura, a mesma seguia mergulhada na moral religiosa, esboçadas no modo de pensar as questões ligadas ao corpo feminino. O que não ocorria em outros lugares, como “(...) na França, Inglaterra ou Holanda se experimentavam o progresso intelectual, e nos plano científico uma verdadeira revolução tinha ocorrido entre 1620 e 1650”.²⁶

²⁵PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.78.

²⁶Id., ibid., p.79

Segundo Mary Del Priori, diversos foram os fatores que contribuíram para esse atraso na medicina portuguesa. A inquisição, que foi vista como “caçadores de opiniões” discordantes. Tal fato tem como exemplo, o surgimento do colégio de Artes e Humanidades em 1547, destacando-se como uma ameaça a política religiosa e cultural seguida pelo rei. Tal acontecimento gerou prisões e um processo de “limpeza” em relação aos professores estrangeiros e por fim, a entrega da escola aos jesuítas. O mesmo ocorrendo na Universidade de Coimbra, que teve seu curso de medicina impedido de receber novas ideias, restringindo-se ao pensamento medieval. Assim permaneceu Portugal, nos séculos XVI e XVII, inibida diante de qualquer nova iniciativa científica ou cultural, diante da união entre os jesuítas, o Tribunal do Santo Ofício e a Coroa, provocando um grande período de estagnação intelectual: alunos instruídos exclusivamente com livros antigos, dedicados ao reconhecimento dos “velhos mestres” como Aristóteles, enquanto o ensino oficial da medicina continuava a estender seu dogmatismo, alheio a todo progresso que se verificava fora de Portugal.²⁷ Dessa forma, seguia-se Portugal, bem como a Colônia, carente de profissionais naufragava em atraso e métodos medicinais. Enquanto em outros países, a experimentação científica orientava as pesquisas, seguia-se em Portugal, a crença na ação diabólica como base dos remédios ora recomendados.

ILUSTRAÇÃO 2 - Na ausência de médicos, as mulheres tratavam-se entre si. Na imagem, a velha, provavelmente uma parteira, aplica um clister na doente.



Fonte: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.101.

²⁷PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.79.

Na ausência de médicos, era comuns parteiras utilizarem esses procedimentos em alguns doentes. A imagem retirada do texto de Mary Del Priore enfatiza esses cuidados. Uma parteira aplicando um clister em uma paciente. Reafirma-se aqui que a doença possuía uma conexão íntima com o demônio, sendo o corpo da mulher, o local onde isso era permitido, o corpo da mulher se abria assim, para males maiores, a exemplo da histeria. Aristóteles acreditava que era o homem quem insuflava alma, vida e movimento à matéria inerte produzida no útero pela mulher.²⁸ Pensamento no qual, os médicos e os religiosos acreditavam fielmente. Sendo a mulher “bem constituída”, aquela “que se prestava a perpetuação da espécie, ungida por uma vocação biológica que fazia da madre uma forma na qual era organizada a hereditariedade”.²⁹

Mais tarde, na primeira metade no século XIX, existiam no Brasil, uma dada relação que se estabelecia entre médicos e outros terapeutas. Entre os anos de 1808 e 1828, licenças e cartas eram obrigatórias para quem quisesse exercer alguma atividade relacionada à arte de curar. Para realizar esse trabalho foi instituída a fisicultura que tinha como sede a cidade do Rio de Janeiro. Este órgão era responsável por autorizar, mediante uma carta de recomendação de seu mestre, que os terapeutas pudessem praticar seus ofícios. Dentre estes estavam: as figuras centralizadas e de mais prestígios: o físico–mor, responsável pela prescrição e fabricação de remédios, o cirurgião–mor, responsáveis pelas intervenções cirúrgicas, além de outros terapeutas e demais que possuíssem uma posição mais desprestigiada, como: sangrador, boticário, parteiro, curandeiro, dentista e outros. Havendo, desse modo, uma hierarquia entre as categorias de médicos e demais terapeutas.

Essas atividades se configuram na sociedade dentro de uma grande diversidade, por exemplo, o órgão da fisicultura determinava, por exemplo, que as parteiras deveriam apenas partejar, o trabalho do curandeiro teria que se limitar em trabalhar com as ervas medicinais, todavia, os diversos problemas da população obrigavam os mesmos a expandir seus atendimentos para a prescrição de remédios e outros trabalhos, fator que causava rivalidade entre os médicos. Uma vez que os últimos tentavam chamar atenção das autoridades para estes profissionais que atuavam ilegalmente, tentando desqualificá-los.

²⁸PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto: 2011. p. 82.

²⁹Id., ibid., p. 83

Hoje, essa diversidade ainda é presente, mas é estabelecida de modo diferente em Bragança. Ocorre que, o poder público autoriza o trabalho de médicos e postos de saúde, diferente das práticas dos curandeiros que realizam suas consultas em suas próprias residências, mas o funcionamento delas é de conhecimento tanto do poder público, quanto dos médicos. Essa relação que se instaura hoje entre o poder público e os curandeiros ocorre, ainda, em meio a discursos camuflados, pela desconfiança e pelo preconceito. Essa relação é refletida nas palavras de um médico do município

Agora isso se tu for falar antropologicamente, ha quanto tempo existe a medicina, perto de que há quanto tempo existe a humanidade? Né? Bragança, por exemplo vai fazer 400 anos, curso de medicina do estado do Pará? Então como era que esse povo se virava? Né? Há 200 anos atrás? Então essa arte começou a existe, através de que? Conhecer as plantas, através do indígena vem a história da fé, que é a pajelança e a experiência dos pós-resultados que antes eles obtinham, né? Agora, no caso específico que tu estais falando do seu Antoninho, eu acho que é um caso fora a parte, porque? Eu acho que existe a pajelança, o curandeirismo e o experiente. Tu já ouviu esse termo, né? “O que fulano é? Ele é um experiente.” Eu acho que experiente é que domina um certo talento de persuasividade, associado com alguma experiência que ele teve na área, porque eu acredito que pra ele saber o que ele sabe, ele não soube puro e simplesmente através do aprendizado, na prática, lhe dando com isso. Eu acho que é uma coisa que teria que investigar, a vida dele. Por exemplo, se ele fez um curso de enfermagem, se ele fez algum estágio em hospital, se ele já trabalhou próximo ou junto de algum profissional. Pode ser que tenha acontecido isso, pra você poder ver e comparar com os outros.³⁰

Curandeiros e demais terapeutas desprestigiados não faziam muita questão em oficializar seus trabalhos, pois não visavam muitas vantagens, uma vez que sua clientela cada vez mais aumentava. A população justificava esse aumento na procura da seguinte forma: trabalhos dos curandeiros eram mais baratos, em certos lugares era difícil conseguir médicos especializados e, muitas vezes, mais consideráveis, uma vez que muitos destes se identificam com suas crenças religiosas e etnias. A respeito ainda dessa questão da oficialização de cartas e licenças para curandeiros é importante o leitor perceber as reflexões de Tânia Pimenta discutidas em “Terapeutas Populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX”

Durante os 20 anos de atuação da Fisicultura no Rio de Janeiro oficializaram no Brasil, o que corresponde, respectivamente, a 16%, 5% e 2% do total de títulos expedidos – situação que destoa radicalmente do constatado em outras fontes, como os viajantes, os

³⁰Entrevista concedida pelo Dr. Samuel Lahire Cavaleiro, formado pela UEPA, especialista em saúde pública, que atua nos município de Tracuateua, Bragança e Augusto Correa, na data de 20 de Novembro de 2012 às 19:00 hs.

periódicos e as correspondências entre autoridades, que fazem referência à presença desses terapeutas disseminada pelo Brasil.³¹

No dia 30 de agosto de 1828 foram extintos os cargos de físico-mor e cirurgião-mor do Império. Todas as funções delimitadas para estes foram repassadas para as Câmaras Municipais. Assim, cada vez mais, médicos – cirurgiões vinham se organizando com o objetivo de ter o monopólio dos serviços de saúde. Com a criação da Câmara, como órgão responsável dessa fiscalização, o último decreto de autorização de terapeutas para realizar seu ofício com a carta, não fazia menção aos curandeiros. Por isso, a situação se complicava para esse grupo. Com o surgimento da lei que transformava as academias médicos-cirúrgicas em faculdades de medicina, a comunidade passou a conceder títulos para médicos, farmacêuticos e de parteira, todavia, mesmo com o surgimento desta legislação, os curandeiros continuavam a aumentar suas clientela. Os órgãos competentes no, século XIX, prestigiava o médico como os responsáveis pela cura. Ao contrário disso, diversos testemunhos dessa época eram convictos em afirmar que os curandeiros poderiam ser denominados como os médicos dos pobres e, em alguns lugares, esta era a salvação para uma parte da população. Além do que muitos deles compartilhavam de crenças religiosas próximas de seus pacientes, fazendo com quem a população tivesse grande confiança nestes sujeitos.

Em Bragança, enquanto médicos realizam suas consultas em hospitais e postos de saúde, curandeiros realizam, em suas residências, os seguintes serviços: receitar remédios caseiros ou “de farmácia”, rezas, banhos, conversas, partos, aconselhamentos e desmancha feitiço. A presença e frequência dessas atividades variam de cada curandeiro. No depoimento de um colaborador da pesquisa percebe-se a confiança e fé que ele possui nos curandeiros.

Olha, na minha opinião alguns curandeiros tem a visão que muitos médicos não tem. Eu falo isso, porque o médico até tem seu conhecimento de estudo, da doenças e dos tratamento, mas é que hoje tá surgindo tanta doença que as vezes eles não dão conta, ou seja, na minha opinião aquela pessoa precisa de mais uma força, a força e paz da alma que o curandeiro pode dá, através da conversa, dos conselho, da oração. Às vezes, por meio do curandeiro aquele santo que tu já conhecia, como São Benedito, tu consegue sentir ele mais, então tu pedindo com toda crença, aquela doença vai embora,

³¹PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século IXI. In: **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2003.

mas precisa do curandeiro, porque enquanto tu tá pedindo pra aquele santo, ele pede por ti também.³²

Quando a medicina começou a ser entendida enquanto ciência, tanto o saber empírico quanto os conhecimentos teóricos estavam envolvidos. Lycurgo Filho, no seu livro, “História geral da medicina brasileira”³³, afirma que a ciência médica era influenciada por esses dois elementos. Em seguida, a medicina afastou-se do empirismo, todavia, levou consigo muitas construções simbólicas, tentando, posteriormente, excluí-las. Por conta disso, hoje, os elementos e aspectos sagrados presentes na medicina foram empurrados para “zonas obscuras”, em que os médicos e demais especialistas acreditam estarem exercendo uma atividade científica, livre e distante de aspectos religiosos e sagrados. De acordo com alguns depoimentos realizados junto a médicos deste município, existem médicos de diferentes posições. Alguns poucos revelam os aspectos religiosos e de crença durante seus trabalhos, limitando-se suas consultas em conhecimentos teóricos práticos oriundos de estudos científicos. Em contrapartida, em alguns depoimentos, médicos relacionam suas vocações com a vontade divina, afirmando, que tal profissão não pode ser exercida por todos, apenas para poucos. Isso está presente no trecho da entrevista com o senhor Samuel Cavaleiro.

Pra gente, pra nós, profissionais da medicina, a medicina, antes dela ser uma ciência ela é uma arte, né? A arte pela vocação, pela paixão, pelo ser humano e fazer, como é que se diz, fazer a principal ação que é a ver a vida humana em plena atividade física, insalubre, né? Então isso é uma arte e esse talento, esse dom, talvez não seja só para quem teve a porta de entrada e habilidade pra fazer a ciência, nós médicos somos, um produto da nossa vocação, o dom que Deus dá pra gente e a ciência é a formação que a gente tem, por isso somos os médicos.³⁴

Aldrin Moura de Figueiredo, em seu texto “Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia” ajuda-nos a atender esse período de constantes confrontos entre os pajés e médicos reconhecidos na Amazônia. Em Belém do Pará, por exemplo, na virada do século XIX, travou-se um palco de uma das maiores disputas entre a medicina oficial e as práticas de cura ministradas pelos pajés aos seus pacientes. Era, nas palavras de Aldrin Figueiredo,

³²Entrevista concedida pelo senhor Raimundo Pereira Sousa, morador de Bragança-PA, 68 anos, no dia 10/08/2011, às 19:00 horas.

³³SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hunicet, Universidade de São Paulo, 1991.

³⁴Entrevista concedida pelo Dr. Samuel Lahire Cavaleiro, formado pela UEPA, especialista em saúde pública, que atua nos municípios de Tracuateua, Bragança e Augusto Correa, na data de 20 de Novembro de 2012 às 19:00 hs.

“a ciência ocupando o lugar da magia, a civilização lançando luz sobre a barbárie e o médico com bisturi derrubando o pajé e seu maracá”.³⁵ Nesse período, quase não havia muitas informações e materiais que falavam sobre a prática da pajelança,³⁶ se formos compará-la ao que se tem em relação à medicina oficial, todavia, sobre aquela começou a surgir histórias sobre o ofício que consistia em uma vasta e complexa teia de concepções de cura e que elas já existem há bastante tempo, o problema é que não possuíam o registro por escrito, da mesma forma que tem a medicina oficial. Mesmo assim, desde período essa prática de cura chama atenção por parte de alguns intelectuais que começam a produzir trabalhos sobre determinada prática e começam assim a construir uma bibliografia que discute as suas origens e características.

No momento em que Belém vivia a sua “belle époque equatorial”, época em que o governo não media esforços para colocá-la no mesmo patamar das grandes cidades, muitos não gozavam destes prestígios, ficando, esse “progresso” limitado a alguns poucos grupos sociais. Somente a elite tinha direito a bons tratamentos, enquanto que para grande população pobre, não havia muitas iniciativas em construir ou reformar hospitais com um número de médicos capazes de atender a grande população e um número considerável de doentes. Nesse momento, a figura do pajé ou curandeiro surgia como personagem principal no tratamento de diversas doenças comuns nas populações, principalmente as mais carentes e pobres da capital e do interior do Pará.

Os jornais e noticiários funcionavam, na época, como um veículo de propaganda tanto da medicina oficial quanto da medicina popular. Todavia o espaço destinado à informação paga, que gozava os médicos, era diferente dos espaços destinados à veiculação do trabalho do pajé, que muitas vezes não se tinha condição de pagar para o anúncio de seus serviços. Assim, Aldrin Figueiredo exemplifica que

em 1990, por exemplo, enquanto a parteira Maria Pereira divulgava a qualidade de seus serviços prestados “a qualquer hora do dia ou da noite, apresentando-se como diplomada pela Junta do Hospital Pedro II de Pernambuco, um jornal concorrente, meses antes, trazia uma denúncia sobre uma outra “profissional” do ramo.”³⁷

³⁵FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. 1ªed. Belém: UFPA, 2008.p.59.

³⁶Termo utilizado nos trabalhos de Aldrin Moura de Figueiredo. Lê: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. 1ªed. Belém: UFPA, 2008.

³⁷FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. 1ªed. Belém: UFPA, 2008, p.71.

No período em questão, a disputa no campo de atuação de pajé ou curadores e médicos diplomados somente tendiam a se agravar. Sendo que a pajelança, sempre esteve entre a perseguição policial e sendo alvo de diversos grupos que a viam envolta de um grande preconceito, todavia, a maioria da população, mesmo com toda essa vinculação contrária aos pajés, insistia nos serviços do curador ou pajé. Toda essa popularidade irritava o trabalho da polícia e dos médicos diplomados até chegar ao ponto destes mandarem policiais as casas dos pajés, principalmente algumas que estavam nos centros das cidades, próximas às residências de iminentes políticos e comerciantes.

No que se refere à legislação municipal, a pajelança era vista como exercício ilegal da medicina, todavia, nesta mesma legislação não havia critérios bem definidos e claros quando da realização da busca e flagrantes que desse direito aos policiais a invadir casas de pajés ou curandeiros. Aldrin Figueiredo afirma que a perseguição que se instaurou sobre os pajés não correspondia apenas um caso de polícia, envolvia vários outros órgãos: a imprensa da época, os órgãos de saúde da cidade e a opinião de jornalistas, médicos e da própria população de maneira geral. Mesmo assim, eles ficavam “alheios” a esses debates e continuavam a desenvolver seu “trabalho”. Assim, a ciência dos médicos diplomados estava sendo exercida, nesse período, lado a lado, com o conhecimento diverso da “ciência dos pajés”.

De acordo com alguns colaboradores da pesquisa, em Bragança existe esse conflito entre a medicina “científica” e curandeirismo, todavia, esse confronto não ocorre diretamente. Dentre os dados obtidos, existe uma ausência de relatos de invasões e prisões de curandeiros. Em entrevista com o delegado Vander Veloso podemos comprovar isso.

Estes casos são raras as ocorrências, isso acontece porque a pessoa que sofre o charlatanismo, ou seja, a pessoa que é enganada, tem vergonha de vim denunciar esse crime. Até porque tem duas práticas ai. Uma é o charlatanismo e a outra, o curandeirismo. A primeira é definida enquanto uma ação de má fé na crença dos outros, enquanto que a outra é a prática de cura, com a intenção de ajudar os outros mesmo.³⁸

Tais ocorrências são raras na delegacia de polícia, segundo o delegado, das vezes que esses casos aconteceram não passaram de desentendimentos e as

³⁸Entrevista concedida pelo delegado de Polícia Civil de Bragança, senhor Vander Veloso, na data de 19 de setembro de 2012, às 16:30 horas.

partes resolveram-se na delegacia, sem chegarem a realizar ocorrências formais. Outra acusação realizada contra um curandeiro aconteceu na reunião de farmácia municipal, segundo o enfermeiro Paulo Raphael Moura. Durante entrevista ele fala a respeito desta denúncia.

Todo órgão da saúde tem um conselho. Tem o de farmácia, no caso da enfermagem, tem o COREN – Conselho Nacional de Enfermagem e o COFEN, que é o conselho federal. Em uma dessas reuniões é que ele foi denunciado, as pessoas levantaram a questão do seu Antoninho, porque ele receita remédios sem prescrição médica, o que é muito perigoso.³⁹

O trabalho de Aldrin Moura de Figueiredo a respeito dos confrontos entre médicos e curandeiros na virada do século XIX, consiste de estudos a respeito do convívio de diferentes práticas e podem ser entendidas não somente como um confronto cultural, mas também como uma história de trocas simbólicas e de mediações sócio políticas de dois grupos no mesmo espaço social. Os pajés ou curandeiros tentando manter seu trabalho, dando resposta a qualquer história que queira colocar a medicina dos médicos como a única que se manifestava na história da medicina no Brasil. No que se refere ao curandeirismo realizado hoje, em Bragança, ele ocorre em meio a contextos particulares, uma vez que em comparação com o trabalho de Aldrin Figueiredo, descrevem realidades de temporalidades diferentes, todavia, mantem discursos de valorização e de discriminação contra os curandeiros percebidos deste as referências do século XIX.

2.2 - A legislação as práticas cotidianas de curandeiros em Bragança

A culpa maior de tudo isso – afirmou o Professor Farias – é a ignorância do nosso povo inculto. Noventa por cento de analfabetos tem o Brasil! Onde estão estes governos de nossa Nação, de nosso Pará e de nossa Bragança, que somente existem para uma politicagem pessoal?! Porque não disseminam a instrução aos analfabetos, formulando leis coercitivas, obrigatórias para a instrução diária das crianças e noturnas para os adultos? Por que, ao em vez dessa política mesquinha de personalismo, não mandam médicos ao interior e não fundam postos de socorro, com medicamentos próprios às endemias rurais, gratuitamente, para a pobreza desamparada?! De todas as ciências a que é mais invadida pelo vulgo é a Medicina! (...) na Medicina, basta um apontar uma parte de seu corpo que está doendo, diz logo, um do povo: “toma tal remédio que é dito e feito, ficarás bom, pois, eu, tomei êsse remédio e estou aqui, lampreiro! Essa sua doença eu tive”. Dona Felícia, na melhor das intenções deu

³⁹Entrevista concedida pelo Enfermeiro Paulo Raphael Moura da Silva, 24 anos, no dia 20 de Novembro de 2012, às 10:00 horas.

um remédio que lhe ensinaram, ao marido, remédio êsse que já havia curado um filho de uma testemunha deste processo, e êle, o marido dela, morreu!

A epígrafe⁴⁰ acima diz respeito às palavras do professor Leôncio Farias, defensor de Dona Felícia durante o julgamento. Com o intuito de inocentar a viúva, o professor utiliza de argumentos para tentar impressionar os jurados. Reafirma, insistentemente, que Dona Felícia não teve intenção alguma de matar seu marido, apenas deu a ele um remédio que lhe ensinaram, com um único intuito: curá-lo. “Vossa Excelência, esta é que é a verdade cristalina dos autos: vidro moído curou a asma do filho de Dona Possidônia”, afirmava o defensor. Dito isto, o senhor Farias dá continuidade à sua defesa, atribuindo a culpa deste “crime” a politicagem existente no país, fator este, na opinião do defensor, que origina a falta de instrução dos 90% dos analfabetos de todo o Brasil. O descaso com a população (falta de médicos e de postos de socorro) provocam sérias consequências, dentre elas o não investimento de saúde no município, sobretudo aos interiores, como Bragança-PA.

Durante a construção da narrativa “A mulher que matou o marido enganado pensando que vidro moído era remédio eficaz pra asma”, Benedito Cesar Pereira possibilitou aos leitores refletir sobre o funcionamento do sistema de saúde do município no ano de 1906, possibilitando assim o estudo de questões relacionadas à cura, umas delas, a prática de receitar remédios caseiros, uns aos outros. Com a leitura da narrativa ainda, destaco pontos ligados a saúde, no qual, o autor deteve seu olhar. Um destes lugares corresponde ao hospital “Santo Antonio Maria Zacarias e a Maternidade “ Nossa Senhora da Divina Providência”. Estabelecimentos que, contavam com os atendimento do Dr. Armando Toda, cientista e especialista em obstetrícia e pequenas cirurgias, grande profissional em endemias rurais, ajudado, “as vezes”, pelo médico conterrâneo, Dr. Antonio Medeiros, oficial reformado no Exército e residente em Belém. Ambos profissionais, que nas palavras do autor, “satisfazem, plenamente a população laboriosa desta terra.”

Dessa forma, tanto o hospital quanto a maternidade contavam com alguns enfermeiros que, no carro-ambulância buscavam enfermos em suas residências. Além destes estabelecimentos, a população bragantina contava com os serviços realizados no posto médico do Estado, bem como, dos serviços de outros profissionais de saúde, como: Dr. Antonio Barbosa, Dr. Libório Augusto Martins,

⁴⁰PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963, p. 227.

além da enfermeira, a senhorita Leuca Oliveira, e das visitadoras, Francisca Costa e Maria Alzira Quadros. Benedito Cesar destaca ainda que: “Diariamente, acorrem à êste posto, dezenas e mais dezenas de pessoas de ambos os sexos, tanto da cidade, como do interior, em consultas às suas enfermidades”.⁴¹ O texto construído pelo bragantino é literário, porém assume papel importante, pois discorre sobre a “realidade” da saúde de Bragança, destacando estabelecimentos importantes deste município. Além disso, o mesmo texto serve também de base de pensamento para reflexão sobre o contexto atual da saúde em Bragança, possibilitando assim, pensar no sentido e na funcionalidade das práticas de cura realizadas tanto por médicos e enfermeiros, geralmente em hospitais e postos de saúde, como também nas práticas de cura realizadas por curandeiros, em suas próprias casas ou na de seus pacientes.

Reafirmo a posição que o texto não está fundamentado em uma visão cartesiana que permite uma separação em tais práticas de cura, mas procuro entender que, no município de Bragança, existe um espaço em que se permite que tais práticas se realizem concomitantemente e em meio a trocas simbólicas. Para entender tais questões, realizo o processo de rememoração através da história da construção do sentido do discurso para entender sua materialização nos tempos atuais e assim relacionar tal termo às construções que são difundidas em relação às práticas de curandeiros e médicos no município de Bragança e as interpretações pensadas.

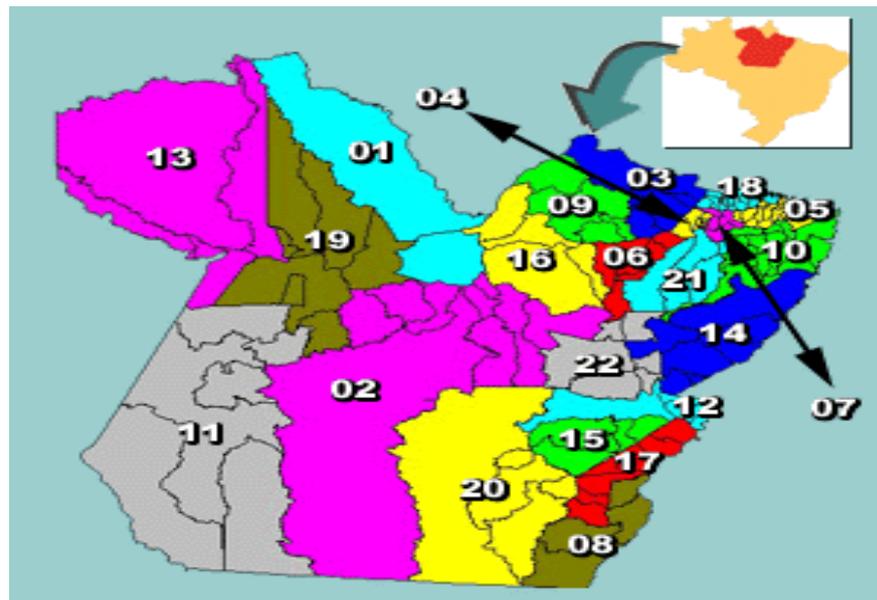
Tais práticas são desenvolvidas em meio a diversos discursos. Um deles entende que, existe um pensamento hegemônico que coloca essas duas práticas em um nível hierarquizado, ordem esta fixa e imóvel, onde a medicina dita “oficial” ocupa um lugar privilegiado dentro desse contexto. Isso ocorre porque a base que sustenta esse pensamento está apoiada no discurso científico, criando assim, a ideia de que as verdades são inquestionáveis. Esse pensamento também é sustentado pelo fato de que, durante muito tempo as explicações que giravam em torno da medicina oficial eram entendidas dessa forma e ainda hoje, alguns discursos tendem a considerar essa perspectiva.

Um exemplo da perpetuação desse discurso é de que, existem em Bragança, representantes de instituições médicas, igrejas católica e evangélica, representantes da justiça (delegado e juízes) que, muitas vezes, invalidam o discurso do

⁴¹PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963, p. 157.

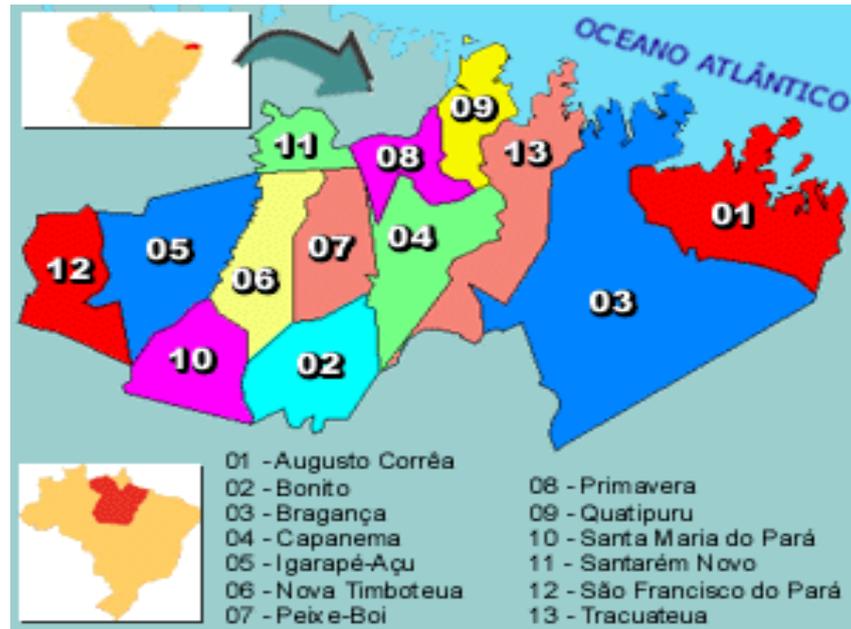
curandeirismo, associando-o a outras denominações de cunho preconceituosas, como: charlatanismo, bruxaria, macumba e tantas outras, valendo-se da imposição de dogmas religiosos ou do uso de fundamentações legais e jurídicas. Ao passo que, uma grande parcela da população bragantina recorre aos serviços de curandeiro(a), desconsiderando e indo de encontro ao discurso hegemônico, pois para essas pessoas estes curandeiros exercem uma função social no município, estabelecem a ordem do corpo e da mente humana, trazendo a paz que já estava perdida, aliviando as tensões sofridas por uma doença ou outra espécie de problema que uma pessoa esteja sofrendo. Diante desse quadro, entendo que os discursos institucionalizados que são proferidos em sociedade, na prática, não se materializam. Veja os mapas abaixo que possibilitam dados quanto à localização deste município.

MAPA 1 – Índice das microrregiões do Estado do Pará. 01-Almeirim, 02-Altamira, 03-Arari, 04-Belém, **05-Bragantina**, 06-Cametá, 07-Castanhal, 08- Conceição do Araguaia, 09- Furos de Breves, 10-Guamá, 11-Itaituba, 12- Marabá, 13-Óbidos, 14-Paragominas, 15-Parauapebas, 16-Portel, 17-Redenção, 18-Salgado, 19- Santarém, 20- São Félix do Xingu, 21-Tomé-Açu, 22-Tucuruí.



Fonte: IBGE. In: SILVA, Jerônimo da Silva e. **“No Ar, na Água e na Terra: Uma cartografia das identidades nas encantarias da “Amazônia Bragantina”**. 2011, 214f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

MAPA 2 – Na microrregião Bragantina vemos a localização de Bragança.



Fonte: IBGE. In: SILVA, Jerônimo da Silva e. **No Ar, na Água e na Terra: Uma cartografia das identidades nas encantarias da “Amazônia Bragantina**. 2011, 214f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

De acordo com dados recentes da estatística municipal produzida em 2011, conforme indicativo do documento emitido pela SEPOF – Secretaria de Estado de Planejamento Orçamento e Finanças, os 113.227 habitantes de Bragança contam com esses números de estabelecimentos básicos de saúde. No quadro abaixo, demonstro, dados como, o ano de fundação dos estabelecimentos, bem como seus quantitativos no município.

TABELA 1- Estabelecimentos de Saúde em 2008/2009 – Município de Bragança

Estabelecimentos	2008	2009
Centro de Saúde/ Unidade Básica de Saúde	9	10
Central de regulação de serviços de Saúde	1	1
Clínica/ Albulatório especializado	3	3
Consultório Isolado	6	5
Cooperativa	-	-
Fármacia	-	-
Hospital Especializado	-	-
Hospital Geral	3	3
Laboratório Central de Saúde Pública - LACEN	-	-
Policlínica	-	-
Posto de Saúde	8	8
Pronto Socorro Especializado	-	-
Pronto Socorro Geral	-	-

Secretaria de Saúde	-	-
Unidade de Serviço de apoio de diagnose e terapia	2	2
Unidade de vigilancia em saúde	1	1
Unidade mista	-	-
Unid. móvel de nível pré-hosp-urgência/ hemergência	-	-
Unid. Móvel fluvial	-	-
Unidade móvel Terrestre	-	-

Fonte: BRAGANÇA. **ESTATÍSTICA MUNICIPAL**. 2011. Tabela com Informações sobre Unidades Ambulatoriais Cadastradas no SIASUS (Sistema de Informações Ambulatoriais do SUS – Sistema Único de Saúde). Disponível em: <<http://iah.iec.pa.gov.br/iah/fulltext/georeferenciamento/braganca.pdf>>. Acesso em 10 de Julho de 2013.

Hospital Geral de Bragança, Hospital Santo Antônio Maria Zacarias e Hospital das Clínicas, em termos gerais e conforme a tabela de dados do SIASUS são estabelecimentos maiores que realizam os serviços básicos e especializados da população bragantina. Nestes lugares centrais, bem como nos outros de denominações constantes na tabela acima, diversos médicos e enfermeiros desenvolvem serviços de saúde básica e especializada para a população. Apesar de uma quantidade razoável de estabelecimentos que realizam serviços de saúde, com frequência ocorrem casos de reclamações em estabelecimentos como hospitais e postos de saúde, uma vez que, a população aumenta com o passar dos anos e o município carece de outros novos postos e hospitais. Todavia, o que percebo neste município, é que uma grande parcela da população, se utiliza concomitantemente, tanto de soluções médicas para sua cura, quanto de soluções com curandeiros da cidade. Assim, a visita a um hospital não isenta um morador de frequentar a casa de um curandeiro. Em alguns casos, o paciente se utiliza dos dois serviços (médicos ou não), é o caso do senhor Darival Risuenho da Silva⁴² que conta como ocorre a prática do curandeiro Antônio Pereira Macena⁴³

Ele adivinha o que você tem, o que você sofre, ele vai dizendo TUDINHO, vai orando... e vai dizendo tudinho o que a pessoa sente, aí depois que passa um remédio. A consulta dele ele sempre fazia com oração, tinha sempre um negócio de oração, ele hoje já consulta quase sem oração, mas antes ele consultava quase só com oração, melhor dizendo, sempre. Hoje, tem o negócio do exame. Porque quando tem o exame eu vou pro hospital, mas ele da passe,

⁴² Entrevista concedida pelo senhor Darival Risuenho da Silva, morador de Bragança-PA, 77 anos, no dia 14/08/2011, às 16:00 horas.

⁴³ Curandeiro nascido na vila de Caratateua, distante 4 km de Bragança. Hoje reside no município de Bragança-Pará, 65 anos, conhecido em Bragança, como “seu Antoninho”.

ele benze as pessoas e hoje, ele, de acordo com a necessidade ele faz esse trabalho de benzer, de rezar e até de defumação, com aquela fumaça.⁴⁴

No decorrer da entrevista com o senhor Darival Risuenho, o mesmo contou que já conhecia o curandeiro desde muitos anos atrás, ainda quando residia na região do Cacoal do Piritoró, de onde vinha até Bragança em busca dos seus serviços, todavia, hoje, entende que, paralelo ao trabalho do curandeiro ele possui necessidade também dos hospitais, por exemplo, quando precisa realizar um exame. A partir da narrativa deste morador, uma prática não invalida a outra, ocorre que, elas são pensadas enquanto uma complementação, dividindo assim uma realidade única em Bragança. No discurso de Darival está a representação da realidade de alguns moradores deste município. Para pensar na característica dos “pacientes” é importante destacar o estudo da categoria utilizada por Maria Concone em seu trabalho “Cura e visão de mundo”.⁴⁵ “Heterodoxo” corresponde ao termo atribuído, segundo a autora, quando a clientela médica recorre tanto ao atendimento médico como as outras formas medicinais “paralelas” ou “populares”, categorias utilizadas por ela para se referir naquilo que aqui classificamos como curandeirismo. Tal termo pode perfeitamente ser atribuído aos discursos de parte dos moradores de Bragança. Quando considero as vozes dos moradores como o senhor Darival, percebo que a população constrói e elabora modos de vida pautados no curandeirismo, mesmo contrária aos discursos que por vezes são considerados e impostos na mídia e nas instituições. Para essas pessoas, o curandeiro é um mantenedor não apenas da ordem física, do corpo, mas também da mente, um canal de fé e de crença.

Ainda sobre as leis que são proferidas, temos o artigo 196 da Constituição Federal que diz que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas”. Tal direito visa “a redução do risco de doença, de outros agravos, acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.⁴⁶ A lei Orgânica do município, por sua vez,

⁴⁴ Entrevista concedida pelo senhor Darival Risuenho da Silva, morador de Bragança-PA, 77 anos, no dia 14/08/2011, às 16:00 horas.

⁴⁵ CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. Cura e visão de mundo. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo Maués, VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e Religiões Africanas da Amazônia**. 1ª ed. UFPA: Belém, 2008.

⁴⁶ BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Rio de Janeiro: FAE, 1988, art.196.

dedica também alguns artigos à saúde, o de número 166, por exemplo, atribui responsabilidade dos serviços de saúde ao município, garantindo, dentre outras coisas, que fica assegurado a todos o atendimento médico emergencial nos estabelecimentos de saúde públicos e privados existentes no município, incluindo aqui o atendimento médicos nos postos de saúde, pelo menos uma vez por semana para a saúde dos distritos e comunidades do município.⁴⁷ Por conta dessa prestação de serviços ligados à população o Código de Ética Médica define a medicina como sendo uma profissão a serviço da saúde do ser humano e da coletividade e será exercida sem discriminação de nenhuma natureza, onde seu maior alvo de atenção é o ser humano, procurando agir com o máximo de zelo e o melhor da sua capacidade profissional⁴⁸.

Acesso igualitário, atendimento emergencial, atendimento sem discriminação são palavras chaves que podem ser destacadas como direito todo cidadão, todavia, nas relações cotidianas, de buscas de atendimento médico em hospitais e postos de saúde, nem sempre tais direitos são assegurados. Diversos são os casos de denúncias contra hospitais que não realizam o atendimento médico imediato, levando a óbito pacientes quando ocorrem demoras nesses atendimentos, além dos casos das burocracias no que diz respeito à realização de exames, sem contar ainda com casos mais graves que, na falta de equipamentos especializados, o paciente precisa ser encaminhado para Belém.

A lei que discute, especificamente, o curandeirismo refere-se ao Código Penal, uma vez que este entende que as práticas que causam danos à medicina e a saúde pública são consideradas crimes, classificadas como curandeirismo. Desde a versão de 1890 até suas modificações (1930 e 1945) temos artigos que versam sobre a prática, todavia, atualmente em vigor são os seguintes artigos que discutem tais práticas: 1 – “Exercício ilegal da medicina: exercer ainda que a título gratuito a profissão de médico, dentista ou farmacêutico, sem autorização legal, ou excedendo-lhe os limites”, 2 – “Charlatanismo: inculcar ou anunciar cura por meio secreto infalível e 3-“ Curandeirismo ou exercer o curandeirismo: I – prescrevendo, ministrando ou

⁴⁷ BRAGANÇA. Lei (1998). Lei Orgânica do município de Bragança: promulgada em 12 de Outubro de 1998. Bragança: 1998.

⁴⁸ PARÁ. Resolução (2009). Código de Moral médica. Resolução CFM: nº1931/2009. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2009/1931_2009.htm>. Acesso em 20 de Jan. de 2013.

aplicando, habitualmente, qualquer substância; II – usando gestos ou qualquer outro meio; III – fazendo diagnósticos.⁴⁹

As próprias discursões e casos jurídicos já possuem interpretações diversas para a prática do curandeirismo, alegando que existem diversas formas do curandeirices no país, mas que o código penal reúne essas ocorrências apenas em torno deste termo, mas uma prova de que as leis não consegue abarcar todas as relações que são vivenciadas nas relações cotidianas.

As classificações e categorias identificadas no código penal, retomadas no trabalho de Rodolfo Puttini, trabalho este que propõem um debate sobre o curandeirismo guia-se pelo objetivo de recuperar os recursos discursivos disponíveis sobre o tema curandeirismo gerados pelo campo jurídico, tendo em vista a finalidade de refletir sobre o lugar das curandeirices e saberes terapêuticos no campo da saúde. Para deixar claro tal objetivo, durante seu texto, esclarece que desde a constituição do estado brasileiro apesar das leis considerarem respeito aos aspectos religiosos e de crenças de cada cidadão, sempre existiu um tratamento legal às práticas de cura por meio de legislação específica, caracterizando-as por ações criminosas relativas à saúde pública. Mas que com o passar do tempo, estabeleceu uma jurisprudência exclusiva sobre o assunto, que traduz as normas e condutas sociais para as variadas formas de curandeirices no país, sintetizadas no conceito curandeirismo, destacado nas categorias que apontamos acima, segundo o Código Penal. Para esta pesquisa, as classificações e categorias identificadas no código penal e retomadas nos trabalhos de Puttini ajudam a pensar a prática do curandeirismo na pesquisa.

Quando discuto o item 1 do Código Penal - exercício ilegal da medicina – estabeleço o seguinte pensamento: os curandeiros deste município não isentam o paciente de procurarem médicos para a cura de determinadas doenças, chegando a recomendar se for necessário. Ocorre que, de acordo com o código penal curandeiros não possuem autorização legal para realizar seus trabalhos de “cura”, mas, na prática, moradores de Bragança não levam essa condição quando necessitam dos trabalhos desses sujeitos. O curandeiro no município possui o dom da cura e por conta disso, tem seu discurso legitimado diante da comunidade. A visão que ele possui da doença e da origem do mesmo influencia nas atitudes e modos cotidianos da população, sobretudo dos mais idosos que repassam aos seus filhos e netos

⁴⁹ PUTTINI, Rodolfo Franco. Curandeirismo, Curandeirices, práticas e saberes terapêuticos: reflexões sobre o poder médico no Brasil. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo v. 11, n. 3 p. 32-49 Nov. 2010/Fev. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/13221>>. Acesso em: 27 de maio de 2013.

recomendações e cuidados diários com alimentações, atividade, trabalho para prevenção e combate de doenças. A ingestão, por exemplo, do remédio que combate a verme, segundo os curandeiros, possui relação direta com as fases da lua. A curandeira Almerinda Vieira recomenda o uso do medicamento observando alguns cuidados.

O remédio pra verme não pode ser tomado de qualquer forma como muitos fazem. Pra matar elas você deve olhar na noite que a é lua nova, cinco horas da manhã, do outro dia, em jejum, você pode tomar que mata tudinho, às vezes, a pessoa dá tanto remédio pra criança e tudo que ela tem é verme.⁵⁰

As leis, segundo Manoel Ferreira, pertencem ao mundo do “deve-se”, em outras palavras, a lei não é uma descrição do mundo real e seus fenômenos, mas sim, aquilo que o direito deseja e impõe como arquétipo ideal. Dito dessa maneira, a diferença entre o ser e o deve-se aparece evidente aqui, uma delas relacionada à realidade jurídica, de caráter normativo, enquanto que, a outra, relaciona à sociedade, o mundo, os fatos e a realidade.⁵¹ Dito isto, essa discussão de Ferreira ajuda pensar essa pesquisa. Os termos “deve-se” e “ser”, trabalhados por Ferreira, nada mais são do que, interpretar que o “deve-se”, discutido pelo autor corresponde as leis, contrário a estas, existe a ideia do “ser” que corresponde ao pensamento dos fatos a partir da realidade cotidiana.

Toda essa rede de leis ditadas pelas instituições superiores aqui citadas, bem como os autores mencionados acima que discutem as esferas do poder, é evidente destacar que, na sociedade o que ocorre, constantemente, é uma disputa de narrativas (o sentido de narrativa neste contexto corresponde ao termo discurso), que a todo o momento, disputam lugares entre os diversos lugares em sociedade. Algumas são proferidas e difundidas como mais frequência e intensidade, outras são camufladas e vistas como estereótipos marcados pelos preconceitos. Michel Foucault já discutiu este campo quando escreveu sobre as diversas narrativas disseminadas durante todo o contexto da história da sociedade.

Assim, não existe sociedade em que não tenha presente em seus meios os discursos maiores que são, frequentemente, proferidos. Discursos estes que se repetem, fazendo-se consagrar fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas, palavras ditas uma vez e

⁵⁰ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira, nasceu na região do Patalino, hoje reside em Bragança, 79 anos, no dia 10/08/2011, às 11:00 horas.

⁵¹ FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Do processo legislativo**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p.2.

que são conservadas pela presença nelas da esfera do segredo ou da riqueza.⁵² Para entender esse mecanismo, basta pensar, por exemplo, na permanência do discurso religioso católico que é proferido frequentemente. Por conta dessa ideia de repetição que o mesmo se torna enfático e determinante. Diferente do discurso das conversas cotidianas, por exemplo, que sempre circulam ao nosso redor e não recebem seu sentido ou eficácia de uma autoria, uma vez ditas, logo são apagadas ou esquecidas.

Isso ocorre porque os discursos possuem uma relação direta com o termo poder chegando a assumir a ideia de que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar”.⁵³ Desse modo, no limiar da discussão estão presentes as questões ligadas à lutas, vitórias, ferimentos, dominações e servidões. Dentro desse “palco” de disputa em sociedade ocorre que o que se encontra na sua base é ainda a posição defendida do verdadeiro, autêntico e coerente. Foucault defende o pensamento de que, entre os diversos discursos proferidos em sociedade está uma relação de poder. Tal afirmação, nos leva a interpretar que, no curandeirismo realizado em Bragança existe essa disputa de poder. Em muitos discursos a relação existente de poder é muito evidente e clara, todavia, à prática do curandeirismo, muita das vezes, é realizada de forma implícita, como uma ordem de força exercida pela medicina dita “científica” que exerce um certo grau de domínio em relação à outras práticas de cura. Veja o que as curandeiras Iracema Rodrigues e Almerinda Vieira, falam durante suas entrevistas.

Se for do meu alcance, eu faço o remédio, se não for eu despacho do mesmo jeito. Olha, porque sempre me ligam do hospital, tem gente que me conhece, né? Conhecidos me pedindo ajuda. Se eu posso ir lá e tal. Eu disse pra ela, olha mana, impossível. Ai então me dá o só o nome. Aí eles pegam e me dão o nome. Aí eu pego e vou ver, se pertencer ao hospital eu digo, fica. Se não pertencer ao hospital eu digo, sai do hospital e venha aqui, que seu remédio pode ta aqui.⁵⁴

ou

[quando a senhora vê que a senhora não consegue curar, o que a senhora orienta?]. Eu digo logo vou levar pro hospital, porque tem vez que chega menino com vômito, com febre, com diarreia ai eu

⁵² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, p.21-22.

⁵³ Id.,Ibid.,p.10

⁵⁴ Entrevista concedida pela senhora Iracema Rodrigues da Silva, conhecida como “dona Irá”, nasceu na região do Anoirá-mirim e hoje reside em Bragança, 37 anos, no data de: 24/05/2012, às 18:00 horas.

ensino remédio, fez, vai melhorando, se não, vai pro hospital, né? Às vezes eu digo, olha, tu vai pra tua casa, faz esse remédio e amanhã tu vem, tal hora que to aqui, ai melhora um pouco, se não melhorar, então vai pro hospital.⁵⁵

As mulheres, ao discorrerem sobre seus trabalhos, em um dado momento proporcionam depoimentos em que mencionam os serviços realizados em hospitais por médicos, rememorando assim alguns pacientes que quando as procuram pelo serviço da cura, essas mulheres iniciam os trabalhos e percebem que a cura de tais doenças não pode ser realizada por elas ou que, após ensinar os remédios para as pessoas, tais remédios não fazem com que eles venham a melhorar da doença, então preferem aconselhar que o paciente procure um hospital ou, muitas vezes, elas mesmas se deslocam até o hospital com os pacientes. Observe que o discurso da medicina científica se entrelaça ao saberes das curandeiras, no sentido de que, ambos servem de auxílio na cura de determinado paciente, e que, tal disputa de poder ocorre, mesmo que implicitamente, pois, tais saberes estão presentes nestes discursos e exercem essa relação de força e de trocas.

Contrário àquela visão cartesiana presente durante muito tempo, a relação que se estabelece no município de Bragança, a partir dos discursos dos sujeitos da pesquisa, de que existem ligações muito tênues entre o saber médico e o saber dos curandeiros, estes, cada vez mais se entrelaçam, anulando a dualidade que existia entre as “doenças para médicos” e “doenças para curandeiros”. Essa troca de elementos e de concepções sempre esteve presente na formação da medicina, até ela chegar ao parâmetro que tem hoje, possibilitando essa nova organização. Por conta disso que, no trabalho de Beatriz Teixeira, ela entende que, a medicina dita científica, não controla as demais práticas de cura, fazendo com que desapareça, ela afirma que “apesar dos avanços da medicina, as práticas populares de cura procuraram manter-se, se organizando em seus lugares e continuando a existir”.⁵⁶ Essa realidade pensada a partir dos trabalhos dessa autora pode ser atribuída ao contexto do curandeirismo em Bragança.

Quando a medicina começou a ser entendida enquanto ciência, ambos os elementos estavam envolvidos. Lycurgo Filho, no seu livro, História geral da medicina

⁵⁵ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira, nasceu na região do Patalino, hoje reside em Bragança, 79 anos, no dia 14/08/2011, às 16:00 horas.

⁵⁶ WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense**. Bauru: Edusc, 1999, p.25.

brasileira⁵⁷ afirma tal ideia. Tanto a parte teórica do conhecimento, como também os conhecimentos práticos. A ciência médica, portanto, era influenciada por esses dois elementos. Em termos foucaultianos, na sociedade de disputas de discursos, temos um processo denominado rarefação. Tal princípio se constitui a partir da ideia de que, não se podem excluir alguns discursos, mas pode-se exercer um controle sobre eles. Determinam-se as condições de sua existência; impondo aos indivíduos regras de funcionamento, dificultando também seu acesso por todos. Foucault diz “rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a exigências ou se não for de início, qualificado para fazê-lo”.⁵⁸ Regras e condições de funcionamento assim são critérios estabelecidos, segundo pensamento de Foucault, quando pensa a relação dos discursos em sociedade.

Ocorre que, mesmo com os ditames das instituições promotoras do discurso dominante e com os avanços da medicina científica, as práticas de curandeiros em Bragança continuam existindo, todavia, obedecem a critérios próprios. Na sociedade, o cotidiano se inventa e se transforma de acordo com as necessidades, fazendo, nas palavras de Michel de Certeau, uma espécie de “brincolagem” com o discurso dominante, “usando de inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas regras”.⁵⁹ Assim, embora no município de Bragança os curandeiros não realizam suas práticas em meio a perseguições diretas, todavia, são alvos de críticas e preconceitos por parte de algumas representações e instituições.

Em contrapartida disso, cresce o número de pessoas que procuram por tais trabalhos de cura. Deste modo, curandeiros e seus pacientes se utilizam de “artimanhas” para ir além da lei, pois tais práticas possuem uma importância significativa na vida dessas pessoas. Um fator determinante para que tais práticas continuem existindo está presente na ideia de que os trabalhos encontram-se dentro de um funcionamento bem estabelecido. Em outras palavras, aparece uma lógica que faz com que as pessoas atribuam um significado e valorizem o saber construído mediante uma consulta com um curandeiro. Podemos entender o sentido disso ao refletir a partir das palavras da senhora Anaídes Dias da Trindade⁶⁰ a respeito da

⁵⁷ SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hunicet, Universidade de São Paulo, 1991.

⁵⁸ Id., *Ibid.*, p.37.

⁵⁹ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 6ª ed, Vozes: Petrópolis, 1994, p.40.

⁶⁰ Entrevista concedida pela senhora Anaídes Dias, nasceu no município de Marituba, 45 anos, entrevista realizada na data de: 04/05/2013 às 10:00 horas.

consulta com Antônio Pereira Macena.⁶¹ Esta senhora reside no município de Marituba, região metropolitana de Belém. Ela conta detalhes da sua consulta no hospital e explica os motivos que a levaram a procurar seu Antoninho.

[Qual o motivo da senhora ter ido lá se consultar com seu Antoninho?]. É por causa desse problema do nódulo, que apareceu na minha garganta, né? Ai eu sentia muita dor no meu pescoço, nos músculos do pescoço, nos nervos, eu comecei a andar pro médico, o médico bateu o Ultra-som e disse que tinha um nódulo, do ladodaminha Tireoíde, aí pediu que, com seis meses eu retornasse e novamente batesse outro exame, bati e deu que o nódulo estava aumentando, quando foi agora eu fui bater outro tipo de exame mais profundo e aproveitando também pra tirar o material pra fazer biopci. Ai disse também que depois desse resultado, ia pedir o exame de cardiologista, que era pra marcar minha cirurgia.

A prática de receber indicação de outras pessoas é bastante recorrente nas narrativas. Anaídes sofria há bastante tempo por causa da aparição de um nódulo na região da garganta, problema este que a leva a se consultar um médico especialista na sua cidade. Conforme consta no documento, a mesma já estava em processo de realização de vários exames pré-operatórios para realização da etapa final, a cirurgia, que deveria ser marcado no seu retorno. Durante um tempo de realização de exames prévios foi que a senhora decidiu vir até Bragança para procurar outro auxílio de cura, depositando assim sua confiança nas indicações de familiares e amigos no trabalho de um curandeiro. Assim, constrói a ideia de que, além dos trabalhos de um médico, recorrer também aos saberes de um curandeiro era prudente. Os trabalhos do curandeiro aqui exercem para a senhora um significado importante na vida dela.

A senhora Anaídes conta que, após a consulta, havia se identificado muito com os trabalhos de Antoninho, sentindo-se acolhida. Relata que dentro do consultório ele conversou bastante com ela, explicava sobre sua saúde, tratamentos, alimentos que deveria comer e evitar, a necessidade de acreditar na cura, sobre fé, enfim, conversou com ela sobre muitos assuntos. Indagada sobre o papel de médico e do curandeiro e quais decisões ela tomaria daquele dia em relação a sua saúde, ela respondera:

⁶¹Nasceu no Caratateua, distante 2 km de Bragança. Hoje reside na cidade, 65 anos, curandeiro conhecido em Bragança, como “seu Antoninho”.

[E ai, como a senhora organiza isso, como a senhora ver o papel do médico e do seu Antoninho?]. Eu to mais pro lado do seu Antoninho, porque eu não quero me operar, eu MORRO DE MEDO de me operar, eu espero ficar curada, tenho muita fé em Deus, sou uma pessoa muito religiosa, tenho muita fé em Deus, muita devota de Nossa Senhora, então eu quero que ela me cure, que ela interceda junto ao nosso senhor Jesus Cristo que ele me cure, que sempre eu falava lá em casa, quero ser curada pela mãe de Deus.

Pode-se pensar, à primeira vista, que apenas um pequeno grupo procura por tais saberes, mas esse número tem aumentado nos últimos anos, chegando a considerar uma transição que vai de uma prática “marginalizada”, em que poucos participam, para ser considerada uma prática em que participam uma “marginalidade de massa”, assim se universalizando. Certeau, ao falar a respeito de práticas realizadas pelos produtores da cultura, diz que tal prática pode ser considerada como “atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtiva”.⁶²

No contexto de saúde que ocorre no município de Bragança e de acordo com o espaço onde circulam os discursos dos avanços da medicina e de construções de postos de saúde, os trabalhos de curandeiros vão se constituindo e formando trilhas e caminhos seguindo trajetórias próprias e resistindo às pressões do discurso dominante. Embora tenham muitas vezes que modificar suas linguagens e vocabulários, elas se desenham com astúcias e conforme interesses que surgem de acordo com os participantes de suas práticas e não dos sistemas maiores e dominantes. Essas “maneiras de fazer” dos grupos da sociedade são vistas como a “vitória do fraco” sobre os mais “fortes”, pois se enquadram como performances operacionais que dependem de saberes antigos.

Não podemos “negar” que Bragança “cresce” e “avança” com relação à medicina científica, com seus instrumentos “sofisticados” e “técnicas”, todavia, o conflito entre as práticas de curandeiros e o saber médico persiste, visto que, para muito dos moradores que residem na zona rural do município, os aparatos técnicos da moderna medicina são inexistentes. Benedita Celeste alerta que hoje, existe um possível retorno à medicina tradicional, pois a arte de benzedores, curandeiros e xamãs encontra-se, constantemente, em estudos, podendo ser vistas hoje, em

⁶² CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p.44.

testes nos laboratórios científicos, “os quais passaram a avaliar a veracidade dessas informações e, insistentemente, tentam encontrar descobertas para novos remédios baseados em plantas medicinais”.⁶³

A autora defende a ideia de que, isso ocorre porque quando se esvai o entusiasmo com as novas descobertas da moderna medicina, avanços estes que grande parte da população depositou confiança para o extermínio de todas as doenças, expectativa de um mundo melhor, que a população tenha saúde perfeita, ervas e plantas utilizadas pelas populações tradicionais continuam mantendo seu espaço de destaque.

2.3- O curandeirismo e os discursos que se entrecruzam com a medicina “científica”

Na ação de explicar as coisas do mundo, o homem vem sempre estabelecendo relações com os elementos da natureza. Em cada tempo e sociedade, essas explicações estiveram apoiadas em elementos que serviram de base de sustentação de fenômenos: ora o homem recorreu ao auxílio da magia, da fé e da religião como resposta de suas incertezas, ora apoiou suas verdades na ciência e nas explicações científicas. Ainda hoje, quando levantamos debates no campo da medicina, na grande maioria das vezes as discussões giram em torno do caráter homogêneo da mesma, possibilitando a veiculação de ideias cristalizadas, umas destas é a existência de uma dualidade entre a medicina dita “científica” e o curandeirismo, posições oriundas de bases epistemológicas como o racionalismo e positivismo.

Por meio dessa visão estritamente dicotômica têm-se abordagens nesse que atendem quase sempre a seguinte visão: de um lado destacam-se os médicos e seus conhecimentos “científicos”, a razão, a objetividade, remédios produzidos em laboratórios; enquanto que, na outra extremidade, damos vez aos curandeiros e “crendices populares”, a subjetividade, a fé, o empirismo, conhecimento popular e ervas medicinais. Ao final dessa linha de pensamento, essas posições epistemológicas consideram que ao se tratar de tais medicinas os elementos que as envolvem estão separados e que, de maneira alguma podem estar relacionados. Em vista de tais influências, o caráter homogenizador da medicina sempre é mantido, inclusive no que tange a sua formação enquanto ciência, onde a perspectiva de uma

⁶³PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das matas: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. 1ª ed, Belém: Açaí, 2010, p.140.

construção linear é bastante presente. Tal ideia carrega um sentido errôneo, uma vez que, por trás do sentido unívoco da formação da medicina, esteve sempre presente um conjunto de práticas, saberes e crenças bastante diversas em seus modos de processamentos e fundamentos, pois muitas das certezas que hoje são veiculadas na mídia se constituíram sobre a destruição de outras certezas.

Ocorre que, no contexto bragantino, esses elementos ora vistos como estanques, se inter-relacionam mantendo trocas simbólicas e de poder entre si, de modo que, curandeiros e médicos dividem o mesmo espaço social e culminam dessa realidade de cura em Bragança. Curandeiros assim sofrem de influências e de disputa de poder, todavia, criam modos de vida que transgridem os discursos “dominantes”, passando a serem vistos como sujeitos possuidores de funções sociais e de ordenamento na vida dos moradores do município. O depoimento de Almerinda Vieira revela um saber empírico oriundo da experiência com plantas e ervas medicinais, percebido nas categorias e nos elementos que a curandeira entende como eficazes na cura do cobreiro⁶⁴ e da esipra.⁶⁵

Pra esipra, é vassorinha, a macaxeira, a babosa, tudo isso é bom pra esipra. Agora pro cobreiro, é a hortelã grande, vinagre branco. Bota, soca bem e ai vai passando. Aí bota argila, pode até botar só ela mesmo. Tem também o baba timão que a gente rala bem raladinho, ai a gente coa, a gente pega aquela papa, a gente usa em cima também. Ta ouvindo? tudo isso tem.⁶⁶

Quando realizei um mapeamento inicial da pesquisa, recebi algumas informações a respeito desta curandeira, todavia, somente na ocasião desta entrevista é que percebi o considerável reconhecimento que alguns moradores possuem quanto esta senhora, sobretudo, no bairro Perpétuo Socorro, onde reside. Nesse primeiro contato despertou atenção à experiência que a mesma tem com o preparo de remédios, com base em ervas e plantas medicinais, bem como, o conhecimento de plantas e raízes que servem para cura de doenças. A eficácia de cura realizada por curandeiros está, portanto, no uso de elementos que pertencem

⁶⁴Doença que se atribui efeito de passagem, pela pele, de cobra ou bicho peçonhento, causando coceira.

⁶⁵Doença que deixa a pele avermelhada e inflamada, conhecida também como erisipela.

⁶⁶Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, morador de Bragança-PA, 79 anos, na data de 01/06/2013, às 16:00 horas.

ao ambiente natural das pessoas, elementos estes que estabelecem relações com as experiências cotidianas desses sujeitos.

Tais produtos também são utilizados no preparo de sabonetes e “banhos” que servem para cura de várias doenças, comercializadas em cabanas e tendas, lugares destinados a vendas desses remédios. As imagens mostram algumas destas plantas e alguns banhos e remédios já produzidos, que servem para diversos tipos de doenças, destacando alguns mais conhecidos, como, “olho gordo” e “limpa corpo”.

FOTOGRAFIA 1 – Plantas medicinais utilizadas para produção de remédios utilizados, geralmente, por curandeiros, vendido em cabanas e tendas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo.

FOTOGRAFIA 2 – Variedades de remédios caseiros vendidos em tendas ou cabanas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo.

Enquanto alguns curandeiros trabalham somente com a indicação de remédios caseiros, outros, além de orações, conversas e banhos, prescrevem remédios produzidos em laboratório para seus pacientes. Fator este que tem gerado conflitos entre discursos de médico e curandeiros, pois enquanto aqueles, “representantes” da medicina “científica” defendem a proibição e o cuidado ao receitar antibióticos, a população deposita confiança nos trabalhos do curandeiro.

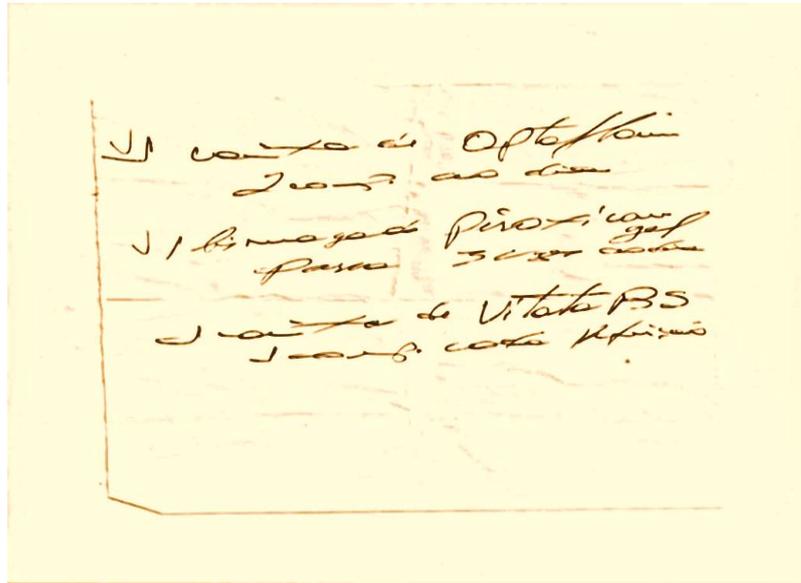
A gente tem que ter muito cuidado, a parte medicamentosa, ela é algo muito seria, tanto que, houve já uma proibição da venda de antibióticos em farmácia, né? Hoje você não pode chegar (olha eu quero um antibiótico aí), pedir qualquer tipo de medicação nesse sentido, porque não é mais liberado. É liberado se você apresentar a receita com assinatura médica, um carimbo, enfim. Porque os antibióticos ele tem uma ação muito importante, então você não pode estar se auto-medicando, a gente ver que há um crescimento muito extenso de vírus, bactérias, né? Por conta disso, do uso da medicação errada, você fortalece aquela bactéria e aí quando você toma aquela medicação já não serve, precisa de outra, mais forte ainda, então tem que ter muito cuidado, mas ainda assim existe aqui em Bragança o uso, a venda dessa medicação, mesmo sem a pessoa apresentar a receita, pra pessoa ter o lucro.⁶⁷

Os assuntos referentes às recomendações necessárias para a venda de antibióticos e a ação de receitar remédios de farmácia são objetos de discussão durante a entrevista com o enfermeiro Paulo Raphael. No documento produzido por este sujeito, se faz presente um discurso pautado nas recomendações e na prevenção de doenças, alertando assim, para o cuidado com o uso de antibióticos. Para o enfermeiro, o ato de receitar remédios sem prescrição médica representa um perigo para a população, ocasionando sérios problemas. O discurso do enfermeiro representa um fator bastante recorrente quando se pensa nos sujeitos que trabalham junto a órgãos como hospitais e postos de saúde. Na grande maioria das vezes, existe inerente a ideia destes sujeitos, posições defendidas em relação à prevenção, restrições, comprovação médica e discursos institucionalizados. Contrário a esse discurso, o curandeiro Antoninho, dentre os trabalhos realizados em sua residência, possui também a prática de receitar remédios “de farmácia”. No documento percebemos o uso de uma espécie de receita, sem qualquer

⁶⁷Entrevista concedida pelo enfermeiro Paulo Raphael, estagiário no Hospital das Clínicas, morador de Bragança-PA, 23 anos, na data de 20/09/2012, às 10:00 horas.

identificação de qualquer instituição, contendo apenas nomes de remédios e formas de uso do mesmo.

FOTOGRAFIA 3 – Receita utilizada por Antônio Pereira Macena durante suas consultas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo.

Indagado a respeito do uso de remédios “de farmácia”, o senhor Darival Risuenho, que se conhece o curandeiro desde muito tempo, interpreta essa ação como algo bastante comum para as pessoas que residem nos interiores, a comercialização de remédios antes, podia ser realizada por qualquer pessoa, sobretudo os mais velhos que tinham essa experiência e habilidade. Na entrevista ele narra como se realizava essa prática.

Seu Antoninho tem uma experiência muito grande, ele, desde muito tempo passa remédio, de todo tipo, de farmácia, de cabana, banho, chá e tudo. Ele é conhecedor de muitas coisas. É concentrado nas orações e isso de receitar remédio é muito comum, vem de muito tempo quando no interior a gente, não tinha hospital por perto, a gente comprava remédio e vendia pros outros ali mesmo na nossa taberninha, seu Antoninho adquiriu a experiência disso, agora se tem mais outras coisas ai eu não sei.⁶⁸

⁶⁸ Entrevista concedida pelo senhor Darival Risuenho da Silva, morador de Bragança-PA, 77 anos, no dia 14/08/2011, às 16:00 horas.

Outros curandeiros, a exemplo de Almerinda Vieira realizam seus procedimentos de cura em sua residência sem horários pré-estabelecidos, funcionando em realidades que se distanciam da rotina de hospitais e postos de saúde, realizando a prática do curandeirismo dentro da lógica do tempo de seus pacientes, com horários e tempo estabelecido pela rotina de vida de tais sujeitos. Todavia, outros curandeiros, possuem horários de atendimento mais fixos, estabelecidos dentro de outros ritmos de acordo com seus pacientes e com seu próprio estado, dando preferência pelas primeiras horas da manhã, pois suas energias estão mais fortes, possibilitando maior poder de concentração.

Na residência de Antônio Pereira Macena, por exemplo, o fluxo de pessoas é intenso, advindas de vários bairros da cidade, bem como de outros municípios, esses moradores chegam bastante cedo para marcar suas consultas com o curandeiro. Algumas deixam suas casas, vindo de outras cidades, para conseguir uma consulta com seu Antônio, e esse número só tem aumentado com o passar do tempo, segundo relatos dos moradores. Todo esse cenário pode ser construído a partir de uma primeira observação que fiz na residência de seu Antoninho. Digo primeira, não por ter sido de fato, a primeira, mas por conta de voltar a esta residência, com um primeiro “olhar” e um “ouvir” tomado por uma sensibilidade e percepção maior do que das outras vezes que estive nesta residência. Os termos que Roberto Cardoso de Oliveira em seu livro “O trabalho do Antropólogo” chama atenção para os “atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo”, que são o ouvir e o olhar, são faculdades de grande relevância para concretização dos dados em uma pesquisa de campo.

Além dos elementos que se referem ao funcionamento da casa de um curandeiro no município, tais sujeitos estabelecem com os moradores e pacientes uma dada relação de contato no contexto de suas práticas de cura. As ações sociais que os sujeitos realizam são objetos de análise ricos e cheios de elementos, podemos utilizar aqui a posição defendida por John Collier quando analisou a fotografia como um método de pesquisa. A utilização de tal recurso, em particular aquelas em que tenham presente sujeitos realizando determinada ação nos conduzem para áreas ricas de pesquisa não-verbal, afirmando que, grande contribuição este recurso permite, pois agrega uma variedade significativa de ilustrações seguras desse campo, reveladas naquilo que ele destaca como “dimensões complexas de estrutura social, da identidade cultural e da expressão

psicológica”.⁶⁹Tal recurso torna-se importante instrumento para entender os diversos aspectos presentes na prática do curandeirismo em Bragança e essa relação, no momento da consulta, que curandeiros estabelecem com seus pacientes.

FOTOGRAFIA 9 – Iracema cuidando e rezando em uma paciente



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo.

Na fotografia, dentre outras coisas, chama-nos atenção à posição de contato do curandeiro com o paciente. É claro que a imagem não representa a posição de todos os curandeiros do município, todavia, marca uma dada realidade da prática do curandeirismo no município. Portanto, no curandeirismo existem elementos, como: toque de mãos utilizado durante as orações, conversas e uso de outros instrumentos que possibilitam a aproximação (no que se refere a espaço) com o indivíduo. Além dessa relação de espaço entre o curandeirismo e seu paciente, existe uma proximidade que, muitas vezes ocorre, do curandeiro compartilhar das mesmas identidades étnicas e religiosas dos moradores. Quando escutamos as vozes destes moradores que se consultam com curandeiros, percebemos os motivos que os levam a procurar por tais profissionais. Tais elementos estão presentes na narrativa da senhora Anaídes Dias.

⁶⁹ COLLIER, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, 1973. p.49.

A senhora disse que é católica né, quando a senhora estava lá se consultando, você percebeu que ele tem um altar né? Você identificou alguns santos, tem algum que você conhece e é devota?] Tem, Nossa Senhora de Aparecida, tem o Padre Cícero também que eu vi lá, os outros eu não me recordo. Eu acho que ele deve incorporar algum espírito de médicos que já deve ter partido dessa vida pra outra vida. Eu acho que ele, tipo assim, deve psicografar, deve ser isso. Deve ser isso pra ele atender as pessoas assim (GESTO MOSTRANDO A FISIONOMIA SERIA DO CURANDEIRO) e até a maneira como ele escreve, assim, rapidinho, parece médico escrevendo.⁷⁰

A moradora Anaídes Dias, além do saber médico, procura pelo auxílio de um curandeiro, sentindo uma identificação muito satisfatória, quando, no momento de consulta, percebe da existência de santos que coincidem com sua crença religiosa, o que de certa forma, ajuda nesta relação com o curandeiro, relação que influencia, segundo moradores, diretamente na cura do indivíduo. Esse fator prevalece bastante, todavia, não é o único que permite que a senhora Anaídes se identifique com o curandeiro, outros fatores são destacados, como, conversa livre e simples que o curandeiro Antonio estabelece com seus pacientes, conversas que envolvem a saúde como um todo do paciente, estado de espírito, família e modos de vida, além de outros assuntos que são estabelecidos de acordo com cada paciente.

É possível, a partir de uma ou de algumas fotografias, desvelar as relações, dinâmicas e processos que estão presente na imagem de um determinado local. Daí que, surge a necessidade de ter a imagem não apenas como mera representação do real, mas uma construção que é realizada mediante uma “negociação” do pesquisador com o ambiente e com os sujeitos de uma determinada pesquisa de campo. Assim, o elemento crença/fé precisa ser entendido aqui como recorrente tanto na medicina “oficial” quanto na prática de curandeiros, diferente da visão que possuímos de que, o caráter religioso liga-se, quase que exclusivamente, com a prática do curandeirismo. Tanto nas imagens aqui presentes, quanto nos discursos dos profissionais de saúde começa-se a perceber que os hospitais estão percebendo a necessidade de levar mais em consideração o caráter religioso dos pacientes. Como é o caso do depoimento do enfermeiro

⁷⁰ Entrevista concedida pela senhora Anaídes Dias, nasceu no município de Marituba, 45 anos, na data de 04/05/2013 às 10:00 horas.

Eu respeito, cada um tem, pode procurar os seus meios, né? Assim, como existe a fé, eu acredito muito (...) e eu sempre tenho falado também a respeito disso, várias vezes no meu curso, eu digo pra gente nunca deixar de acreditar em Deus, porque a gente se pega muito na parte científica e técnica e esquece o lado da fé que é importante também, né? Tanto que alguns hospitais tã se usando isso daí, né? Levam-se pastores, padres, enfim, pra aumentar, foi comprovado que isso ajuda também. Então eu respeito essa parte das pessoas que vão procurar porque acreditam.⁷¹

Apesar de o enfermeiro deixar evidente sua preocupação com o fato de seu Antoninho receitar remédios caseiros e também “de farmácia”, o mesmo, reconhece que o elemento da fé é importante na recuperação de um paciente, afirmando, inclusive que “a fé dos pacientes fora comprovado” e que muitos hospitais já se utilizam desse recurso. Tal profissional de saúde, tendo comprovações que o recurso possibilitou a cura de determinado paciente, passa a reconhecê-lo como importante. Portanto, reafirmo a posição de que elementos pertencentes às práticas de cura transitam nos dois campos, pois, no discurso de um profissional de saúde temos a presença tanto de um discurso religioso, quanto científico (se é que é possível separar estes campos), bem como, o fato de que, em ambientes hospitalares temos a presença (cada vez mais intensa), de elementos religiosos em seus espaços e discursos. Todavia, é importante considerar que ao reconhecer o elemento como importante, o enfermeiro diz que cada vez mais, os hospitais estão se utilizando da ajuda de outros profissionais religiosos no que se refere à cura dos pacientes, citando apenas padres e pastores, mas será que o mesmo pensa da mesma forma, para os sujeitos como os curandeiros e toda a diversidade religiosa em que estão apoiadas as práticas desses sujeitos? Disso interpreto que elementos pertencentes a tais espaços estão, cada vez mais, em constante transição e não, a todo o momento, estanques. Eis algumas imagens que também ajudam a pensar esse campo religioso.

A primeira pertence a capela do hospital Santo Antônio em Bragança. A mesma tem, em suas paredes laterais, representações católicas, ligadas nas laterais até as imagens centrais ao fundo da capela, a saber, a imagem de Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Já no altar de outra curandeira, existem entidades pertencentes do Candomblé, dando destaque a figura de Iemanjá e outros.

⁷¹ Entrevista concedida pelo enfermeiro Paulo Rafael, estagiário no Hospital das Clínicas, morador de Bragança-PA, 23 anos, na data de 20/09/2012, às 10:00 horas.

FOTOGRAFIA 12 - Capela do Hospital Santo Antônio em Bragança



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo.

FOTOGRAFIA 11 - Altar da curandeira Iracema Silva, presença de entidades da Umbanda.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo.

As imagens utilizadas nessa dissertação servem como documento de interpretação e construção de sentidos. Dito isto, o registro fotográfico na residência de curandeiros, bem como em hospitais possibilitam um universo vasto de análise. Isso ocorre porque o conteúdo da imagem pode ser visto como estático, todavia sua

interpretação assume diversas dimensões. Acompanhe o que a autora Elisabeth Edwards discute neste trecho: “[...] Enquanto que se conteúdo é, na verdade, estático, fixado quimicamente no papel, o mesmo não acontece com sua interpretação”.⁷²

Os sujeitos presentes nestas imagens fazem parte deste pequeno fragmento do município, suas expressões, gestos, relações, bem como, suas vozes guardam as ideias, os desejos, sentimentos e história de vida de um grupo cultural. Todos esses documentos, mais do que simples recortes, transmitem para o pesquisador as diversas maneiras de relacionamento entre os indivíduos. Tudo isso, é permitido pelas imagens. Deste modo, retornando aos questionamentos iniciais, procuro aqui perceber que a princípio esses campos medicinais parecem bem demarcados e distintos, todavia, quando percebidos a partir de certos pontos de vista permitidos a partir da realidade do curandeirismo em Bragança, entendo que alguns elementos se conservam realmente diversos, enquanto que outros possuem relação entre si e de algumas forma, se aproximam e relacionam-se entre estas duas formas da medicina. Uma heterogeneidade de elementos já foi destacado também por Didier de Laveleye, ao constatar a existência de tantas pajelanças quantos povos diferentes no Norte do Brasil. A partir desta constatação, passo a compreender os sentidos dos diversos modos de pajelança tanto nas sociedades indígenas quanto no mundo “caboclo” ou camponês. Laveleye destaca o mundo rural não indígena da pajelança para dizer, dentre outras coisas que, nesse campo não existem fronteiras estáveis entre os grupos e conseqüentemente, está à presença de uma grande mobilidade dos indivíduos. Um exemplo disso é destacado pela autora quando considera que, de um lugar para o outro podemos notar a ausência de figuras como a da Matintapereira, a da panema, irregularidade ou ausência do uso do maracá, mesa, fitas e penas (penacho), cordões e túnicas.⁷³ O mundo tão restrito do curandeirismo dos povos indígenas vão se modificando e encontrando o espaço da cidade, fortalecendo um novo quadro de curandeirismo e outras características. O sentido destacado nas comunidades pesquisadas pela autora acima, evidenciam uma realidade que se aproxima de Bragança, onde a prática do curandeirismo neste município ocorre de forma singular, conservando-se também particular, em alguns aspectos.

⁷² EDWARDS, Elisabeth. Antropologia e Fotografia. **Revista de pós-graduação em Ciências Sociais, PPCIS e do Núcleo de Antropologia e Imagem**, NAI. p. 17

⁷³ LAVELEYE, Didier. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança”. In: **Pajelança e Religioes Africanas na Amazônia**. 1ª ed. Belém: UFPA, 2008, p.114.

CAPÍTULO 3: CURANDEIROS EM BRAGANÇA: CURA E MODOS DE VIDA

3.1- Quem são os curandeiros?

O inquérito foi concluso ao Dr. Juiz Substituto, sumariamente, onde, por informação vaga de uma testemunha, havia o relato de que D. Felícia dava para o marido tomar, tudo quanto ensinavam para ela”; que D. Possidônia, moradora do “Abacateiro”, próximo da cidade, curava, de fato, um filho asmático, moendo um vidro vazio, fino, no pilão, e o pó dêsse vidro déra num mingau ao filho e êle ficou completamente curado da asma e há três anos, não mais voltaram as aflições do garôto; quem sabe se não fora D. Possidônia que ensinara à D.Felícia “ esse remédio?”.⁷⁴

Considerando a epígrafe, o depoimento de uma testemunha no caso da Dona Felícia incluía Dona Possidônia, moradora do Abacateiro (região próximo à Bragança), como envolvida neste caso, pois, possivelmente, foi ela quem indicou o remédio que Dona Felícia deu ao marido. O juiz, tendo confirmação da ré, decidiu interrogar Dona Possidônia para saber detalhes sobre tal ocorrido. Tendo, no dia seguinte, sido chamada para participar do julgamento, a moradora do Abacateiro, além de relatar o ocorrido, solicitou licença ao juiz para apresentar como prova do que ela relatou a seu filho, Juca. O filho da senhora, em outros tempos, já havia sido curado de asma, com o mesmo remédio utilizado por Dona Felícia, vidro moído. O menino de treze anos de idade, moreno, robusto, afirmava que a mãe havia lhe dado o remédio, e que o tomou seis vezes, uma a cada dia e que nunca mais voltou a sentir os sintomas de asma. Dona Possidônia afirmou que o remédio funcionava, porém acrescentou que, talvez Dona Felícia não houvesse moído bem o vidro e tivesse ficado alguns fragmentos maiores.

Poderíamos pensar que no município de Bragança, estas histórias tenham ficado guardadas em tempos passados, quando o município era menos “desenvolvido” no que diz respeito ao funcionamento de estabelecimentos como hospitais, escolas e outros. Todavia, é possível perceber que o discurso do curandeirismo ainda se faz presente no espaço bragantino, de modo que, a cidade reserva seu espaço para a prática do curandeirismo manifestada em suas diversas facetas religiosas.

⁷⁴PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963, p. 229.

Neste município se faz presente no imaginário social, associações do tipo: curandeiros são “macumbeiros”, “feiticeiros” e consumidores de bebidas alcoólicas. Todavia, nem sempre nota-se a presença desses discursos, alguns tendem a valorizar a prática do curandeirismo como importante para a vida de algumas pessoas. Discursos curiosos que obtive em entrevista são de moradores que teoricamente veiculam a informação de que não frequenta a casa de um curandeiro, todavia, segundo moradores, em momentos de difíceis problemas de saúde na família, recorrem aos seus saberes. Dentre as razões que justificam a resistência desse discurso nas narrativas de alguns moradores, existe o fato de que o município ainda conserva características conhecidas como “interioranas”, ou seja, a sua localização se encontra nas proximidades de florestas e igarapés, fator este que permite maior contato da população com a natureza. Além disso, a cidade também carrega entre a população um forte sentimento religioso, conservado por parte da população bragantina. Com a existência de tais fatores, o contexto bragantino possibilita que esses discursos, ressurgam pelas ruas de Bragança, por exemplo, propagandas de curandeiros, como da figura abaixo exposta e veiculada por várias ruas: a Avenida Marechal Floriano, “palco” do conhecido caso de dona Felícia narrado por Benedito Cesar Pereira em 1906.

FOTOGRAFIA 14 - Cartaz com propaganda de espírita e vidente em Bragança



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo

Durante a pesquisa, pretendeu-se fazer uso do termo curandeirismo para nomear os sujeitos da pesquisa, entendendo que tal termo possibilita caracterizar as

práticas de cura realizada por tais sujeitos e sua prática. Neste município, estes curandeiros se distribuem no espaço da cidade e mantêm suas relações de trocas simbólicas entre a população, haja vista que, mesmo que as fronteiras entre cidade e campo sejam cada vez mais tênues.

O fato de tais sujeitos atuarem em certo grau de proximidade não é uma informação sem importância, muito pelo contrário, tanto médicos quanto curandeiros sabem da existência da prática de um e de outro, além do fato de que, alguns pacientes frequentam ambos os lugares, pelos mais diversos motivos. Sendo assim, no espaço bragantino, os curandeiros se distribuem em um dado espaço social. O antropólogo Didier de Laveleye, estudando a população de Cururupu no Maranhão teceu algumas considerações que se aproximam da realidade pensada em Bragança. Diz, dentre outras coisas, que no mundo rural não indígena, onde não há mais fronteiras estáveis entre grupos e onde existe grande mobilidade dos indivíduos entre vários espaços, o aspecto da heterogeneidade está ainda mais perceptível. O antropólogo, ao construir tal pensamento referia-se a uma das características da “pajelança”.⁷⁵ De certa forma, é isso que ocorre no espaço de Bragança, tal troca simbólica e constante mobilidade social.

Uma curandeira como a senhora Iracema Rodrigues que muitos conhecem como “espírita” deixa claro em sua narrativa que consegue sentir a presença de espíritos, o que caracteriza bastante o espiritismo kardecista,⁷⁶ todavia, em seu altar temos a figura de santos católicos pertencente ao catolicismo dito popular, como também de entidades pertencentes a umbanda, caracterizando, portanto, uma heterogeneidade no campo religioso. Para demonstrar essa diversidade religiosa,

⁷⁵Nomenclatura utilizada pelo antropólogo Didier de Laveleye em seu trabalho Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da pajelança. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo. VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008, p.113.

⁷⁶O Espiritismo se apresenta no campo religioso brasileiro como religião cristã, porém buscando dialogar com valores muito próprio da modernidade, além do traço diferencial inegável que a reencarnação e o carma trazem a este universo, porém as referências bíblicas e evangélicas estão fortemente presentes e a figura de Jesus Cristo, considerado “o ser mais evoluído” a estar na terra, é onipresente como modelo de comportamento a ser referido, seja no exercício da mediunidade (é considerado o médium de Deus), nas demais práticas curativas ele é o “médico das almas” e o modelo central da cura. Seus fundamentos se apresentam enquanto revelação que dá entendimento racional às instituições cristãs e pelos adeptos é considerada o Cristianismo em sua forma “primeira” e a “verdadeira” corrente “diretamente” construída por Cristo, diferente das demais, “corrompidas” pelas eventuais interpretações humanas e pelos acidentes históricos. O Espiritismo na percepção de seus adeptos já havia sido “anunciada pelo próprio Cristo”, quando este se refere ao “Consolador” que enviaria. Este seria o próprio Espiritismo, codificado por Allan Kardec, na segunda metade do século XIX. Lê: PAES, Anselmo do Amaral. **O corpo da alma: Cosmos, casa e corpo espírita kardecista**. 2011. 315f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/109624417/Tese-O-Corpo-Da-Alma-Anselmo-Paes-PPGCS-UFGA-2011-PDF>>. Acesso em 05 de Fevereiro de 2014.

veja o que um paciente da curandeira diz a respeito dos trabalhos de cura de “Irá” e a diversidade de símbolos que se destaca no local em que ela realiza as consultas.

O lugar onde ela atende é assim um quarto, mas tem uma meia parede, com uma cortina que separa, então na parte de frente tem assim, só um banco que as pessoas ficam sentado lá e na parte da cortina eu ainda não tinha visto ainda, mas ela me chamou pra lá, pra fazer o passe lá. Lá é assim, quando a gente entra tem três mesas, uma em um canto, outra em outro canto e a outra no meio, com muitas imagens assim de santos católicos, santos da umbanda, velas assim acendidas nas mesas, ai um banquinho que ela pediu pra mim sentar na mesa do meio que ai nessa mesa tinha dois copos com água, tinha imagem de São Benedito, acho que era São Jorge, tinha também de Nossa Senhora de Aparecida, uma outra de Nossa Senhora que não lembro e outra do menino Jesus, havia umas contas, uma pedrinhas coloridas, eu vi também alguns papeis com nome de pessoas escritas lá, acho que de algum outro atendimento, né? Que estavam assim, ou com uma vela em cima, uma pedrinha em cima ou com uma imagem de santo. Ai ela ficou atrás de mim, eu sentado, ela tava segurando uma vela, ela começou, perguntou meu nome, nome completo, quando eu ia viajar e ela começou a murmurar, parecia assim oração, não dava pra entender direito as palavras que ela dizia.⁷⁷

Utilizaremos a prática da senhora Iracema para pensar essa diversidade de campos religiosos e culturais que existem na prática do curandeirismo, pois, pense-se que os trabalhos que escolhem trilhar a pesquisa do curandeirismo devem refletir essa heterogeneidade, pois, o contrário, empobrecesse as pesquisas e também refletem uma imagem do curandeirismo como uma prática homogênea. Talvez até possuam pontos de recorrências na prática de um curandeiro e de outro, mas, muitos também são os pontos de divergências e diversidade religiosa e cultural. Desse modo, se levarmos em consideração os segmentos culturais refletidos nesta práticas, estaremos considerando os elementos oriundos de grupos negros, brancos e indígenas entre as práticas de curandeiros. Assim, tais sujeitos vão construindo suas identidades na relação entre o que dizem ser, o que negam que são e os valores que os outros atribuem a ele. Se levarmos em consideração o discurso preconceituoso que é feito contra os curandeiros, estes tendem a adotar uma postura defensiva como tática, construindo a ideia de que, toda a prática que

⁷⁷Entrevista concedida por Paulo Eduardo da Silva, nascido em Bragança, atualmente, 40 anos, na data de 05/06/2012, às 18:00 horas.

realizam tem como base a vontade e os modos de vida do povo ou que dependem da vontade divina, livrando-se, temporariamente, de uma esfera individual.

3.2- “Dona Irá”: relações entre um saber prático e espiritual

FOTOGRAFIA 15 - Curandeira Iracema Rodrigues da Silva.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de campo

No dia 25 de maio de 2012 visitei a residência da senhora Iracema Rodrigues da Silva no bairro Alto Paraíso. Os primeiros contatos com essa curandeira ocorreram através das conversas com o senhor Rosivaldo Pereira⁷⁸, pois durante alguns diálogos, era comum o mesmo fazer referências a uma senhora que realizava curas em sua residência. Segundo ele, dona Irá (como é conhecida popularmente) possui o dom de curar as pessoas mediante conversas e orações, bem como o uso de remédios produzidos a base de ervas e plantas. Após um destes diálogos, decidi visitar aquela senhora.

Na companhia do senhor Rosivaldo Pereira, desloquei-me com ele para o bairro Alto Paraíso. Como ele não se lembrava da localização da casa de Iracema, nos informamos com os moradores do bairro. As reações eram diversas: alguns, desconfiados com as perguntas, diziam não ter informações sobre aquela curandeira; outros, que nunca ouvira falar no nome dela; além daqueles, raros moradores que afirmavam que “coisas” como curandeiros, pajés e feiticeiros não existiam por ali. Continuamos nos informando, deslocando-se para pontos mais afastados do bairro. Mais adiante, uma senhora nos informou da existência de uma

⁷⁸Rosivaldo Pereira da Silva, morador de Bragança, aposentado, 59 anos.

curandeira que realizava tal trabalho e que, além de dona Irá, existiam outras no bairro que realizam trabalhos de cura. A respeito da curandeira que procurávamos, a mesma indicou a direção que levaria até uma rua de piçarra, lugar com bastante árvore e de aparente tranquilidade. Aos poucos, meu avô, foi lembrando da casa que havia visitado tempo atrás.

Depois de algumas horas de procura, chegamos à residência da senhora Iracema, fomos recebidos gentilmente por ela, mandando-nos aguardar em um banquinho de espera na sua cozinha. Ali, naquele banco, eu tinha uma visão privilegiada, pois de um ângulo conseguia perceber a rotina da casa, dos familiares e pacientes de Iracema, enquanto de outro, observava atentamente a curandeira realizar a consulta de uma jovem, ao fundo de sua casa. Não era somente eu quem a observava, atentando para o lugar e os signos que aquele cenário me possibilitava. Iracema Rodrigues, também lançava seu olhar de curiosidade. Naquele momento, iniciava um processo de construção de conhecimento a partir dos modos de vida daquela curandeira.

Narrar vai além da atividade de relatar um fato onde estão contidos lugares e personagens. Esta ação, na opinião de Fernando Fischman,⁷⁹ pode ser entendida enquanto uma prática social. Narrar uma história passa também pela construção de narrativas de vida. Histórias construídas na memória e na mente de homens e mulheres que as elaboram ao mesmo tempo em que realizam suas tarefas do dia a dia, enquanto constroem seus modos próprios de vida e relações com a sociedade. Deste modo, a senhora Iracema Rodrigues, revela uma sabedoria que emana das fontes da experiência construídas nas relações entre ela e a natureza, das atividades simples que envolvem o trabalho, a criação dos filhos e de outras tarefas da vida cotidiana.

Hoje, pra mim estar com essa luz aqui, eu to onde eu estou, eu conversei com Deus, ninguém acredita, mas Deus falou comigo no meu sonho, só não quero que você faça mal pra ninguém. Olha, ele falou comigo umas três vezes, a última vez que ele falou comigo eu tava, eu já tinha casado com ele (referindo-se ao marido). Quando eu tava criança ainda, quando eu tava com o pai dos meninos, ele tornou a falar comigo, ele me disse que aquele homem não ia ser meu marido, mais era o seguinte, ele tava nas nuvens e eu na terra,

⁷⁹FISCHMAN, Fernando. HARTMANN, Luciana (Org). **Donos da Palavra: Autoria, Performace e Experiência em Narrativa Oraís na América do Sul**. UFSM, Santa Maria: 2007. p.42.

lá em cima. Mas nós tava bem do ladinho dele. Ele me dizia que nós ia virar um serva de Deus, pra defender sabe?⁸⁰

Durante a entrevista com esta curandeira, a senhora movia categorias e signos para tentar explicar e dá sentido a sua história, selecionando fenômenos e experiências para dentro de seu mundo. Tal posição adotada pela narradora vai muito além da simples vocalidade, passa por aquilo que denominamos de performance, em que o narrador mobiliza diversos recursos que permitem à construção de uma narrativa que permaneça na memória de quem as ouviu. Recursos como: o gesto, as expressões do rosto que revelam o silêncio, franzir da testa, risos, olhares e outros são bastante utilizados no decorrer da entrevista com a curandeira. Assim, por meio de sua própria história e de suas narrativas, ela procura compreender os processos de mudanças e revoluções que giram em torno de suas vidas: famílias, transformações sociais, atitudes tomadas na juventude, migração para uma nova comunidade e outros.

Em qualquer tempo e lugar, a narrativa sempre esteve presente na vida do homem. Isso ocorreu porque ela, segundo Roland Barthes, pode ser "(...) sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou mistura ordenada de todas estas substâncias".⁸¹ Do mesmo modo que Barthes afirma sobre a presença da narrativa na história da humanidade, também podemos entender que elas versam sobre os mais diversos assuntos, uma vez que, a história da humanidade e suas culturas são heterogêneas, atribuindo também tal característica às narrativas.

A entrevista que será aqui analisada se constitui como um depoimento de história de vida, sendo assim, não é construída tendo como base uma temática única, mas sim, várias, pois, no momento da entrevista tive a intenção de que o diálogo com a narradora fosse estabelecido segundo um objetivo principal: conhecer os trabalhos de cura realizados por dona Irá. Apesar deste objetivo ter sido mantido, durante o desenrolar da entrevista, a narradora percorreu por diversos momentos importantes de sua trajetória de vida, caracterizando assim, uma entrevista heterogênea. Devido a este caráter heterogêneo e muitas vezes, não linear, no momento de análise, destacamos os trechos da narrativa segundo a temática e não,

⁸⁰Entrevista concedida pelo senhora Iracema Rodrigues da Silva, morador de Bragança-PA, 45 anos, curandeira, no bairro Alto Paraíso, na data de: 5 de Maio de 2012, às 17:00 hs.

⁸¹BARTHES, Roland. Análise estrutural da Narrativa: Pesquisas semióticas. In: **Introdução à análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1973.p.19.

necessariamente, obedecendo a uma ordem cronológica dos fatos. Disso decorre que o passado não é lembrado de forma linear, ou seja, a narração avança e recua sobre a linha do tempo, transbordando os acontecimentos vividos. Deste modo, algumas lembranças permitem trilhar um caminho, passando pelo que veio antes e depois. Passado e presente dialogam. Uma recordação após outra, compondo uma teia de memórias mais ou menos singular. Cada narrador narra à sua maneira, e a curandeira narra de uma forma singular sua própria trajetória de vida.

Apesar das diversas perspectivas que pode ser analisada esta narrativa, o texto centraliza esforços em compreender a relação entre um saber prático (a cura por meio de remédios, banho produzidos a base de plantas e ervas medicinais) e um saber espiritual (orações, rezas, oriundas do desenvolvimento da espiritualidade que a curandeira possui), por meio do estudo da oralidade (principal instrumento para o conhecimento dos saberes envolvido nesta prática), obtidas durante a pesquisa de campo realizada junto à Iracema Rodrigues. Os trechos, a seguir, justificam a escolha da temática.

As vezes eu to aqui despreocupada, aí eu olho ta ali (NARRADORA APONTA PARA UM LOCAL) sentado embaixo da rede, aí eu vou, mando comprar bombom, aí eu deixo nisso por aqui, assim, quando não, eu vou deixar lá. É assim, aqueles videntes, sabe? É tipo assim, eu sou média e sou evidente, eu sou as duas coisas".⁸²

ou

Pois é, vai depender da pessoa chegar com o problema, né? Aí eu dou o remédio dela, que pode ser um banho pra limpar o corpo, vai depender do sofrimento que ela ta sentindo. Vai depender do meu ver nele e passar o remédio certo".⁸³

A narradora, no primeiro trecho, realiza uma tentativa de classificar seus trabalhos de cura, chegando a classifica-los como de uma "médiun" e "vidente". Utiliza tais termos para tentar explicar uma das características principais daquela que ela denomina um dom: sentir a presença de espíritos que mantém comunicações com ela, para que assim, possa ser realizada a cura de seu paciente. Em troca de tais comunicações, a mesma, em alguns momentos, os retribui com oferendas (bombons). Este é o saber espiritual de Iracema Rodrigues que destaco aqui. Todavia, atrelado a este saber espiritual, existe um saber prático. Não

⁸² Entrevista concedida pelo senhora Iracema Rodrigues da Silva, morador de Bragança-PA, 45 anos, curandeira, no bairro Alto Paraíso, na data de: 5 de Maio de 2012, às 17:00 hs.

⁸³ Id.

podemos pensar aqui em dois saberes distintos, mas de saberes que se completam um sendo originado do outro. Assim, além do espiritual, dona Irá possui um saber que tem ligação direta com o conhecimento de ervas, banhos e orações. Ambos estão em constante diálogo e surgiram a partir do saber espiritual que a mesma recebeu através de dom. A atribuição do dom é relatada pela narradora como uma dádiva de Deus, uma missão de ajudar as pessoas em troca do saber da cura. A curandeira narra este fato que ocorrerá na beira de um igarapé em Anoirá-mirim⁸⁴ quando ainda criança.

Olha, é muito triste você ver uma pessoa do jeito que você ver e não ter força. É muito ruim você ver uma pessoa sofrendo e você não puder ajudar, é. Tudo isso eu pensava, sabe? Até que eu não queria aceitar, isso veio acho que eu tinha uns oito anos, era uma sete da noite, ninguém tinha dormido em casa, eu escutei a voz, aquela coisa me levou pra beira do igarapé, entendeu? Eu não tava com medo de nada, eu lembro, ele falou eu tava zitinha, bem pequena, desse tamanho (NARRADO FAZ GESTOS MOSTRANDO O TAMANHO), eu me lembro de toda minha infância".⁸⁵

Durante a entrevista com dona Irá, ela contava que quando iniciou a prática, ela fazia de modo ainda muito reservado, não possuía muita convicção de seus dons e processos de cura. Com o tempo, suas habilidades foram ficando mais reais e a experiência foi aumentando, passando a ter mais convicção de seu dom. Hoje, Iracema realiza suas consultas mediante uma observação do paciente, utilizando-se do auxílio dos espíritos para receber um sinal de cura de um paciente. No trecho da narrativa, a protagonista, ao ser indagada sobre a maneira que ocorrem suas consultas, diz

eu já trabalho, acho que eu tinha uns dez anos, né? Quando eu tinha os meus dez anos, né? Comecei, tipo assim, eu to te vendo, né? No que nós tamu conversando. / É o caso assim, tu chega com uma doença. Chega aqui comigo, assim, dona Irá, eu queria uma ajuda sua, aí eu vou te dizer se eu posso. Aí alguém aparece rapidinho e diz, você pode cuidar. Aí eu vou fazer, eu sei qual o

⁸⁴Localidade próxima a estrada do município de Augusto Corrêa.

⁸⁵Entrevista concedida pelo senhora Iracema Rodrigues da Silva, morador de Bragança-PA, 45 anos, curandeira, no bairro Alto Paraíso, na data de: 5 de Maio de 2012, às 17:00hs.

remédio, eu sei qual é o problema aí eu vou passar o remédio para você, entendeu como é?⁸⁶

Esse saber permite que a curandeira mesmo possuidora do dom da cura, reconheça que seu saber possui um limite, por conta disso que em diversos momentos da narrativa, Iracema Rodrigues distinguiu doenças que pertencem aos médicos e doenças para curandeiros, mediante um sinal dos espíritos. Dependendo do tipo da doença existem diferentes tratamentos, um deles é descrito na fala da curandeira.

a doença era tratada com remédio, mato mesmo, mato assim de tirar o sumo, ai eu peguei. Bati to-di-nho o remédio que era preciso, que eu vi que era preciso, tirei aquele sumo ai ensopei numa fralda aquele remédio e coloquei em cima do pé dela. No outro dia amanheceu seco, ai acordei ela, dei um banho nela, aí no outro dia amanheceu sequinho, sequinho e daí pronto, daí em diante já foi ficando boa e ficou boa, eu vou te mostrar amanhã, não, sábado, eu vou lá na aldeia, na casa da minha irmã, pra você ver como é as coisas.⁸⁷

Iracema Rodrigues executa um ofício que, segundo ela, são explicados pelos dons que recebeu de Deus, seus saberes e experiências emergem e se legitimam no cotidiano, quando necessitam socorrer parentes, amigos e vizinhos. Além de uma identificação cultural, uma vez que ela partilha de um reconhecimento social das pessoas que atende, toda essa experiência ela compartilha através de construções que faz ao narrar. A respeito disso, lembramos o pensamento de Walter Benjamin a respeito dos narradores, dizendo que, “comum a todos os grandes narradores é a facilidade que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada”.⁸⁸

⁸⁶Entrevista concedida pelo senhora Iracema Rodrigues da Silva, morador de Bragança-PA, 45 anos, curandeira, no bairro Alto Paraíso, na data de: 5 de Maio de 2012, às 17:00hs.

⁸⁷Entrevista concedida pelo senhora Iracema Rodrigues da Silva, morador de Bragança-PA, 45 anos, curandeira, no bairro Alto Paraíso, na data de: 5 de Maio de 2012, às 17:00hs.

⁸⁸BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/41903716/O-narrador-Walter-Benjamin.item> 16>. Acesso em 7 de maio de 2012.

FOTOGRAFIA 16: Dona Iracema Rodrigues, familiares e moradores do município de Bragança.



Fonte: Acervo Pessoal Imagem da pesquisa, 2013.

Durante a análise da narrativa procurou-se relacionar os saberes espirituais presentes nos trabalhos de cura de dona Irá e sua relação com um saber prático, ou seja, uma experiência com preparo de ervas e banhos. As memórias desta curandeira são, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem da trajetória de vida dela e de uma relação com o passado que dialoga com a constituição do presente. Pensando nisso, procurou-se relacionar aqui na memória e experiência, pontos fundamentais para discutir as múltiplas práticas culturais que envolvem os vários saberes de curandeiros e pajés, por meio do estudo das narrativas (principal instrumento para o conhecimento de saberes envolvidos nesta prática). Desse modo, compartilho da ideia de que, a memória oral é condição que promove o enraizamento do ser humano. Direito de narrar, assim, deveria ser um direito estendido a todos.

3.3 - “Seu Antoninho”: prestígio social e aproximações com a medicina “científica”.

Rogo a Deus o pai supremo
 A divina providência
 Que me dá inspiração
 E santa paciência
 Pra rimar esta versão
 Com prazer e inteligência.

Este mundo um para
 paraíso
 A vida uma beleza
 Até chegar o dia do juízo
 Isto é com certeza
 Vai se ter mas um alívio
 Pela própria natureza.

De Antônio Pereira Macena
 Conto o caso como é
 Uma pessoa importante
 Dou valor e boto fé
 Na cidade de Bragança
 Sr. Antoninho pajé.

Com 12 anos de idade
 Por meio da providência
 Começou a ensinar remédio
 Tem aquela competência
 Chegou a ser vereador
 Hoje tem sua referência.
 Quem nunca viu não conhece
 É preciso conhecer
 Quando a pessoa merece
 Alguém deve saber
 Aquilo que acontece.
 Pra todo mundo ouvindo ver.
 Sendo pajé ou guru
 Na vida espiritual
 Que o tempo lhe ensinou
 A medicina normal
 Sendo bom mediador
 Um grande profissional.

Uma pessoa ilustrada
 Sempre jogou com a sorte
 Ele sendo um magistrado
 Nesta região do norte
 Conquistou seu eleitorado
 Teve talento e foi forte.

Para amigos e eleitores
 Representa sua ação
 Pela sua dignidade

Demonstra sua gratidão
 Ainda vai ser candidato
 No tempo das eleições.

Por este jardim mimoso
 No infinito ou além
 Quem trabalha Deus ajuda
 Quem faz pela vida tem
 Veja se pode fazer
 Não espera por ninguém
 Pela sua autoridade
 Recebe meus parabéns.

Jorge Pascoal em 13/04/2

O poema é de autoria de Jorge Pascoal, poeta nascido em Bragança e retrata momentos da vida do curandeiro Antônio Pereira Macena na ocasião de uma conversa durante a pesquisa de campo na residência do escritor. Muito do que o poeta destaca nas linhas intituladas “Cronologia do caso”, é recorrente na prática do curandeirismo realizada por seu Antoninho. O que posso de imediato depreender, a partir deste poema, é a competência destacada por seu Jorge, atribuída ao curador. Tal competência refere-se à prática de ensinar remédio, adquirido por dom de Deus e na experiência com remédios, (segundo o curador) ou pela “providência” (nas palavras de Jorge Pascoal) por volta dos 12 anos de idade, tanto é, que o considera (segundo trechos do poema) um “profissional”, um “mediador” (entre a vida espiritual e terrena), no ramo da “medicina normal”. Deste modo, através de categorias simples e ricas em sentido, o poeta constrói um poema que permite ao leitor conhecimentos de aspectos da vida deste sujeito do município de Bragança.

“Pra mim ele é mesmo que ser um médico. Quando tenho problema desse tipo eu resolvo só com ele, faço meu tratamento com ele tem muito tempo já”.⁸⁹ Era noite quando visitei a residência de Dona Maria da Conceição em Mirasselas, distrito próximo a Bragança, mais precisamente na vila de Igarapé-Apara. Ao entrar na residência da senhora, deparei-me com ela, ao fundo de sua casa, contando para seus familiares o que tinha acontecido, dias atrás, em Bragança. Falava bastante eufórica de um tal “seu Antoninho” e de seu tratamento com uma “doença” que ela já vinha sentindo à bastante tempo. Essa, todavia, não era a primeira vez que ouvi moradores contando a respeito do tratamento deste curador.

*Ele é curandeiro, ele cura mas não é pajé de fazer em terreiro, ele é outro tipo de curandeiro, é quase que nem assim um espírita, ele faz só olhar pra pessoa e adivinhar a doença, ai vai dizendo tudinho.*⁹⁰

Os relatos acima podem ser pensados como uma “teia de significados”, como apresenta Clifford Geertz⁹¹ quando afirma a respeito do texto a ser lido e interpretado. Assim, o que pode parecer uma simples narrativa, enche-se de significados, ao levarmos em conta os diferentes sentidos que as pessoas criam

⁸⁹Entrevista concedida pela senhora Maria da Conceição, moradora da vila de Igarapé- Apara, 60 anos, na data de: 18 de março de 2012 às 19:00hs.

⁹⁰Entrevista concedida pelo senhor Francisco Neves, comerciante e morador de Bragança, 53 anos, na data de: 16 de março de 2012 às 14:30hs.

⁹¹GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

para o curandeirismo. Isso fica mais evidente quando percebemos a comparação da prática realizada por “seu Antoninho”, com a figura de um médico, tomando este último, como parâmetro de verdade, na primeira narrativa. Ou quando, um entrevistado, ao ser indagado sobre a definição dos trabalhos de cura de seu Antônio Pereira, tenta encontrar uma definição para o mesmo, tentando classificar tal prática.

Outra importante narrativa refere-se à do senhor Lucindo Silva. Nas palavras deste morador de Igarapé-Apara, o curandeiro, aparece como um experiente no ramo da cura. Para o senhor Lucindo: “Ele (seu Antoninho) é um experiente naquilo que ele faz. Ele não faz macumba. Ele trabalha em benefício do povo. Eu já fui lá também, eu e minha mulher, quem sabe das coisas, sabe!”.⁹² Do mesmo modo, a senhora Raimunda Silva, ao ser indagada sobre o motivo que a levou a procurar pelos dois serviços, tanto de um médico quanto de um curandeiro. Ela conta que

foi assim...Eu ia em um médico no hospital aí melhorava pouco, aí o pessoal dizia, porque tu não vai com o seu Antoninho. Ai deu um dia, eu fui lá com ele, ai ele passou uns remédios pra mim. Ai que eu vim melhorar mesmo.⁹³

A senhora tece uma comparação entre os dois serviços, os médicos “especialistas” e um curandeiro, porém, a moradora valoriza o trabalho deste último e atribui sua cura aos trabalhos de seu Antoninho. Talvez tal fato se explique pela segurança que ela possui na prática desenvolvida por ele, uma vez que, a respeito disso, ela comenta que

tem segurança sim, tem segurança sim! Todo mundo diz assim: (eu fiquei boazinha com aquele homem.) Tem até uma mulher lá em Capanema que ela foi em todos os médicos, ai ela veio ficar boa com ele, isso já foi umas três pessoas que me falaram e eu vejo falar é muito, que ele é bom.⁹⁴

De acordo com o material das entrevistas que realizei durante a pesquisa, uma das características mais evidenciadas que se percebe na prática de seu Antônio Macena corresponde ao prestígio social que o mesmo possui junto a uma parcela da sociedade, tal “popularidade” assume proporções maiores, que levam conhecimento

⁹²Entrevista concedida pelo senhor Lucindo Menezes da Silva, morador de Igarapé-Apara, na data de: 18 de Março de 2012 às 16:30hs.

⁹³Entrevista concedida pela senhora Raimunda da Silva, moradora do bairro Padre Luís, 67 anos, na data de: 18 de março de 2012 às 10:00hs.

⁹⁴Entrevista concedida pela senhora Raimunda da Silva, moradora do bairro Padre Luís, 67 anos, na data de: 18 de março de 2012 às 10:00hs.

de que o curandeiro possui paciente tanto no município quanto em outras regiões. Essa característica já foi apontada pelo escritor da região, o senhor Aviz de Castro. Durante uma entrevista com este morador do município, o mesmo reconhece que o curandeiro se destaca na arte de curar atribuindo essa certeza, aos inúmeros comentários dos moradores.

no ramo dele, que é de medicar, passar remédio os pessoal dizem que ele é bom, eu escuto muitas referências sobre ele, o negócio é que ele trabalha tem muito tempo já. Eu só não falo mais dele porque com ele eu só sei do que as pessoas me falam, e falam muito. Mas quem pode te falar dele é a Dona Noquinha de perto da Universidade, ela tem conhecido muito sobre ele. Até porque aqui em Bragança mesmo, só teve duas pessoas nesse ramo: seu Antoninho e o seu paixão, que a gente conhecia de paixãozinho.⁹⁵

Tais sujeitos mostram em suas narrativas uma dada relação que estabelece com a prática de cura de seu Antoninho. Algumas até reconhecem a necessidade dos serviços realizados por médicos em hospitais e postos de saúde, todavia, entendem também que o trabalho que o curandeiro desenvolve possui uma grande importância, ao ponto de confiar nos trabalhos do curandeirismo. Sendo assim, a senhora Maria, seu Lucindo, Francisco e a senhora Raimunda representam uma particularidade de moradores da região.

Quando perguntamos nas ruas e bairros de Bragança a respeito do curandeiro Antônio Pereira Macena, na maioria das vezes, obtemos respostas e informações sobre o mesmo, as entrevistas acima revelam esse reconhecimento social. Pierre Bourdieu chama este prestígio social de poder específico (pessoal). Para esse autor os campos são lugares de duas formas de poder: poder institucional, aquele que está ligado à ocupação de posições importantes na sociedade e poder específico, oriundo de certo “prestígio” pessoal que um sujeito social possui que independe de posição ou instituição reconhecida.⁹⁶

Até o momento escutamos as vozes que vem “das ruas” e da vida dos moradores, por meio de tais vozes começo a conhecer Antônio Pereira Macena, sujeitos que muitos conhecem e que consegue atrair grande “clientela” para sua residência, tão popular que moradores “contam” e “recontam” histórias de suas curas e milagres, mediante a famosa expressão, “boca a boca”.

⁹⁵Entrevista concedida pelo senhor Aviz de Castro, poeta bragantino, na data de: 19 de Março de 2012, às 15:00hs.

⁹⁶BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da USP, 1998.

Sofri preconceito da minha própria família. O meu pai não queria. Ele dizia que tinha haver com macumba, mas pode ver que não tem nada disso não, eu não vivo bebendo cachaça e nem fazendo o mal pra ninguém.⁹⁷

Nas palavras de Antônio Pereira Macena, 62 anos, encontra-se uma visão preconceituosa que ainda existe no município. O curandeiro conta que ao iniciar essa prática, aos 12 anos de idade, sofrera rejeição por parte de sua própria família, dentre estes, seu pai, que não aceitava esse trabalho, pelo fato de acreditar que essa atividade tinha ligação com macumba e feitiçaria. Mesmo com a existência de discursos como estes ainda se perpetuando ao longo do tempo, existem também outras vozes que reúnem um discurso contrário a este, aquele que toma a mesma, como uma prática de cura determinante para a sociedade bragantina, atividade esta que se desenvolve ao mesmo tempo com a medicina dita “científica”.

O curandeiro nasceu na região do Caratateua (interior próximo de Bragança). Hoje, sua residência está localizada no bairro da Aldeia. Indagado sobre o início de seu trabalho como curandeiro, o Sr. Antônio Macena contou que:

foi assim (...) comecei com esses dons muito cedo quando eu ainda morava no Caratateua, eu tinha doze anos e ninguém na minha família teve isso. Eu fui o primeiro. Aí depois minha família se mudou para Bragança. Ai iniciei minhas consultas aqui mesmo só que na outra casa aqui logo.⁹⁸

O curador entende que tal prática é herança de um dom, adquirido e manifestado ainda muito jovem quando ainda residia em outra localidade. Na ocasião de sua família ter decidido se mudar para Bragança este começou a desenvolver suas práticas como curandeiro em sua residência neste município. Local este que recebe diariamente diversas pessoas. Desse modo, Antônio Macena começa seu atendimento todos os dias, por volta de cinco horas da manhã até por volta de dez da manhã. Várias pessoas aglomeram-se em frente de sua residência para conseguir uma ficha para consulta com o mesmo. O curandeiro afirma possuir preferência por tais horários, pois suas energias são mais fortes nos primeiros horários do dia, o mesmo relata que vai ficando cada vez mais cansado, pois recebe

⁹⁷ Entrevista concedida pelo senhor Antônio Macena na sua residência, na data de 15 de Agosto de 2011, às 15:00hs.

⁹⁸ Id.,.

todas as energias e sentimentos ruins de todos os pacientes, tanto os casos mais simples quanto os casos em que precisam de mais cuidados.

Os relatos e depoimentos dos moradores de Bragança e demais municípios, deixam claro, através de suas memórias, a relação entre essa prática cultural e a vida social das pessoas. Numa conversa com seu Darival, o mesmo fala das vezes em que se consultou com “seu Antôquinho”, ele diz que:

Foi assim (...) eu morava no Cacuau, ai desde lá eu já conhecia seu Antoninho, isso em 1980. Ele já consultava, ai eu vim aqui com ele. Eu lembro que nesse tempo, pra se consultar com ele, a gente dava quanto podia, se alguém não tinha dinheiro, então não dava nada.⁹⁹

O relato evidencia que Antônio Pereira, nos anos 80, já desenvolvia sua prática, todavia, esse trabalho tem sofrido algumas modificações com o passar do tempo. Naquele período, o trabalho realizado pelo curandeiro não consistia em uma atividade remunerada, o “paciente” contribuía com uma quantia em dinheiro, dependendo de quanto o mesmo disponibilizava naquele momento. Dona Maria, 50 anos, doméstica, relata como eram as consultas de seu Antoninho, quando o mesmo se mudou para Bragança, ela conta que,

Antes, seu Antoninho nem morava nessa casa que hoje ele mora. Ele morava (PENSATIVA) aqui bem perto, mas antes era a casinha pequena perto do taberninha ali, lá ele rezava, consultava e benzia. Hoje ele faz também, quando a gente pede ele faz sim, todo tipo de trabalho desses de cura pessoa.¹⁰⁰

Esse processo mudou bastante, hoje as consultas, pelo grande número da procura, precisam ser “marcadas” e possuem um valor fixo. Observa-se o quanto a cultura sofre determinadas modificações e trocas simbólicas com um discurso hegemônico. Um exemplo disso pode ser entendido, quando percebemos a utilização da palavra “consulta” (uma palavra própria da medicina científica), na cultura popular, bem como a estrutura do atendimento de seu Antônio Pereira: “agendar a consultar previamente e após a mesma, um pagamento em dinheiro”. Ainda segundo seu Dário, ao ser indagado sobre como consiste essa prática de cura, o funcionário público fala:

⁹⁹Entrevista concedida pelo senhor Antônio Macena na sua residência, na data de 15 de Agosto de 2011, às 15:00hs.

¹⁰⁰Entrevista concedida pela senhora Maria Dolores da Silva, 75 anos, moradora de Bragança, funcionária municipal aposentada, na data de 18 de março de 2012, às 10:00hs.

Ele adivinha o que você tem, o que você sofre, ele vai dizendo tudinho. Ele tem uma força da mente, das vezes que eu fui lá, ele dizia o nosso problema: no que ele orava ele ia dizendo o que a pessoa sentia e depois passava remédio.¹⁰¹

É importante perceber, no discurso existe uma crença na figura do curandeiro, todavia, uma dúvida ainda pode ser percebida na fala de seu Dário, quando o mesmo diz que: “das vezes que eu fui lá”, como se ao mesmo tempo que afirmasse, ainda possuía dúvida do trabalho de seu Antônio, se utilizando nessa frase deu uma verbo no passado, que pelo menos nos momentos em que se consultou com o seu Antoninho, o mesmo adivinhou os seus problemas. Ainda pesando nas mudanças que sofreu a prática de cura de seu Antoninho, o senhor Darival Silva lembra de que algumas dessas mudanças e nos afirma, dentre várias, os trabalhos que foram se tornando menos frequentes durante as “consultas” de seu Antônio Pereira, sobre isso fala

A consulta dele ele sempre ele fazia oração, tinha sempre um negócio de oração. Ele hoje já consulta quase sem oração, mais antes ele consultava sempre com a oração. Ele dava passe, ele benze as pessoas e hoje, ele, de acordo com a necessidade, ele faz esse trabalho de benzer, de rezar e também de defumação.¹⁰²

As palavras do funcionário público coincidem com as do próprio curandeiro Antônio Pereira ao ser indagado sobre quais trabalhos ele desenvolvia nos tempos atuais, afirma: “Eu passo remédio de farmácia, mas quando tiver necessidade, eu passo o caseiro. Eu também faço o trabalho de benzer, dar passe”. Notemos que antes os trabalhos de benzer e também receitar remédios caseiros era realizado com mais frequência, todavia, segundo esse depoimento de seu Dário, bem como, do próprio Antônio Pereira essas atividades deixaram de ser frequentes. O mesmo afirma que: “quando houver necessidade”, ele faz esses trabalhos, se referindo a benzer, defumação, oração, enfim. Percebe-se assim, que elas já não são mais prioridades do trabalho de seu Antônio. Todos os entrevistados até o momento evidenciaram por meio de suas narrativas a relação que possuem com a prática de seu Antoninho. Todos estes reconhecem a eficiência dos hospitais e necessidade de

¹⁰¹Entrevista concedida pelo senhor Darival Risuenho da Silva, morador de Bragança, funcionário da prefeitura municipal, na data de 18 de março de 2012, às 9:00hs.

¹⁰²Entrevista concedida pelo senhor Darival Risuenho da Silva, morador de Bragança, funcionário da prefeitura municipal, na data de 18 de março de 2012, às 9:00hs.

exames médicos, todavia, depositam grande confiança no trabalho do curandeiro, de modo que, deixam registrado em suas vozes, a relação que possuem com a prática do curandeirismo.

3.4 - “Dona Almerinda”: histórias sobre o esquecimento

Aí com pouco tempo, levou uns anos, eu fui numa senhora, mas eu sabia, eu não tô tão ruim que eu não sei das coisas da minha vida. Eu descobri que aquela parteira tinha prendido minhas correntes, minhas correntes de parto, desde aí eu nunca mais fiz um parto. Certo dia, eu fui na casa de uma senhora, ela disse: (dona Almerinda, a senhora nunca mais fez nenhum parto né? A senhora fazia muito parto né?) Eu disse pra ela, não faço mais, fiquei com medo por causa das correntes. Ela disse, (a senhora sabe o que foi?) Eu disse, eu sei. Ela disse, (pois é, foi por causa daquela senhora que tu fez o parto no lugar dela, né.) Eu disse, foi. Ela morreu, e não desprendeu as correntes. A mulher disse que ela ia soltar as correntes. Ai desde então eu não fiz mais parto, eu vou, eu cuido, eu passo remédio, oriento, mais quando eu vejo que é a hora de nascer, eu mando pro hospital, mas todo mês tem palestra na casa das 13 janelas. Por isso que muitas vezes a gente diz, que a gente não deve se meter onde não cabe.¹⁰³

Despertou grande curiosidade quando, na tarde de 05 de maio de 2013, iniciei uma entrevista com a curandeira e parteira Almerinda Vieira de Sousa, junto de seu marido, Romão Vieira de Sousa na sala de sua casa, local onde eles explicavam os motivos que levaram dona Almerinda a não realizar mais parto, restringindo-se em cuidar, acompanhar, orientar, passar remédio, benzer e fazer orações.

Quando iniciei a pesquisa acreditava que o motivo mais comum para que uma parteira fosse levada a encerrar seus trabalhos de parto, se desse em razão de alguns motivos tais como a avançada idade ou um acidente que impedisse a realização de seus trabalhos. Esse pensamento se confirmava, na medida em que, eu observava. A mesma possui algumas destas características, por exemplo, a avançada idade de 79 anos e uma aparente fragilidade, características que, cada vez mais, me levavam a confirmar minhas hipóteses. Todavia, no caso de dona Almerinda o principal motivo fora diferente destes aqui mencionados, tive a certeza disso, quando escutei, naquela tarde, ela rememorar parte de sua trajetória de vida.

¹⁰³ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

Sentada em um banquinho, junto à janela de sua sala, interrompida muitas vezes pela voz grave de seu Romão Vieira de Sousa, ela narrava em palavras rápidas e diretas, desviando em alguns momentos e entre silêncios, aquele episódio de sua história em que uma pajé da região “prendera suas correntes de parto”. Contara que certa tarde, ela soube que uma conhecida, moradora do bairro Perpétuo Socorro, se encontrava em “trabalho de parto”¹⁰⁴ e como de costume, ela decidiu se deslocar até aquela residência com a intenção de realizar o parto ou simplesmente ajudar no que fosse preciso. Quando chegou ao local, dona Almerinda notou que já havia outra parteira cuidando daquela mulher e que a mesma já havia iniciado os primeiros cuidados, mesmo assim, Almerinda, decidiu permanecer no local, por insistência de alguns familiares, e caso fosse preciso, ela estaria alí para ajudar. Durante a espera, a curandeira Almerinda observava atentamente o tratamento que a parteira que lá estava, dava a mulher, todavia, acreditava que antes de realizar aquele parto era necessário que se fizesse uma oração na barriga daquela gestante, o que não fora feito pela parteira que lá estava, pois aquela se recusava em fazer, já que não conhecia oração, algo inaceitável para a senhora Almerinda Vieira. Depois de algumas trocas de palavras, Dona Almerinda fora quem realizou aquele parto, onde tudo ocorrera de forma normal, nesse momento a outra parteira já havia deixado o local. Tendo passado alguns dias, Almerinda descobrira que aquela mesma parteira havia colocado um feitiço nela, pois andava sentindo algumas coisas estranhas, associando tais sintomas com um feitiço, atribuindo a tal parteira.

Escutar a narrativa daquele acontecimento permite diversas reflexões, sobretudo aquela que girava em torno da expressão “prender as correntes de parto”. A partir de tal expressão, pensa-se no seguinte questionamento: no contexto do curandeirismo, que significava aquela expressão? Tal termo é utilizado para se referir um determinado trabalho de cura. Desse modo, dentro desse contexto, corrente pode ser interpretado como conhecimento ou sabedoria relativo a um dom. Em meio a estas representações, aquele episódio podia ser interpretado quanto uma rivalidade entre curandeiros; criando-se, a partir disso, uma hierarquia entre os curandeiros da região, ou mesmo, separação entre os tipos de curandeiros, refletido nas diversas nomenclaturas que surge entre os mesmos. A respeito dessas categorias, observe a maneira que Almerinda fala a respeito dos “feiticeiros”.

[Dona Almerinda, tem um negócio que as pessoas sempre falam, é o feitiço, quando alguém coloca, enfeitiça outro. A senhora não

¹⁰⁴ Termo utilizado para se referir à gestante que já se encontra em momento antes de ter a criança.

trabalha com isso, né?] Não, isso não me pertence não, eu só trabalho com a cura. Porque tem o pessoal que bate tambor. [Quem é o pessoal que bate tambor?]. É o feiticeiro, ele bota e tira. O Tambor ele bota e tira, ele vai bater tambor, ele bota tira. É o pajé. [Aqui em Bragança tem?]. Tem, e muito. Aquele que bota, porque às vezes tem o outro que manda botar. As vezes tu não gosta do fulano ai vai e bota o feitiço, ele vai, faz umas coisas lá e bota. Já, aquele que vem, bota de novo. [Dona Almerinda, aquela senhora que prendeu as suas correntes, é pajé?] Dona Almerinda: Sim, é pajé. [A senhora se recuperou?] É, mais ou menos né? [E a senhora não fez mais parto? Mais a senhora vai lá pra cuidar, né?] Não, eu vou e eles vem aqui. Outro dia tinha uma aqui, mas fui acudir um animal que tava doente, eu só puxei, tava certinho, eu disse. Vai pro hospital.¹⁰⁵

Note que a curandeira estabelece categorias para se referi aquela mulher. Em conformidade com isso, o impedimento impossibilitou que a mesma continuasse com seus trabalhos, feitiço este realizado por uma pajé, presente na expressão, “prender as correntes”. Para Almerinda, o sujeito que realiza a ação de colocar feitiço no outro por vontade própria ou a mando do outro, atrelado ao uso do tambor em seus rituais é classificado como pajé ou feiticeiro.

Aquele acontecimento foi como um divisor de águas na vida daquela curandeira, significando para ela, algo profundamente importante, camuflado pelo desejo de esquecimento. Dentre as diversas representações que podemos fazer desse acontecimento, entende-se que, tal episódio tenha um sentido um tanto curioso, tendo em vista que, todo esse contexto que envolve a prática do curandeirismo. A princípio, esse mesmo fato pode ser entendido como banal, todavia, no desenrolar dos acontecimentos, conservam-se ricas relações de rivalidades entre curandeiros, manifestadas nas relações cotidianas. No caso, Almerinda Vieira valeu-se da solidariedade e também da curiosidade quando decidiu realizar aquele parto e acabou por provocar uma situação de rivalidade. Ela afirma a respeito disso, reafirmando assim, o jargão popular “é por isso que a gente não deve se meter onde não cabe”.

Desse modo, o termo “esquecimento” utilizado no título desta seção se justifica a partir da utilização dessa categoria enquanto atividade da memória, tendo por base o acontecimento anteriormente narrado pela curandeira. O termo esquecimento é aqui entendimento quando o contrapomos ao termo lembrança.

¹⁰⁵Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

Utilizaremos, portanto, algumas categorias discutidas por Paul Ricœur.¹⁰⁶ Este autor pretende em seu texto, realizar uma fenomenologia da memória, utilizando-se para isso, as categorias do esquecimento e do perdão como parte significativa da memória, não como algo homogêneo, mas pensado em suas diversas ações e reações, ou seja, que a memória se dá, portanto, em meio a um processo heterogêneo. Disso decorre que a categoria esquecimento não possui único sentido, mas se desdobra em vários outros, dependendo dos modos e dos contextos que ela se manifesta.

Dito isto, esquecimento e perdão, eis dois termos amplamente discutidos por Ricœur, enquanto o primeiro aborda a ideia de memória e fidelidade ao passado, o segundo, entende e discute a culpabilidade e reconciliação com o passado, e que, em alguns casos, discutidos tais termos conjuntamente, resultem em um horizonte, justificado pela memória apaziguada, refletida no termo memória feliz.

Torna-se importante considerar que o feitiço que a curandeira sofrera pode ser aqui interpretado enquanto um acontecimento marcante na vida desta senhora, e que por ser entendido como um momento doloroso, a mesma pretende esquecê-lo. As marcas desse desejo de esquecimento podem ser interpretadas a partir da transcrição da oralidade, marcadas nos silêncios, desvios e omissões. Entende-se portanto, que relembrar tais acontecimentos, representou aquele “processo de rememoração” que falou Paul Ricœur, ou seja, o encontro com determinada situação (a entrevista) que possibilita que o sujeito retorne a “situação primeira” (o dia em que ela foi realizar o parto), ocorrendo assim, um “choque de acontecimento”, em outras palavras, uma imagem que permite retornar a “fiel afecção primeira”.¹⁰⁷

Dona Almerinda possui experiência no preparo de remédios, aconselhamento das gestantes, acompanhamento da gestação, cuidado de pessoas e também de animais e assim vai dando continuidade em seus trabalhos, procurando deixar de lado esse acontecimento. O esquecimento, portanto, realizado por Almerinda Vieira tem um ápice, refletido, naquilo que Paul Ricœur denominou de memória apaziguada, estágio em que as lembranças aquietam-se e pacificam-se, oriunda da relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, daquilo que ele denomina de “incógnito do perdão”, em outras palavras, afirmando que, “não é a culpabilidade que é aqui discriminante, mas apenas a de reconciliação, que imprime sua marca final na sequência inteira das operações mnemônicas”.¹⁰⁸ Com isso, o autor deixa claro que,

¹⁰⁶ RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. UNICAMP, Campinas: 2007, p.504

¹⁰⁷ Id., *ibid.*,

¹⁰⁸ Id., *ibid.*,

existe nessa ação uma dialética do “desliga-liga” no que se refere às linhas da lembrança de sujeito que fazem parte da nossa memória.

Percorrer as histórias de vida de Almerinda Vieira de Sousa significa caminhar pelos saberes empíricos desta curandeira, refletidos em suas atividades cotidianas, saberes e relações construídas com os sujeitos, permitindo entendê-las dentro da atual conjuntura do discurso que se tem hoje referente à prática do curandeirismo em Bragança. As histórias narradas por ela internalizam assim, saberes e modos de vidas que tecem os caminhos das identidades construídas pela memória de lugares, pessoas, relações e experiências. Mulher que viaja, que percorre o município de Bragança, motivada pela cura de seus pacientes, pelo pedido de ajuda dos moradores e para atendimento de pessoas que não podem ir até ela, acumulando experiências com estas andanças, sempre orientada pela fé em santos pertencentes ao catolicismo popular.

Tomando por base o documento oral produzido, Almerinda atribui tais saberes a um dom recebido por Deus. A mesma chega a afirmar que no começo não queria assumir aquela vontade maior de cuidar, mas que, por insistência divina, movida por um desejo dentro dela de sair nas casas cuidando das pessoas era maior. Portanto, eis aqui algumas palavras da curandeira.

[Dona Almerinda, como a senhora começou a perceber os primeiros sinais de que a senhora ia ser parceira. Teve isso, como foi?] Uma coisa que me cutucava assim me inquietava, vontade pra fazer parto, de cuidar das pessoas e eu não queria saber disso, nunca queria saber. Ai quando tinha parto, as parteiras me chamavam pra mim dá uma ajuda, né? Ai eu pensava, o meu Deus, o que o senhor quer de mim, será que eu vou seguir mesmo esse caminho? Será que eu vou ser isso mesmo? Aí quando pensou, eu ai, ajudava, ajudava. Ela disse: (Dona Almerinda, a senhora vai ser parceira.) Eu disse: não, eu sei que eu tenho um dom, mas não quero. Mais ela disse, (a senhora vai, porque o seu dom é de parceira e benzedeira.) Eu disse não, eu não quero, de jeito nenhum.¹⁰⁹

Diversas são as narrativas que enfatizam as primeiras aparições do dom em curandeiros. Benedita Celeste de Moraes Pinto¹¹⁰ em seus estudos com mulheres amazônicas, oriundas da região do Tocantins, concluiu a partir dos dados coletados

¹⁰⁹ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de: 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

¹¹⁰ PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filha das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: AÇAI, 2010.

naquela região que, a pessoa não se torna “experiente” ou “benzedeira”,¹¹¹ simplesmente, por querer, é necessário que esta pessoas tenha um dom adquirido para manifestar tal ofício, raras são as narrativas de interferência humana para que uma pessoa passe a cuidar da outra, na maioria das vezes, esse dom se manifesta por alguma interferência divina. Dentre as narrativas mais recorrentes identificados pela historiadora estes são os motivos mais evidentes.

Ainda sobre os trabalhos de Benedita Celeste, acredita-se que as pessoas trazem este dom ao nascer, embora viva grande parte da vida sem saber da existência dele, identificado, geralmente por uma pessoa da família. Isso ocorre quando a criança começa a apresentar comportamentos diferenciados. Afirmar, por exemplo, que a criança chorou no ventre da mãe. Fenômeno este identificado apenas por pessoas que possui dons e permite a escuta do choro, é um sinal de que a criança pode desenvolver tais dons. Após receberem o dom quando nascem, tais mulheres acreditam que, somente passarão a entendê-lo esse dom, mediante as etapas e eventos cotidianos ocorridos no interior da família, disso, cada um passará a observar as mudanças estão ocorrendo no corpo e na mente. A aparição do dom na senhora Almerinda ocorreu de modo semelhante a esta última descrição utilizada por Benedita Celeste para representar as parteiras e benzedeiras que entrevistou, ressaltado algumas particularidades. Apesar de ter identificado tais indícios, somente na ocasião da realização de um parto foi que ela se convenceu dos dons que possuía, admitindo que era parteira e curandeira. Dessa relação de troca que ela estabeleceu com a comunidade surgiu o conhecimento de plantas e ervas medicinais, remédios e curas para as pessoas e também para animais.

A criança que nasce em meio a muito dor, vai ter cólica. Hoje não querem mais fazer, mais antes a gente fazia muito, ai coloca um pedacinho do umbigo da castanha do Pará, é bom pra cólica, mas hoje eles não querem mais fazer. As gentes comprar remédio né? Mais o chá é bom pra dor. Pra cólica, torra o chá do alho e toma. Tem garrafa também que desinflama, eu tenho feito e passa. Quando o cisto ta desse tamanho, ele bate e volta. Às vezes não quer operar, toma garrafada, umas duas ou três em seguida, às vezes tem corrimento. Às vezes parece muita senhora aqui com inflamação.¹¹²

¹¹¹ Termos que Benedita Celeste Pinto utiliza em seus trabalhos para se referir a aqueles sujeitos que aqui denomino de curandeiros.

¹¹² Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

Ao tecer narrativas que revelam este conhecimento de chás e ervas medicinais, a curandeira menciona duas formas de curar: a primeira delas corresponde aos remédios caseiros, oriundos da Castanha do Pará, alho ou algumas ervas que são adquiridas para preparar garrafada; outros, são os remédios considerados “ de farmácia”. Hoje, na opinião da curandeira, diversas são as pessoas que substituem estes primeiros, por uma quantidade considerável de pílulas. Tal discussão permite pensar nas relações que o homem estabelece com os diversos recursos medicinais que estão disponíveis. Essa reflexão não deve ser aqui entendida enquanto valorização de um saber sobre o outro, mas descreve a respeito da relação que tais medicinas desenvolvem e mantêm no espaço bragantino, onde moradores dialogam com tais remédios e se utilizam dessa variedade, de acordo com suas crenças e sua realidade. Além do cuidado que possui com as pessoas, a curandeira cuida de vários animais, precisando, muitas vezes, se valer da ajuda de outros profissionais para realizar. A narrativa abaixo mostra uma destas situações.

[Além da senhora bezer pessoas, a senhora cuida também de animais?] Em Augusto Correa já cuida de uma vaca que tava triste. Dessa vez foi mais difícil, quando ela ia ter filho. O rapaz de lá veio aqui me buscar pra cuidar, mas dessa vez eu tive que pedir ajuda pra um veterinário, porque tivemos que pontear. O filhote era muito grande. Às vezes é necessário eu meter a mão. Costumo também passar remédio. Agua gelada, iodo, mercúrio dentro, lavar aquilo todinho. Isso ai é pra quem tem sangue e coragem, duas luvas na mão, botando e lavando a água. Ela ficou deitada lá, ate agora não apareceu nenhuma novidade, quer dizer, recolhe bem, acho que esta tudo bem. Até hoje tudo normal.¹¹³

As narrativas orais permeiam conhecimentos e saberes realizados pela curandeira em Bragança e demais interiores, revelando que, mesmo com o impedimento que ela sofrera um dia (naquilo que se refere à realização de parto), a mesma continua seus trabalhos de cura e de orientação. Almerinda Vieira pertence ao quadro das 37 parteiras cadastradas na Secretaria Municipal de Saúde de Bragança (SEMUSB), que realizou em alguns meses do ano de 2013, treinamento de capacitação de parteiras.¹¹⁴ Importante considerar e refletir a respeito da relação

¹¹³ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

¹¹⁴ Reportagem de J. Bahia no dia 19 de março de 2013 às 21:44hs. Disponível em < <http://www.fundacaoeducadora.com.br/>. Acesso no dia 20 de Agosto de 2013.

que o saber empírico mantém com o saber dito “oficial” da medicina, refletido em órgãos oficiais representados pela Secretaria de Saúde do município. Nas divulgações realizadas na mídia o objetivo da realização de tal treinamento refere-se a, “importância do pré-natal”. Dessa relação que é construída entendo que, cada vez mais o discurso dominante da medicina dita “oficial” vai adquirindo espaço diante da prática milenar de parto realizado por tais mulheres, enfatizado no treinamento que, tais mulheres “cuidem” e “orientem” as gestantes da importância do pré-natal, e que, cuidem de tais mulheres, para que, no determinado certo, elas possam encaminhar as gestantes para uma realização do parto sadio nas clínicas e hospitais. Todavia, é preciso considerar que essas mulheres e o saber dito “não-oficial” não é disseminado como se pensa, tal saber existe e vai se perpetuando mesmo com as embates do discurso hegemônico. O programa passa a fornecer para estas mulheres, cesta básica e kit parto para a realização “sadia” e “cuidadosa” do parto nas residências em casos de urgências e em clínicas após a realização do período do pré-natal. A seguir, as imagens evidenciam alguns aspectos referentes ao treinamento. As 37 parteiras cadastradas na Secretaria Municipal de Saúde que realizam, periodicamente, treinamento de capacitação de parteiras. Dona Almerinda, orgulhosamente, enfatiza em suas narrativas, a participação que ela tem e da importância que possui o treinamento realizado pela Prefeitura. Dos diversos discursos e da realidade pensada no município, penso na atitude do poder público em realizar tal capacitação, nos objetivos apresentados na mídia, e qual de fato, seja a razão desta, aparentemente refletida em uma atitude de respeito diante de tais sujeitos, todavia, não existiria aqui a valorização do saber médico em detrimento do saber de um saber empírico refletido no saber dessas parteiras. Tal reflexão merece ser pensada enquanto consideração e prerrogativa importante, tendo em vista os diversos discursos do tempo presente.

FOTOGRAFIA 16: Parteiras realizando o encontro de capacitação pela Secretaria de Saúde do município.



Fonte: Reportagem de J. Bahia no dia 19 de março de 2013 às 21:44hs. Disponível em < <http://www.fundacaoeducadora.com.br/>. Acesso no dia 20 de Agosto de 2013

FOTOGRAFIA 16: Curandeira e parteira Almerinda Vieira de Sousa.



Fonte: Reportagem de J. Bahia no dia 19 de março de 2013 às 21:44hs. Disponível em < <http://www.fundacaoeducadora.com.br/>. Acesso no dia 20 de Agosto de 2013

No que diz respeito ao discurso presente na fala da curandeira em análise, veja o que ela pensa quando é indagada a respeito da importância do ofício de curar.

[A gente vê que a senhora ajuda muito as pessoas, desde parto, ate a cura de pessoas e agora, de animais. Como à senhora vê a importância do seu trabalho pras pessoas de Bragança?] Quando eu penso assim, eu pergunto, quem mandou vocês aqui em casa? A senhora é conhecida de muita gente, vem maranhense, cearense, vem do Riozinho, de Bragança, Augusto Correa, Cacau

do Piritoró. Tem muito informação assim, eu não sei se eu sou muito falada, eles dizem, não, a senhora é muito falada. Eles ensinam e a gente vem bater aqui. Mais tem um detalhe, a gente chega aqui e não lhe acha, a gente passa três, quatro dias rodando e ninguém lhe acha. Eu disse, a minha filha, só se for cedinho, eu to deitada ali ou então de noite, se eu não tiver rodando pelas casas de noite eu to aqui. Eles dizem mais agora eu lhe achei e vou marcar quando eu vim de novo, a senhora me espera, eu espero.¹¹⁵

Tendo em vista o documento acima, do reconhecimento popular, a senhora Almerinda constrói seus trabalhos, tal reconhecimento assim, para ela, é motivo de orgulho e de grande sentimento de satisfação. Nesse processo dialógico de investigação, refletido nas vidas de Antônio Pereira Macena, Iracema Rodrigues da Silva e Almerinda Vieira de Sousa temos a percepção de que, mais do que registrar vozes, a história oral tem como objetivo a apreensão de modos de vida, de como curandeiros (a) organizam suas vidas em meio a lembranças, experiências, nessa articulação e representação que realizam entre o passado e o presente, além da expectativa de um futuro.

Talvez o grande mérito aqui construído seja o da não avaliação do discurso verdade ou mentira, mas o reconhecimento da maneira com que os discursos são produzidos e em especial o discurso do curandeirismo em Bragança. Sendo assim, diversas são as incertezas que pairam sobre essa prática, todavia, a intenção primeira do pesquisador é, sem dúvida, é o “inacabamento” dessas histórias de vida, refletido, nas escritas de texto acadêmicos. Daí que utilizo das palavras de Paul Ricœur, que afirmou quando quis resumir seu livro: “Sob a história, a memória e o esquecimento. Sob a memória e o esquecimento, a vida. Mas escrever a vida, é outra história. Inacabamento”. Dessa frase digo que, de uma história de esquecimento, estes curandeiros deixam gravada em nossas memórias, suas histórias de remédios, de cura e sem dúvida, de vida.

¹¹⁵ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

CAPÍTULO 4: MODOS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: MORADORES CONTROEM SIGNIFICADO PARA O CURANDEIRISMO

4.1 - Discursos sobre o curandeirismo

Assim como as águas do mar
Saem do mar
E tornam para o mar
Assim o ventre d'esta criatura
Torne ao seu lugar

O texto acima, pertencente ao documento português do século XVIII,¹¹⁶ revela uma sequência de gestos utilizados em uma sessão de cura informal. A curandeira, para problemas de “baixo ventre”, pegava banha de porco, esfregava em duas folhas de couve e em seguida nas mãos. Após esse processo, ela tocava as paredes do abdômen do doente e colocava uma das folhas no estômago e outra nos rins da paciente, deixando as folhas, por certo período, amarradas na cintura da pessoa. Finalizava tal sessão de cura, com uma oração na paciente, recitando três vezes as frases descritas no documento acima. O processo de “invocação por palavras e gestos” ou “a oração de oferendas” era bastante comum nas práticas de curandeiras e benzedeiros no século XVIII. Para remediar, por exemplo, o conhecido mal do “quebranto”, que atingia homens, mulheres e principalmente crianças deste período, a benzedeira invocava três vezes o nome de Jesus, realizava a benção e com uma peça de roupa da pessoa, recitava a seguinte oração: “Jesus encarnou, Jesus nasceu, Jesus padeceu, Jesus ressurgiu; assim como isto é verdadeiro se tirem os males deste doente pelo poder de Deus, de são Pedro, de são Paulo e do apóstolo sant’ago”.¹¹⁷ Em outros casos, ela recitava outra oração em forma de oferenda, fazendo sinal de cruz sobre o paciente, dizendo.

Anecril [alecrim] que foste nado
Sem ser semeado
Pela virtude que Deus te deu
Tira esse olhar
O seja cobranto [quebranto]
Tira mal a este cristão.¹¹⁸

¹¹⁶VASCONCELLOS, José Leite de. Tradições populares portuguesas do século XVIII. Revista Lusitana. v. VI, p. 273-299, 1900-1901. p. 289. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.89.

¹¹⁷ Id., *Ibid.*, p. 89.

¹¹⁸ Id., *Ibid.*, p. 90.

Já dizia, em fins do século XVIII, o bispo do Pará dom Frei Caetano Brandão, na Colônia, é melhor tratar-se com a gente tapuia do sertão, que observa com mais desembaraço instinto, do que com médico de Lisboa”¹¹⁹. Mary Del Priore, esclarece, que, a razão dessa preferência, neste período, se dava porquê a maioria dos profissionais de então revelavam uma insuficiente formação escolar, justamente pelo fato de estarem alheios aos avanços da medicina, continuando ligados unicamente ao discurso divino, onde toda a doença tinha uma explicação dada por Deus, advinda de algum castigo, sendo raros aqueles médicos que não tinham tal formação e pensamento. A autora enfatiza em seu texto que, o curandeirismo surge desta necessidade da medicina, advinda de conhecimentos vulgarizados, popularizados, oriundo de saberes empíricos. Apesar das constantes perseguições, muitos destes, tendo o reconhecimento de delegados para continuarem a exercer suas atividades, estes representantes elaboravam espécies de certidões que autorizavam determinado sujeito a realizar processos de cura, uma destas certidões nos é apresentada no texto de Mary Del Priore. Ela inicia com as palavras:

Antônio Rodrigues da Rocha, Serurgião [cirurgião] aprovado por sua Majestade Fidelíssima Delegado da Real Junta do Protomedicato etc., certifico que Maria Fernandes Maciel me enviou a dizer por sua petição que ela se tinha aplicado curiosamente a curar Tumores Surrosos [cirrosos] e como não o podia fazer sem licença me pedia que a admitisse a exame para curar as ditas enfermidades, e saindo aprovada mandar-lhe passar sua certidão, o que assim o fiz em minha presença pelos examinadores Serafim Pinto de Araújo, o qual me certificou que a suplicante tinha feito várias curas e que fora nelas feliz, e o ser útil no curativo que a dita faz nas enfermidades, e Francisco Xavier Pires de Araújo Leite, professor de cirurgia, assim conveio pela certeza do dito curativo.¹²⁰

Dessa forma, tais curandeiros procuravam levar seus processos de cura, em meio a fórmulas gestuais, orais e invocações, ligando tais atividades a um conjunto de saberes que possuíam sobre plantas e ervas, bases para produção de remédios terapêuticos. Curandeiros assim, moviam-se em um dado campo de saberes transmitidos oralmente, e nesse meio, o quintal das casas, segundo Mary Del Priore, era um espaço de grandes saberes e conhecimentos, refletidos na acumulação de ervas para curas e práticas mágicas. Mediante tais experiências e saberes, no período colonial, o papel da curandeira ou benzedeira se resumia em libertar um doente do mundo profano, graças ao emprego, durante o processo de cura, de

¹¹⁹PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.88.

¹²⁰Id., *Ibid.*, p.88.

palavras e prescrições. Tal característica, juntamente com os modos de suas práticas de cura, despertavam, cada vez mais, o prestígio diante de certos grupos, mas, por outro lado, a desconfiança e rivalidade, por parte de outros.

Muitas destas práticas de cura continuam a existir, todavia, atualmente, tais processos se configuram dentro de outros contextos, alguns elementos foram substituídos ou seu uso tem uma frequência de uso menor. Os curandeiros adotam modos de vida que começam a se modificar, mudando seus elementos e seus processos. Veja-se o que Didier de Laveleye enfatiza a respeito dos elementos e figuras que, com o passar dos tempos, estão se modificando no que diz respeito ao fenômeno que ele entende por “pajelança” e que neste trabalho procurei denominar de curandeirismo.

Por exemplo, de um lugar para outro, podemos anotar a ausência de figuras importantes como a Matintapereira, a fraqueza de noções “chaves” como a panema, uma irregularidade no uso de maracá, de santinho, de mira (empola), de mesa, de penacho (penas), de glanchamas (fitas amarradas nos braços e no torno) ou de cordões na cintura e etc).¹²¹

No que se refere ao município de Bragança, o curandeirismo possui suas aproximações que convergem com outros espaços. A respeito da pajelança, por exemplo, Karl Heinz Arez produziu um livro abordando questões sobre essa prática na Amazônia. O livro vem estabelecer um processo de continuidade aos estudos já discutidos na obra “Filhos e filhas do beiradão”, de mesmo autor. O mesmo enfatiza o sistema religioso predominante entre os ribeirinhos da Amazônia, precisamente aqueles que moram ao longo do Baixo Amazonas e seus afluentes; estudo este realizado nos períodos recentes em que a sociedade vive uma constante busca por integralidade e cura. Tais povos, segundo as ideias do autor

seguem conceitos e rituais herdados dos antepassados indígenas com a função primordial da cura através do xamã ou pajé. A pajelança não pode ser vista como um fenômeno meramente local. Ela integra o xamanismo, um sistema milenar de extensa difusão geográfica. Mesmo tendo integrado elementos do catolicismo popular, a pajelança ribeirinha mantém a característica terapêutica, típica das culturas marcadas pelo xamanismo.¹²²

¹²¹LAVELEYE, Didier. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança”. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo Maués; VILLACORTA, Gisela Macambira (Org.) **Pajelança e religiões Africanas na Amazônia**. Belém, UFPA: 2008. p.113.

¹²²ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém: ICBS, 2000.p.140.

Como se percebe, o trabalho evidencia características que convergem e de certo modo, assemelham-se com algumas características da prática em Bragança, destacando, como exemplo, a agregação de santos, oriundos do catolicismo popular. O autor, tendo em vista o sistema religioso desses grupos, entende essa realidade religiosa que se liga como as vivências e a relação do homem com a natureza, cooperando também para valorização do amazônida, que agrega valores específicos dentro do conjunto da sociedade brasileira.

A encantaria amazônica permeia o imaginário dessas populações. Nesse sentido, a crença fundamental da pajelança cabocla reside na figura dos encantados, isto é, seres ou entidades que são normalmente invisíveis às pessoas comuns e que habitam “no fundo”, uma região abaixo da superfície terrestre, subterrânea ou subaquática, conhecida como o “encante”.¹²³

O trecho acima, pertencente ao livro dos professores Raymundo Heraldo Maués e Gisela Macambira identifica a relação que a população estabelece com estas encantarias pertencentes ao imaginário social, reunidos após o Seminário “Pajelança e Encantaria Amazônica”, em 2002 na UFPA. Dentre os trabalhos reunidos neste livro, destaco aqui o de Gisela Villacorta a respeito dessas novas concepções de pajelança cabocla que tem se configurado na Amazônia, tendo restringido seus estudos para o município de Colares-Pa. Para ela, entorno da prática da pajelança é predominante, segundo os dados da pesquisa, uma espécie de “bricolagem”, ou seja, o pajé engloba diversos elementos novos em seus discursos e práticas de cura, garantindo, com isso, um status diferenciado entre os praticantes de cura xamanística do município de Colares.

Em Bragança, por sua vez, possui um sistema religioso, “hegemonicamente”, católico. Mais especificamente, sua religiosidade tem como “símbolo”, a devoção ao santo preto, São Benedito, “protetor dos bragantinos”, aquele que visita à casa dos devotos, por ocasião da esmolação.¹²⁴ Dentro de uma análise mais aprofundada do catolicismo hegemônico no município, José Guilherme Fernandes, já apostara para uma transversalidade do santo preto. Isso ocorre da seguinte forma. Na opinião do autor, em Bragança e nas localidades vizinhas do município, o imaginário das pessoas é de que “ricos e pobres” recebem a graça beneditina, pois o recorte atemporal e trans-social o faz um santo que é presente transversalmente na

¹²³LAVELEYE, Didier. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança”. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo Maués; VILLACORTA, Gisela Macambira (Org.) **Pajelança e religiões Africanas na Amazônia**. Belém, UFPA: 2008. p.13.

¹²⁴Lê: FERNANDES, José Guilherme. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA)**. Belém, EDUEPA: 2011.

sociedade, como efeito da cultura como um todo”.¹²⁵ Todavia, essa transversalidade, por si só, já é uma construção discursiva, pelo fato de que, nem todos participam do mesmo modo na festividade. O intelectual, dentre outras coisas afirma que, durante a marujada, dia 26 de dezembro, procissão do santo na cidade, tal evento, reuni um grupo estimado de 75 mil pessoas na procissão, todavia, menor visibilidade e participação é vista durante o período da esmolação, realizada durante 8 meses, tendo início no mês de abril e culminando em dezembro, atividades estas que percorrem várias vilas e localidades vizinhas de Bragança, bem como alguns bairros do município.¹²⁶

FOTOGRAFIA 19 – Período da Esmoção de São Benedito em Bragança-pa.



Fonte: Dário Benedito Rodrigues, 2011. Acervo Pessoal

Tal discurso hegemônico e homogêneo é construído, de modo que, se permite criar a ideia de que toda população bragantina é devota do santo, mas, sabe-se que nem todos seguem tais caminhos religiosos. Além dessa religião, outros grupos religiosos se integram a população bragantina, a exemplo de grupos de evangélicos, espíritas e umbandistas. Por esse motivo, a existência do vasto campo de santos, espíritos, entidades e encantados que dão sentido a religiosidade de tais moradores. A fotografia abaixo evidencia a heterogeneidade dessas entidades. Na imagem, por exemplo, observa-se a presença de Maria, representando os santos presentes no catolicismo, bem como a figura de Iemanjá, “deusa dos mares e das águas”, de

¹²⁵Lê: FERNANDES, José Guilherme. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA)**. Belém, EDUEPA: 2011.

¹²⁶Id., *ibid.*, p.16-17.

acordo com o panteão dos orixás pertencentes ao candomblé. Ambas são bastante comuns nestes lugares de vendas de imagens.

FOTOGRAFIA 20 - Imagens de santos e outras representações religiosas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de Campo

Embora os discursos construídos a respeito do aspecto religioso de Bragança representem que, a população bragantina, em sua maioria seja católica, precisa-se considerar também que, o conjunto de práticas e crenças de origem xamânica – chamado pajelança – ocupa um lugar importante dentro desse sistema. Karl Heinz Arenz afirmou que os povos da Amazônia, são “herdeiros diretos da experiência cultural indígena”, sendo assim, tais grupos, tendem a possuir uma continuidade étnica, histórica e cultural dos povos indígenas, apesar da forte interferência do colonizador europeu.¹²⁷ A respeito dessa formação histórica particular herdada, em grande parte dos povos indígenas, o sociólogo Florêncio Vaz ressalta que

os ribeirinhos da Amazônia possuem uma cultura rica e original, herdada em parte dos seus ancestrais ameríndios, onde se destaca a crença em seres ‘encantados’, que habitam as matas e os rios, e um respeito muito grande pela natureza. A sua adaptação ao ecossistema regional é considerado como ótimo devido a uma relação de equilíbrio, cujas bases foram firmadas ao longo dos últimos 400 anos, quando essa população teve as suas culturas particulares destruídas e passou por um processo de homogeneização, que se deu fundamentalmente através das missões jesuítas (tupinização) e do Diretório pombalino. Mesmo com a ação desorganizada dos portugueses sobre o padrão cultural ameríndio a cultura dos ribeirinhos é profundamente marcada por

¹²⁷ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia.** Santarém: ICBS, 2000, p.21.

essa matriz. Eles conservam muitos outros costumes dos seus ancestrais. Mas não se consideram 'indíos'.¹²⁸

É preciso considerar que a população possui traços característicos de diversos grupos culturais, todavia, não é por conta disso que ela seja considerada uma população com um aglomerado sem sentido de segmentos culturais. Essa “realidade” assemelha-se a denominação utilizada por Karl Arenz, quando falou que a população do baixo Amazonas integra um “um conjunto de unidades interligadas, que dão sentido a sua existência no meio natural e humano da Amazônia.”¹²⁹ Considerar tal premissa, é de suma importância, uma vez que, compreendendo isso, passo a considerar que, os modos de vida que giram em torno da prática do curandeirismo em Bragança conservam diversos sentidos e dão sentido a uma parte da população bragantina.

A prática do curandeirismo realizada em terras bragantinas se constitui em uma atividade complexa. Tal característica não implica em aparente desordem, pelo contrário, tal atividade possui relação entre um cunho de origem xamânica, bem como, o catolicismo popular. Tal classificação coincide, em parte, com a definição já estabelecida por Raymundo Heraldo Maués que escreve.

Chamo de pajelança cabocla a uma forma de culto mediúnico, constituída por um conjunto de crenças e práticas muito difundidas na Amazônia, (...). Tendo origem, (...), na pajelança dos grupos tupis, esse culto, que hoje se integra em um novo sistema de relações sociais, incorporou crenças e práticas católicas, Kardecistas e africanas, recebendo atualmente forte influência da umbanda. Seus praticantes, entretando, não se vêem como adeptos de uma religião diferente, consideram-se “bons católicos”, inclusive os pajés ou curadores que presidem às sessões xamanísticas, nas quais se deixam incorporar por um tipo especial de entidades (encantados ou caruanas).¹³⁰

Curandeiros que realizam práticas de cura no município de Bragança, em sua grande maioria intitulam-se católicos. Em vista dessa denominação, existe hierarquização entre a comunidade bragantina a respeito da preferência entre curandeiros. Curandeiros que se intitulam católicos conseguem despertar interesse

¹²⁸VAZ, Almeida. Florêncio. Ribeirinhos da Amazônia: identidade e magia na floresta. Cultura Vozes 90(março-abril 1996) 47- 65. In: ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança: o sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém, ICBS: 2000, p.22.

¹²⁹ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém, ICBS: 2000, p.22.

¹³⁰MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém, Cejup. 1995. In: ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém, ICBS: 2000, p. 42.

até de representantes das Igrejas Católicas local; seu Antônio Pereira Macena, por exemplo, durante entrevista menciona a colaboração e iniciativa do senhor João Nelson Pereira Magalhães, na época, padre e representando da Igreja em Bragança, em trazer moradores de localidades vizinhas do município para realizarem consultas como curandeiro. Diferente, em certo sentido, de Iracema Rodrigues da Silva que, se denomina uma médium e vidente. Tal denominação carrega ainda certo preconceito por parte de certos grupos que diferem do discurso hegemônico que pertence ao sistema católico. Todavia, apesar de se denominarem católicos, alguns destes realizam suas determinadas práticas de cura mesclando, de alguma forma, elementos ligados a influências Kardecistas, africanas e da umbanda, a exemplo do processo de cura de dona Iracema.

A pesquisa também pensa na relação existente entre as práticas de cura e as construções de sentidos que moradores possuem sobre as mesmas, por conta disso, pode-se, constantemente, se perguntar a respeito dos motivos que levam determinada pessoa a procurar pelos trabalhos de um curandeiro, sejam aquelas que frequentam, concomitantemente, um hospital e a casa de um curandeiro, sejam aquelas, que se consultam apenas com um curandeiro.

Depende. A pessoa vem aqui por muitos motivos. Não sei afirmar uma razão, mas dependendo do motivo é que minha consulta vai se direcionar. Às vezes precisa de um remédio, de uma oração, de uma conversa.¹³¹

Levando em consideração algumas características, os três curandeiros estudados na pesquisa se unem em determinadas pontos. Um destes se refere à ideia de que, utilizando de seus meios próprios de cura, auxiliam no restabelecimento das forças físicas e vitais do ser humano. No depoimento acima, “seu Antoninho” afirma que não existe único motivo que leve uma pessoa a procurar por ele, mas existem vários. Muitos moradores afirmam que o curandeiro Antônio Macena identifica a doença por meio da adivinhação, dependendo dessa visão da doença e dos seus males, é que o mesmo diz ao seu paciente, os modos cura: por meio da fé, remédios caseiros, banhos, remédios de farmácia ou orações. Veja como a falta de um destes elementos, dificulta esse restabelecimento da saúde do paciente, segundo uma moradora do município.

¹³¹ Entrevista concedida pelo senhor Antônio Macena na sua residência, na data de 15 de Agosto de 2011, às 15:00hs.

Minha filha, por indicação das outras freiras, eu resolvi visitar seu Antoninho. Eu não acreditava muito nele não. Só fui mesmo porque eu estava muito mal do meu estômago e como eu tinha visto muitas irmãs indo lá, eu resolvi ir lá. Fui seis da manhã, acordei cedo. Quando cheguei lá, vi que ele ficou calado, meio desconfiado, conversou sobre meus problemas, perguntou por que eu não acreditava nele? Que mal que ele tava me fazendo? Eu fiquei até sem jeito, depois de conversar com ele, ele me passou um remédio. Eu comprei, era desses de farmácia mesmo. Só que o remédio não funcionou não, eu irritada, voltei, marquei outra consulta e disse que não melhorei. Ele me respondeu, que eu não tinha fé nele. Acreditava em Deus, mas fé nele eu não tinha não. Fui lá porque não tinha outra escolha e cheia de orgulho. Ao final da consulta, ele disse pra mim: (Irmã, desse jeito, sem fé, ninguém melhora, não).¹³²

Já, na ocasião de uma conversa com a senhora Almerinda Vieira, a mesma acredita que os diversos motivos que levam uma pessoa a procurar pelos trabalhos dela, referem-se em atividades como “olhar a barriga das gestantes”, realizar a cura por meio e remédios e chás, benção e cura de crianças. Todos seus saberes negam a feitiçaria, em contrapartida afirmam sua devoção em São Benedito e, portanto, guiados por Deus, nosso senhor. Assim, para aquelas pessoas que a procuram, seja adulto, seja criança ela orienta que as mesmas procurem o caminho do bem. Indagada a respeito das plantas que costuma utilizar durante suas consultas, afirma:

Eu uso muito aqui com as pessoas, a vassorinha, pra esipra. A macaxeira, a babosa, tudo isso é bom pra esipra. Agora pro cobreiro, é o hortelã grande, vinagre branco. Bota, soca bem e ai vai passando. Ai bota argila, pode até botar só ela mesmo. Tem também o baba timão que a gente rala bem raladinho, ai a gente coa, a gente pega aquela papa, a gente usa em cima também. Ta ouvindo? tudo isso tem. Cuido também do peito aberto. Quando é isso, a gente vai lá dentro, eu tenho um parador, um pra pessoa grande e outra pra menina pequena. Vou aparando o peito e vai levantando e vai ajeitando.¹³³

Almerinda Vieira de Sousa e Iracema Rodrigues de Sousa são curandeiras, todavia, assumem também identidade de parteiras. Em Bragança, além da denominação de curandeiro, também leva-se em consideração outras

¹³²Entrevista concedida com a senhora Maria das Dores Pereira, na data de 20 de Setembro de 2012, às 16:00hs.

¹³³ Entrevista concedida pela senhora Almerinda Vieira de Sousa, moradora de Bragança, 79 anos, na data de 05 de maio de 2013, às 16:00hs.

nomenclaturas, como benzedeadas e rezadeiras, onde, muita das vezes, essas diversas funções estão reunidas apenas em uma. Assim, Almerinda Vieira atende pelos motivos que se ligam à doenças consideradas “normais”, como o quebranto, mau-olhado, por isso a frequência de crianças em sua residência.

A respeito dessa denominação, Eduardo Galvão diz.

Parteiras, especialmente dotadas, são mais conhecidas como rezadeiras ou benzedoras, e utilizam desse conhecimento nos partos como na cura de muitos tipos de doenças. As rezas e as orações que usam, diferem daquelas do ritual católico no sentido que não se constituem invocações ou meios de comunicar-se com a divindade mas possuem em si próprias o poder de curar. A forma e o conteúdo das rezas varia segundo o praticante e a situação específica para que são destinadas. Há rezas para ossos quebrados, para a gripe, para dor de cabeça, para dor de dente, etc. O tratamento desses pequenos males é feito pelas benzedeadas que de pé, recitam durante largo tempo a reza apropriada, acompanhando a oração com repetidos sinais da cruz sobre a parte afetada do corpo do paciente para que sejam realmente eficientes.¹³⁴

A definição adotada por Eduardo Galvão aproxima-se da realidade neste município, pois, Almerinda Vieira atende na maioria das vezes as doenças considerada “normais”, destacando as diversas vezes que precisa se ausentar de sua casa para a cura de algum paciente que está impossibilitado de se deslocar.

Como se percebeu, todo esse sistema do curandeirismo está intrinsecamente ligado aos eventos cotidianos de moradores, sejam aqueles que residem em bairros centrais do município, sejam os moradores oriundos de localidades vizinhas ao município, a exemplo, da vila de Igarapé-Apara. As entrevistas com tais sujeitos, vistas mais especificamente neste capítulo, dividem-se em moradores dos bairros Perpétuo Socorro, Alto Paraíso, Aldeia e Centro, além de alguns pertencentes a comunidade de Igarapé-Apara.

Estes documentos orais reunidos durante a pesquisa de campo serviram de material para abordar dois eixos principais. Considerações estas importantes dentro do conjunto que se refere aos motivos que permitem a continuidade da prática do curandeirismo. É importante afirmar que tais pontos não correspondem aos únicos motivos e nem tão pouco, dizem respeito ao pensamento de toda população bragantina, todavia, permitem conhecer um grupo específico dentro da sociedade: aqueles que procuram pelo trabalho de curandeiros no município e que, conseqüentemente, acreditam em tais sujeitos a ponto de considerar seus saberes

¹³⁴GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens. **Um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Col. Brasileira, 284), 1955.

orientações dentro de sua vida cotidiana. A separação entre tais pontos resume-se meramente pela facilitação da leitura do texto dissertativo, pois, ambos os pontos abaixo, destacado, complementam e mantêm relações entre si.

4.2 - Valorização do indivíduo dentro do processo de cura.

A comunidade de Igarapé-Apara¹³⁵ recebeu nesta última quinta-feira (29) a inauguração do posto de saúde. Prefeito e secretários do município estiveram presentes para entregar o tão esperado posto de saúde que irá beneficiar as famílias da região com atendimento médico disponível a toda população. O momento foi de grande alegria para a população de Igarapé-Apara que esperava com grande ansiedade o presente. O motivo de tanta expectativa era a carência de atendimento médico à comunidade. Anteriormente a população tinha de procurar atendimento médico em outra comunidade, dificultando a vida das pessoas em necessidade.¹³⁶

A reportagem acima discorre sobre um importante acontecimento na vila de Igarapé-Apara, a inauguração de um posto de saúde na localidade. Segundo os moradores, com a presença dos atendimentos que seriam realizados no posto de saúde, a população não necessitava mais se deslocar para outras comunidades à procura de serviços médicos, conforme trecho da reportagem. Na imagem abaixo, destaca-se o posto de saúde, na época de sua inauguração.

FOTOGRAFIA 21 - Posto de Saúde de Igarapé-Apara



Fonte: Disponível em <<http://www.capanema.pa.gov.br/>>, acesso em 03/01/2014 as 16:00hs.

¹³⁵Vila localizada nas proximidades de Bragança, mas pertencente ao Distrito de Capanema-Pa. Composta de em média, 500 habitantes (IBGE), 2010.

¹³⁶CAVALCANTI, Anderson. Disponível em <<http://www.portalcapanema.net/index2>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2014, às 11:23m.

Em entrevistas realizadas mais recentes, dentro do período da pesquisa de campo, alguns moradores confirmaram que, com a chegada do posto de saúde na comunidade, em 2012, certos moradores deixaram de se deslocar, com mais frequência, para outras localidades, em busca de cura para suas doenças. Antes do posto de saúde, as pessoas procuravam por atendimento em locais como Tauari, Mirasselas, Capanema e Bragança. Moradores afirmaram também nas entrevistas que, como o passar do tempo, o posto de saúde foi perdendo qualidade quanto ao seu atendimento: médicos, enfermeiros e demais funcionários faltavam com muita frequência, chegando a ocorrer de o posto de saúde ficar sem atendimento, durante meses; remédios e vacinas que antes era ofertado para comunidade, hoje, são mais difíceis, sem falar que, por se tratar de uma unidade pequena, não chega a possuir aparelhos mais especializados, bem como médicos especialistas em determinadas áreas. Com isso, algumas famílias retornaram ainda com as práticas de procurar consultas e tratamento em outras localidades e municípios vizinhos. Abaixo, adultos, idosos e crianças da localidade, assistem a inauguração do posto de saúde em 2012.

FOTOGRAFIA 22: Comunidade de Igarapé-Apara



Fonte: Disponível em <<http://www.capanema.pa.gov.br/>>, acesso em 03/01/2014 as 16:00hs.

As localidades pelas quais os moradores procuravam tratamento para suas doenças eram várias, mas é recorrente em algumas narrativas a afirmação de que muitas famílias procuravam pelo conhecido “Antoninho” no município de Bragança. Quatro da manhã na localidade, muitos se reuniam para conseguir um lugar no

ônibus para se deslocar até Bragança a procura de cura para suas doenças e problemas.

No dia 18 de março de 2012, por indicação de pessoas conhecidas, realizei uma pesquisa de campo na localidade de Igarapé-Apara, tendo em vista a frequência de moradores que se deslocavam dessa vila até Bragança para realizar consultas com um curandeiro. Uma das residências que visitei foi a da senhora Maria da Conceição. A casa daquela senhora tinha um tamanho médio, de alvenaria, dois quartos, sala, banheiro, cozinha pequena, além de um quintal aberto onde ficava uma barraca pequena. Espaço este de alimentação, mas também de conversas, histórias e risadas a respeito dos acontecimentos da comunidade.

A primeira vez que escutei falar de Dona Conceição, foi em Bragança, quando na época de uma visita na residência do curandeiro Antoninho, ela havia chegado até a casa do mesmo, pois, na noite passada havia se sentido muito doente do estômago. A mesma, após a consulta relatava que costumava frequentar a casa do curandeiro, com muita frequência, pois não gostava de hospital, dizia para filha, que sempre a acompanhava: “Olha, tu não vai me deixar no hospital e ir embora. Eu não gosto de ir no hospital. Venho mais aqui no seu Antoninho”.¹³⁷ Assim, desde muito tempo ela já ouvia falar sobre o curandeiro e nos trabalhos que ele realizava, por conta disso que, durante sua vida, hoje com 60 anos, foram poucas as vezes que não se consultou com Antônio Macena, pois depositava grande fé e confiança nos trabalhos do mesmo. Mencionou também que já havia o recomendado, para diversos moradores, conhecidos e familiares de Mirasselas e Tauarí, todas localidades próximas de Igarapé-Apara. Quando chegamos à casa de Dona Conceição, fui levada para a barraca que havia nos fundos da casa, barraca aberta pequena, com uma mesa e alguns bancos ao lado. Como lá, as pessoas não costumam fechar com muro o terreno de suas casas, todas as quintas permanecem abertas, sendo assim, não demorou muito para que vizinhos curiosos com a chegada de pessoas diferente na comunidade se dirigissem até a casinha para mais um dia de conversa. Com aquela calma da vila, o tempo demora a passar e as conversas se prolongam. A imagem a seguir mostra esse espaço de sociabilidade na comunidade. Naquela tarde, muitos contaram suas histórias de cura, milagres e fé.

¹³⁷ Entrevista concedida pela senhora Maria da Conceição, moradora da vila de Igarapé- Apara, 60 anos, na data de dia 01 de março de 2012 às 08:00hs.

FOTOGRAFIA 23 - Casa de Dona Conceição em Igarapé-Apara.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de Campo

FOTOGRAFIA 24 - Casa de Dona Conceição em Igarapé-Apara.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de Campo

Sentamos e não demorou muito para as histórias sobre cura na comunidade e em Bragança começassem a surgir. Dona Conceição e os vizinhos que ali se aproximavam só aguardaram pelas primeiras perguntas para, falaram, aleatoriamente, sobre as experiências que tiveram com algum curandeiro ou com seu Antoninho em Bragança. Na ocasião achei que a entrevista seria com Dona Conceição, mas as histórias foram muitas. Todos desejavam contar a sua

experiência com o curandeiro Antoninho. Naquele lugar, facilitava o surgimento das histórias e das lembranças dos acontecimentos. As relações sociais do tempo transitam pelos elementos constitutivos da memória. A entrevista aqui funcionava como extravasamento dos sentimentos contidos na memória. Thomson ajuda a entender a narrativa como um momento onde o narrador é capaz de “expressar e lidar com suas lembranças dolorosas e até mesmo dar um novo sentido às velhas histórias”.¹³⁸

Na verdade, o mundo é composto de tudo. Tem pessoas de todo jeito. Uns que querem somente ganhar o nosso dinheiro. Mas seu Antoninho tem um dom de Deus, ele nasceu assim e com esse dom. Ele é um experiente naquilo que ele faz. Ele não faz macumba. Ele trabalha em benefício do povo. Outro dia eu fui lá, não tava muito bem, tava sentindo umas dores na costa. Melhorei muito com oração e com os remédios dele. Na outra vez já levei foi a minha esposa. Por isso que eu digo, quem sabe das coisas sabe.¹³⁹

Talvez seja difícil expressar no trabalho dissertativo a emoção e formas gestuais com que moradores dessa localidade exprimiam em suas falas. O texto escrito não permite que tais expressões e percepções tornem-se perceptível. O senhor Lucindo Menezes pronunciava tais palavras e reafirmava sua crença nos trabalhos do curandeiro, por exemplo.

(...) caracterizo al arte verbal com um tipo de prática social que se manifesta em forma expresivas com componentes linguísticos e paralinguísticos, em contextos comunicativos reconocibles culturalmente em distinto grado, em uma multiplicidade de situaciones que puden abarcar tanto audiências pequeñas como numerosas.¹⁴⁰

Ao realizar a leitura do trecho acima e relacionar com a entrevista com o senhor Lucindo, percebe-se que narrar está diretamente ligada à prática social. Contar histórias refere-se em relacionar a vida de diversas pessoas, ou seja, construções de narrativas de vida. Histórias construídas na memória e na mente de homens e mulheres que as elaboram ao mesmo tempo em que realizam suas tarefas do dia-a-dia, enquanto constroem seus modos próprios de vida e relações com a sociedade. Deste modo, o homem e mulheres, enquanto narram, refletem

¹³⁸THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. **Revista Projeto História** 15. São Paulo: EDUC, Abril/1997, p. 63.

¹³⁹Entrevista concedida pelo senhor Lucindo Menezes da Silva, morador de Igarapé-Apara, na data de 18 de Março de 2012 às 16:30hs.

¹⁴⁰FISCHMAN, Fernando. HARTMANN, Luciana (Org). **Donos da Palavra: Autoria, Performace e Experiência em Narrativa Orais na América do Sul**. UFSM, Santa Maria: 2007.p.42.

saberes e sabedorias oriundas de experiências socialmente construídas nas relações que estes estabelecem com a natureza. Desse modo, enquanto moradores relembram suas histórias, eles atribuem significados que vão muito além da simples vocalidade, chegando a prática e experiências de vida. Dando assim, sentindo para que as escutam. Assim, por meio de sua própria história e de suas narrativas, as pessoas comuns da comunidade de Igarapé-Apara vão procurar compreender os processos de mudanças e revoluções que giram em torno de suas vidas que são estabelecidas ali, em meios a relações de vida, transformações que ocorrem na comunidade. Da mesma forma que Lucindo possui muitas histórias a respeito do seu tratamento com seu Antoninho, a senhora Conceição, moradora da comunidade a alguns anos relata ricas histórias de viagens até Bragança, a procura da cura por meios de seu Antoninho. Maria da Conceição Neves dos Santos nasceu em três de junho de 1937 na localidade de Mirasselas, município de Capanema-Pa, filha de Manoel Evaristo da Silva e Porfíria Neves da Silva, tendo nascido desse casal, cinco filhos. Os irmãos, tendo constituído família, conseqüentemente, saíram de casa; com Dona Maria da Conceição ocorrera a mesma coisa e ela passou a morar na vila de Igarapé-Apara. Hoje, ela é aposentada e possui a plantação de maniva, cebola, além de cultivo de frutas como: manga, açaí, acerola e outras.

FOTOGRAFIA 25 - Dona Conceição em Igarapé-Apara.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de Campo

Desde muito tempo eu me consulto com o senhor Antoninho. Desde a primeira vez que meu filho me falou que em Bragança tinha uma pessoa que curava muito. Das coisas que ele vai falando sobre a minha vida, todas eu vou confirmando. Quando eu chego, ele

*sempre me ajuda. Em todas as doenças que até agora senti. Até essa última que eu estava sentindo umas dores nos rins.*¹⁴¹

Note que os moradores, em suas narrativas, em diversos momentos, estabelecem relações entre suas vidas cotidianas e os motivos que levam determinado paciente a procurar por um curandeiro. Tais momentos na narrativas, permitem construir o pensamento de que, eles e suas experiências cotidianas, seus valores, modos de alimentação e de relações uns com os outros, influenciam na cura de uma doença, por isso, alguns enfatizam em suas narrativas, a oração, a conversa que seu Antoninho manteve com os mesmos. Muitos destes afirmam que na presença do curandeiro, possuem mais liberdade para contar seus problemas.

*o médico cura somente o corpo. O curandeiro cuida do corpo e da nossa cabeça, que pra ele, é a mesma coisa. Eu penso o seguinte, um curandeiro ele deve pensar assim. Se tua cabeça não está boa, então teu corpo vai se manifestar, ele vai GRITAR.*¹⁴²

Dessa relação de proximidade que os membros da comunidade acreditam possuir com um curandeiro, na maioria das vezes, com seu Antoninho, lembra aquilo que Karl Arenz interpretou a respeito da “eficácia simbólica” que existe no discurso que envolve a cura mágica da medicina tradicional. Onde é bastante presente a ligação com as experiências cotidianas. Em seu estudo com os ribeirinhos da Amazônia, ele entende que essa eficácia simbólica existe justamente pela razão de que, os curandeiros, de modo geral, estão mais próximos das camadas populares, afirmando, dentre outras coisas que

*o paciente da medicina oficial, especialmente o integrante das chamadas camadas populares, está muitas vezes submetido passivamente a um processo de burocracia (preencher fichas, aguardar em filas) e a uma relação de autoridade (exames sem esclarecimentos mais detalhados, entrevistas padronizada dirigida pelo médico). Nesse ambiente, ele se sente inibido para contar a sua história pessoal ou articular livremente a sua opinião. Por outro lado, no tratamento tradicional o paciente sente-se valorizado.*¹⁴³

¹⁴¹Entrevista concedida pela senhora Maria da Conceição, moradora da vila de Iguarapé- Apara, 60 anos, na data de 18 de março de 2012 às 17:00hs.

¹⁴²Entrevista concedida pela senhora Maria da Conceição, moradora da vila de Iguarapé- Apara, 60 anos, na data de 18 de março de 2012 às 17:00hs.

¹⁴³ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia.** Santarém, ICBS: 2000, p. 42.

A comunidade de Igarapé-Apara, mais especificamente, as pessoas entrevistadas constroem discursos em que é perceptível essa valorização já identificada por Karl Arenz por moradores ribeirinhos do médio curso do Rio Trombetas no noroeste do Pará. Esta experiência pode ser interpretada e entendida quando percebe-se que, tais moradores em Bragança, sentem-se valorizados enquanto indivíduos, são indivíduos de sua própria história. Não está exposto a uma instituição estranha e não reconhecida por ele, que o trata de modo impessoal e meramente, profissional. O contexto da sua doença é importante, fundamental para estabelecer a cura dos seus males e sofrimentos. Essa proximidade de relações que curandeiros estabelecem com a sociedade, estreitando laços com as camadas populares, é perceptível também nos trabalhos de Jerônimo de Silva. Observe o trecho extraído de sua dissertação, quando na ocasião que este realizava entrevistas com as mulheres benzedeadas em Capanema, o professor destaca a importância do trabalho e a relação estreita que elas estabelecem com as experiências de vida que elas constroem junto a sociedade

[Entrevistas estas rezadeiras] significa recompor sentidos e fazeres do cotidiano dessas pessoas e, através de suas narrativas, acompanhá-las nas lembranças de infância, experiências familiares, dores e alegrias, expressas sob a ótica do tempo presente. Verificaremos a construção de suas identidades em diálogo com as experiências parentais, percorrendo as trocas nos espaços de sociabilidade, onde as representações das cartografias imaginárias urbanas rurais ou em ruas, construções, festas, nas relações com animais e rios, materializam significados e sentidos de suas experiências. As suas narrativas orais externalizavam os caminhos das identidades tecidas pela memória de lugares percorridos. Mulheres viajantes, que migraram do nordeste, motivadas pela busca de melhores condições de vida, para fugir da seca ou por fatores diversos. Nessas andanças, acumularam experiências, saberes e dores, forjando suas visões de mundo através de encontros entre as crenças do catolicismo popular e o universo das encantarias.¹⁴⁴

Note que as rezadeiras do município de Capanema, que não se distanciam tanto, em espaço e em seus modos de vida dos curandeiros de Bragança, não estão isoladas, elas se inserem em um contexto de sociabilidade e tecem suas vidas em meios a dadas relações parentais, experiências de deslocamentos, viagens, mudanças e etc. A partir desse conhecimento lançam um olhar para a “realidade” do município e revelam nuances e reflexões acerca de Capanema, sujeitos e lugares. Isso ocorre justamente, pela simples razão de que elas conhecem e vivenciam

¹⁴⁴SILVA, Jerônimo da Silva e. **No Ar, na água e na Terra: Uma cartografia das Identidades nas Encantarias da Amazônia Bragantina (Capanema- Pará)**. 2011. 212f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011, p.50.

práticas cotidianas juntos aos seus pares e conhecem a realidade dos indivíduos. É desse poder de “sensibilização” da vida do outro, que ocorrem também na realidade do curandeirismo em Bragança.

4.3 - Visão da doença em sua totalidade e não particularizada

“E no entanto, no momento em que a Medicina atinge um grande nível de sofisticação tecnológica, vemos proliferar nos centros urbanos do país a procura de soluções mágicas para as doenças. A esperança de cura leva semanalmente pequenas multidões às portas dos terreiros de umbanda e dos centros kardecistas. O “dom da cura” é o segundo dom mais importante das seitas protestantes. A esperança no “milagre” é também traço característico do catolicismo popular.”¹⁴⁵

Em sua obra, de maneira específica, Paula Monteiro situa a cura dentro de um horizonte mais amplo, julgando-a um fenômeno comum em diversos sistemas religiosos dentro do contexto cultural brasileiro. A cura, portanto, se constitui nesse pluralismo de concepções como importante fenômeno dentro dos diversos sistemas culturais brasileiros, tão almejado por diversas populações.

FOTOGRAFIA 26 - Tipos de “banhos” vendidos em cabanas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2013. Imagem da pesquisa de Campo

“Desmancha feitiço, “desembaraça caminho” e “desenvolvimento dos médiuns” tratam-se de somente alguns, dos variados tipos de banhos que uma pessoa poderia tomar, caso estivesse precisando ou sofrendo de alguma “malinesa”. No

¹⁴⁵ MONTERO, Paula. *Da doença à desordem. A magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.45-46.

trabalho de Raymundo Heraldo Maués, “Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico”, um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia levanta-se uma discussão a respeito do significado deste termo. Maués, esclarece que, o significado do termo é bastante subjetivo, sendo impossível tentar diagnosticá-lo como um fator clínico, entretanto, malinesa pode ser compreendido quando comparada ao conceito de caridade. Enquanto esta está para o bem das pessoas, malinesa associasse a alguém que deseja o mal. Além desse conceito aparentemente simplista, o termo malinesa, na opinião do intelectual está ligada, principalmente em ações de entidades extra-humanas como: bichos, encantados, além de astros, como o sol e a lua, mas também pode ser originado de “gente”, que ocorre, em algumas vezes, não com um sentido explícito, mas apenas pela prática do conhecido “olho doido” ou “mau olho”,¹⁴⁶ bastando fixar uma pessoa intensamente, com admiração, inveja, para provocar doenças como “mau-olhado ou quebranto”, por exemplo.

Portanto, em resumo, Maués define que

malinesa pode ser descrita, então, como uma força intrínseca de certos comportamentos (de encantados, pessoas ou animais), estados emocionais (inveja, ódio) e fisiológicos (gravidez, menstruação) e objetos (ferramentas “empanemadas”) que pode afetar aquele/a e aquilo que entra em contato com ela.¹⁴⁷

O conceito de malinesa, estudando por Maués é bastante presente no município de Bragança, quando no seio das famílias, torna-se bastante frequente a presença desses conceitos, sobretudo por parte das pessoas mais idosas. Ela pode ser entendida, a partir de exemplos corriqueiros, como os empregado pela moradora, dona Raimunda, quando afirma que

Minha filha, antes, no meu tempo, a mulher de resguardo, ela passava um mês, no mínimo, deitada, se cuidando e sem fazer menor esforço. Hoje, tem mulher que sai do hospital, no mesmo dia. Ela se acha forte, mas pode esperar que mais pra frente, ela vai ter problema. Hoje, minha filha, as coisas que acontecem no mundo estão, cada vez, mais rápida. Menstruação no meu tempo, era coisa que tinha que ter maior cuidado. Hoje, mulher menstruada faz de tudo. Lava louça, anda de bicicleta, e se for falar pra ela, não faz isso, ela não acredita, afirma que é coisa da cabeça de

¹⁴⁶Para essa expressão, existem diversas variações. Outra, bastante conhecida no município de Bragança, é “olho grande”.

¹⁴⁷ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia.** Santarém, ICBS: 2000, p. 45.

pessoa idosa. Por isso, que o número de mulheres que morrer com problemas no útero da mulher aumenta, cada dia que passa, porque essa parte da mulher é fundamental. Ela é de enorme cuidado.¹⁴⁸

Tal pensamento é construído, tendo por base as entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo. Em relação a estas, elas não refletem pensamentos gerais de toda uma população bragantina, mas, resume-se aos discursos construídos de um grupo específico deste município. É inegável que, grande parte da sociedade ainda associa o curandeirismo a ideia de “feitiçaria”, “macumba” ou “ magia negra” e os que realizam tal associação, a fazem considerar justamente que, um curandeiro é feiticeiro, justamente porque provoca malinesa, todavia, as pessoas que consideram os curandeiros como importantes em sua vida cotidiana, entendem que curandeiros são sujeitos destinados a evitar malinesas nas pessoas e estão justamente inseridas na sociedade para devolver a ordem física e espiritual das pessoas, operando tanto em doenças físicas quanto em doenças psicológicas. Todavia, para tais sujeitos a noção de doença gira em torno de uma totalidade no corpo do ser humano e não meramente em uma visão particularizada.

Os moradores de Bragança, bem como os curandeiros que colaboraram com esta pesquisa compartilham do pensamento de que para um perfeito equilíbrio vital, o ser humano precisa priorizar pela permanência de uma mente sadia, livre de perturbações e outras forças que o prejudique. Diversas narrativas giram em torno de aspectos espirituais, por isso que as consultas tratam da relação entre o estado físico da pessoa, e o psicológico. Para exemplificar o pensamento aqui defendido utilizaremos o depoimento realizado com um morador de Bragança, que reside às proximidades do bairro denominado Alto Paraíso. Ele rememorava uma das consultas que teve com a curandeira Iracema Rodrigues.

Bom, a consulta foi na casa dela, casa simples assim, e o banho eu percebi que ela já tinha misturado algumas ervas assim, e outras ela misturou na hora assim. Com aquelas garrafinhas que vende em casas de banho mesmo. Ela misturou e pediu que eu tomasse um banho. Daí ela me chamou pra salinha que tem, o lugar onde ela atende é assim um quarto, mas tem uma meia parede com uma cortina que separa, então na parte da frente tem só um banco que a gente senta pra conversar. Ela me chamou pra parte da cortina, pra da o passe lá. Ela começou a rezar e murmurar algumas coisas

¹⁴⁸Entrevista concedida pela senhora Raimunda da Silva, moradora do bairro Padre Luís, 67 anos, na data de 18 de março de 2012 às 10:00hs.

que pareciam uma oração, não dava pra entender as palavras que ela dizia. Depois disso, ela disse que eu ia dormir muito bem hoje, quando terminou ela me disse que eu tinha que parar de me preocupar que eu tava me preocupando demais, tinha muita coisa na minha cabeça e essa coisa que tava me preocupando, tudo tinha hora certa de acontecer e Deus ia mostrar o tempo certo disso.¹⁴⁹

Utilizando como base esse depoimento, entendo que a cura realizada por um curandeiro tem por base a relação com o estado espiritual do indivíduo, ou seja, a mente tranquila, fatores estes, fundamentais para sua melhora. Todos os problemas físicos, insônia, dor de cabeça, se constituem apenas como consequência de um estado psicológico perturbado. Karl Arez afirma em seu trabalho que, o contexto de cura do qual estão inseridos os ribeirinhos da Amazônia ocorre, geralmente, em meio a seguinte situação: um sujeito relata o surgimento da doença, para tanto faz referência a um conjunto de problemas pessoais e familiares que, a primeira vista, parecem incoerentes e sem nenhuma relação com o estado físico atual da pessoa. Para esse autor o agente da medicina oficial

tem que intervir no discurso do paciente e evitar associações com a vida particular do mesmo. Por isso, ele tende a reduzir toda a história “caótica” do paciente a um sintoma fisiológico principal para detectar e definir cientificamente a doença.

No curandeirismo em Bragança, isso não ocorre, justamente porque o curandeiro, segundo moradores, tentam integrar a vida do paciente com a situação que o mesmo se encontra atualmente, ou seja, os aspectos pessoais e familiares possuem, dentro desse sistema, prioridade frente ao estado físico do morador, pois o curandeiro entende que este último é consequência do primeiro. Desse modo, o estado de insônia, inquietação e dores de cabeça de Eduardo, justificam-se por todo um conjunto de fatores, ocasionado principalmente, pelas constantes preocupações que o mesmo havia passado e continuava passando.

Corpo e mente, estado espiritual e estado físico assim, são de inseparáveis dentro do curandeirismo.

¹⁴⁹Entrevista concedida pelo senhor Antônio José Pereira, morador do bairro Padre Luís, 60 anos, na data de 18 de março de 2012 às 10:00hs.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestes momentos finais do texto dissertativo, retornar as páginas do curioso livro de Benedito César Pereira é de demasiada importância. “Sinopse de Bragança” consagrou-se como uma espécie de inventário da cidade, em que, por meio de simples características, o autor destacou as tradições populares, os costumes e a história de seu tempo, utilizando, para isso, os caminhos primeiros de uma tradição oral do qual foi participante. Particularidades dessa relação do literato com terras bragantinas são descritas nas passagens da dissertação de mestrado do Professor Dário Benedito Rodrigues.

Benedito Cezar Pereira era bragantino, nascido em 18 de agosto de 1894, filho do casal Francisco de Sousa Pereira e Sarah Augusta Cezar Pereira. De família humilde, na infância ainda residiu em frente ao Mercado Municipal juntamente com a mãe e três tias, Jovina, Júlia e Yara. Com a morte dos pais, as tias lhe fizeram o papel de mãe. Sua tia Jovina morou com Cezar Pereira até falecer aos noventa anos de idade. Era considerada sua segunda mãe. Em 1927 casa-se com Sebastiana Fonseca, em cerimônia realizada na igreja de São Benedito e presidida pelo cônego Luiz Borges de Sales e pelo juiz de Direito Dr. Augusto Rangel de Borborema, tendo como testemunhas os senhores Ursulino Franca e o futuro prefeito Augusto Pereira Corrêa. Após o casamento foi morar numa casa ao lado do Cinema Olímpia (de Bragança), sendo um observador da vida cultural e social da cidade, já que a Praça Marechal Deodoro, conhecida e intitulada pelos mais antigos bragantinos por “Praça do Jardim” era o centro dos encontros sociais da juventude.¹⁵⁰

Das várias observações sociais da vida bragantina que podem ser lidas em seu livro, destaco a “mulher que matou o marido pensando que vidro moído era remédio eficaz pra asma”, narrativa essa que, “costurou” esse texto dissertativo e permitiu o entrelaçamento das discussões culturais de uma Bragança percebida em sua contemporaneidade, mas que traz resquícios de uma Bragança de seus antepassados. Pensando nisso, a visão folclorista presente em Benedito César se torna fonte de estudo de costumes no que tange a construção do discurso do curandeirismo, frente aquilo que muda e ao que permanece nas relações cotidianas entre essa população. Entre as descrições de literato, percebo o quanto se faz necessário entender esses fragmentos de um passado de costumes existentes que se costuram e se materializam nas veias de uma sociedade bragantina

¹⁵⁰ SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva. Os Donos de São Benedito. **Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, no século XX**. 2006.202f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006.

contemporânea. Ao longo de todo texto, a narrativa foi como um fio que conduziu para uma reflexão maior nesta pesquisa, a saber, a forma que ocorre o curandeirismo em Bragança.

As entrevistas e documentos adquiridos na pesquisa de campo, atrelada aos teóricos que entrecruzam a partir da realidade bragantina e que serviram como reflexão nesta dissertação, evidenciaram que a prática do curandeirismo já existe em Bragança desde muito tempo, o exemplo disso é que Dona Felícia, já recebia indicações de remédios caseiros para cura da asma, na narrativa de César Pereira. Todavia, os sujeitos e contextos se davam em outro tempo histórico. Tal fato são marcas de um curandeirismo que era realizado neste município é que hoje são envolvidos por outros discursos, materializado na vida de outros sujeitos e em meio a outros contextos.

Com a busca de bibliografias que dessem conta de estabelecer estudos a cerca da relação entre magia e medicina entre os séculos XVI ao XIX, podemos entender e interpretar que muitos discursos preconceituosos e discriminatórios que se constrói a respeito do curandeirismo hoje são marcas de um passado de rivalidade existente entre diversos “especialistas” na cura, que sempre disputaram espaços em sociedade, derrubando qualquer história da medicina deste país que se caracterize como homogênea, chegando ao patamar que possui hoje. Contrário a isso, o curandeirismo se faz presente e estabelece sentido para vida das pessoas, especificamente no contexto bragantino, esse discurso ganha bastante notoriedade, ganhando, na voz de moradores, sua “legitimidade simbólica”. Curandeiros em Bragança, portanto, exercem prestígio social junto ao povo ribeirinho e a sua realidade cotidiana.

Durante a escrita dessa “conclusão”, evoco lembranças e cenas que culminam com a cena do “pesquisador com uma câmera na mão”, seguindo os passos de curandeiros em suas residências, movendo seus olhares na mesma direção dos olhares desses sujeitos enquanto narram histórias de cura, de milagres e de remédios ou seguindo o rastro de moradores que depositam o dom da cura nas mãos e nos poderes da invocação divina desses sujeitos. Nessas teias da memória, está o pesquisador, por diversas vezes em desconforto ou conforto, tentando arduamente não perder nenhum cenário, nenhuma palavra, expressão ou movimento. Suas teorias naquele momento se perdem, muitas vezes, nos entremeios dos ambientes em que culturas e identidades são criadas e (re) criadas diariamente. Realizei viagem em minha própria terra, mas pela lembrança do outro,

desvelada em trajetórias por interior de casas, nos quintais, cozinhas, lugares de consultas, em meio a plantas, ervas, retratos e paisagens. Viagens no tempo dos sujeitos, imersos nas memórias de seu Antônio Pereira Macena, Iracema Rodrigues da Silva e Almerinda Viera de Sousa, enfim, no período de mais dois anos, entre visitas na casa de curandeiros e de moradores e de leitura destas entrevistas, me vem, diversas vezes a mente, a experiência de conhecimento de (des) conhecimento de nosso próprio lugar, conhecemos muito pouco, portanto, do lugar que denomino pertencer.

Nos meandros dessa pesquisa, os curandeiros teceram percepções sobre aspectos da cura, através de diversos elementos e de relação com o religioso e com o mágico. Através da oralidade registramos cenários, hábitos, relatos de cura e modos de vida, fazendo com que ao final do trabalho não realizemos a interpretação de que o curandeirismo seja uma prática homogênea, mas que embora existam pontos de aproximações, os curandeiros divergem bastante em seus modos e processamentos de cura. Ao final desta pesquisa passo a apagar estas alusões a estudos tradicionais, onde persisti generalizações. Realizando, cuidadosamente a tarefa árdua quanto à interpretação dada pelo pesquisador frente ao depoimento oral.

O curandeirismo em Bragança é uma prática que reúne experiências religiosas, crenças e valores que exigem dos curandeiros leituras identitárias de mundo. Através desse estudo procurou-se compreender os elementos que pertencem à identidade dos curandeiros. Esses sujeitos exercem forte liderança espiritual na mente e corpo da população, elaborando formas e modos de vida tão antigas quanto os discursos institucionais religiosos, havendo também, neste espaço, forças e discursos de tentativas de silenciamento que se manifestam, cotidianamente, na forma de preconceitos com curandeiros, que, em sua grande maioria são de baixa renda, portadores de saberes empíricos e pertencentes à religiosidade que divergem da ortodoxia institucional cristã.

As orações, rezas e seus ensinamentos são refletidos nas casas dessa população, traduzindo um saber que é adquirido dessa relação entre a experiência cotidiana com remédios e o sagrado. É a partir disso que curandeiros constroem suas identidades, refletidas entre discriminações e valorização de suas práticas, pois enquanto a mesma população que reforça estereótipos e discursos discriminatórios é a mesma que busca e procura insistentemente pelos benefícios da cura, vinda do interior, batendo nas portas desses curandeiros, pedindo pelos segredos e modos de preparo de chás, banhos e remédios para suas doenças e males. Durante todo o

trabalho tive a preocupação com a valorização de experiências individuais de sujeitos, pois embora haja semelhanças entre cada curandeiro, as experiências desvelam realidades singulares.

No que se refere a um ponto de vista de identidade desses curandeiros, todos os entrevistados o ato de rezar como uma dádiva de Deus, adquirida por meio de um dom, identificado em meio a suas relações familiares e que, aos pouco fora sendo identificado e descoberto, aperfeiçoado sozinho ou com a ajuda de um ente da família. Todos os curandeiros, colaboradores da pesquisa, culminam da ideia de que, o recebimento desse dom significa atender a uma missão espiritual e religiosa carregada de sofrimento, o que implica ter sempre algo a realizar, tarefas a desenvolver. Esse período de conhecimento do dom, segundo os curandeiros, ocorreu em meio a sofrimento e angústia, dúvidas com o próprio corpo, reações familiares diversas, compreensão, somente com o passar dos tempos é que as tensões do corpo e da mente se acalmam e o curandeiro começa a ordenar suas forças e comportamentos. Na maioria das vezes, ocorre resistência do mesmo contra esse dom, mas que ao final, o melhor é aceitar essa dádiva e tentar conviver com uma responsabilidade social que lhe é dada em seu nascimento, elaborando, depois dessa fase, uma rede de contato e de representação equilibrada com a natureza.

Desse modo, hoje, o curandeirismo se perpetua em solo bragantino por meio de um sistema eficaz e simbólico no qual, curandeiros e moradores dividem e compartilham de saberes. Dito isso, chegamos ao final da pesquisa com dois grandes eixos que estão presentes nos depoimentos orais adquiridos, é que evidenciam os motivos que levam moradores a aderir a essa prática do curandeirismo, são eles: a valorização do indivíduo como sujeito de sua própria história, a relação que o indivíduo possuem com a natureza e com as outras pessoas em sociedade são fatores considerados no processo de cura; além do curandeiro possuir uma visão globalizada da doença, que vai de encontro à visão cartesiana do sujeito particularizado, isolado e dividido em suas dores e angústias. Não ignoremos demais pontos dessa relação de cura, mas priorizo tais pontos das experiências como mais marcantes.

Com base nos resultados obtidos nessa dissertação, somos constantemente provocados a discutir a nossa identidade social e cultural. Enquanto pesquisadores também passamos por este exercício, ação esta que nos impulsiona a refletir a respeito daquilo que fazemos enquanto ciência, na produção e construção do conhecimento, sobretudo, nas Ciências Humanas e Sociais. Essa reflexão passa

pela figura do homem e seu envolvimento com a sociedade, grupos sociais, seus modos de vida e valores, envolvida por uma sociedade que não se encontra estanque. Mais do que, em qualquer outro período da história, a Universidade precisou repensar essa elaboração de conhecimento, tendo sempre a ideia de que o conhecimento da lógica de vida do outro, é base para o entendimento de sua cultura, valores e costumes. Boaventura Santos, em seu livro “Um discurso sobre as Ciências” possibilita pensar na posição que ocupamos, dizendo, dentre outras coisas, que a trajetória de vida e as relações com o outro em sociedade, seja individual ou coletiva são a prova íntima de nosso conhecimento, mesmo que façamos pesquisas “laboratoriais” ou de arquivo, “cálculos” e trabalhos de campo que constituirão um emaranhado de sentidos e experiências. Para ele, “esse saber, suspeitado ou insuspeitado corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não ditos dos trabalhos científicos”.¹⁵¹ Até o momento da discussão que procurei aqui levantar, penso que de nada valeriam as experiências e estudos dentro da academia, sem que antes, nós, seres humanos, já tivéssemos nos relacionado com outras pessoas em sociedade. Mesmo uma criança que esteja em processo de alfabetização, possui experiências em casa, no parque com outras crianças, na rua. As reuniões destas experiências influenciam na sua aprendizagem. De maneira geral, isso ocorre com todas as pessoas: experiências de vida e relação com o “outro”, permitem, no momento das reflexões e estudos, um conhecimento da realidade e dos fatos com mais clareza.

O estudo e as reflexões presentes nessa dissertação, pretendem, de algum modo, contribuir para pensar como ocorre o curandeirismo em Bragança, almejando abrir nossos horizontes sobre a importância de ouvir, aprender e respeitar as experiências de nossas alteridades, compartilhando das experiências de contar as histórias dos outros, fazendo participantes de nossa própria história. Desse modo, o desenrolar da história de Dona Felícia narrada no início desta dissertação vai do quase licho para uma absorção, frente a um repensar das práticas daquela época e da culpabilidade ou não dos sujeitos envolvidos. Termina aqui com as palavras do bragantino César Pereira e o desfecho da história que possibilitou “fôlego” para essa empreitada pelo estudo do curandeirismo.

O conselho de sentença, reunido, secretamente, por unanimidade de votos, absorveu D. Felícia que, dali mesmo, com alvará de soltura,

¹⁵¹SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2004. – Coleção questões de nossa época; v. 12, p.44.

imediate, foi para a sua casa, que há três meses, não via, como também, não viu quando dali saiu para o Cemitério o seu idolatrado Izidro... Na rua, o próprio povo que queria linchá-la, há três meses passados, batia-lhe palmas pela sua absorção!¹⁵²

¹⁵² PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963.p.230.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDERY, Maria Amália. **Para Compreender a Ciência**. 12ª ed. EDUC: Rio de Janeiro: 2003.

ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém: ICBS, 2000.

BARTHES, Roland. Análise estrutural da Narrativa: Pesquisas semióticas. In: **Introdução à análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1973.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/41903716/O-narrador-Walter-Benjamin.item> 16>. Acesso em 7 de maio de 2012.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da USP, 1998.

BRAGANÇA. Lei (1998). **Lei Orgânica do município de Bragança**: promulgada em 12 de Outubro de 1998. Bragança: 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Rio de Janeiro: FAE, 1988, art.196.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Rio de Janeiro: FAE, 1988, art.215.

CASCUDO, Luís Câmara. **Meleagro. Depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil**. Rio de Janeiro: AGIR, 1951.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 6ª ed, Vozes: Petrópolis, 1994.

COLLIER, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, 1973.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. Cura e visão de mundo. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo Maués, VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e Religiões Africanas da Amazônia**. 1ª ed. UFPA: Belém, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

EDWARDS, Elisabeth. Antropologia e Fotografia. **Revista de pós-graduação em Ciências Sociais, PPCIS e do Núcleo de Antropologia e Imagem**, NAI.

FERNANDES, José Guilherme. Do oral ao escrito: Implicações e complicações na transcrição de narrativas orais. **Revista Outros tempos**. Belém, v.2, n.2, p. 156-166. Disponível em: www.outrostempos.uema.br>

FERNANDES, José Guilherme. Do oral ao escrito: Implicações e complicações na transcrição de narrativas orais. **Revista Outros tempos**. Belém, v.2, n.2, p. 156-166. Disponível em: www.outrostempos.uema.br>

FERNANDES, José Guilherme. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA)**. Belém, EDUEPA: 2011.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Do processo legislativo**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. 1ªed. Belém: UFPA, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. “Anfiteatro da cura: pajelança e medicina na Amazônia no limiar do século XX”. In: CHALHOUB, Sidney. **Artes e ofícios de cura no Brasil: capítulos de história social**. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. “Assim como eram os gafanhotos: pajelança e confrontos culturais na Amazônia do início do século XX”. In: MAUÉS, Raymundo

Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. “Quem eram os pajés científicos? Trocas simbólicas e confrontos culturais na Amazônia, 1880-1930”. In: FONTES, Edilza (Org.). **Contando a história do Pará: diálogos entre a história e a antropologia**. Belém: MOTION, 2002.

FISCHMAN, Fernando. HARTMANN, Luciana (Org). **Donos da Palavra: Autoria, Performace e Experiência em Narrativa Orais na América do Sul**. UFSM, Santa Maria: 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: GRAAL, 2012.

GADELHA, Georgina da Silva. **Os saberes do corpo: a “medicina caseira” e as práticas populares de cura no Ceará, 1860-1919**. 186f. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2007.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens. **Um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Col. Brasiliana, 284), 1955.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

GINZBURG. Carlo. **Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaraci Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAVELEYE, Didier. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança”. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo Maués; VILLACORTA, Gisela Macambira (Org.) **Pajelança e religiões Africanas na Amazônia**. Belém, UFPA: 2008.

MAUÉS, Raymundo Heraldo, VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: EDUFPA, 1990.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém, Cejup. 1995. In: ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança. O sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém, ICBS: 2000.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e religiões africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem. A magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

PAES, Anselmo do Amaral. **O corpo da alma: Cosmos, casa e corpo espírita kardecista**. 2011. 315f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/109624417/Tese-O-Corpo-Da-Alma-Anselmo-Paes-PPGCS-UFPA-2011-PDF>>. Acesso em 05 de Fevereiro de 2014.

PARÁ. Resolução (2009). Código de Moral médica. Resolução CFM: nº1931/2009.

PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963

PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XXI. In: **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2003.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. “O fazer-se das mulheres rurais: a construção da memória e de símbolos de poder feminino em comunidades rurais negras do Tocantins”. In: ÀLVARES, Maria Luzia de Miranda & SANTOS, Eunice Ferreira (Org.). **Desafios de Identidade: espaço – tempo de mulher**. Belém: CEJUP, 1997.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filha das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: AÇAÍ, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Parteiras, “Experientes” e Poções: o dom que se apura pelo encanto da floresta**. 2004, 250f. Tese (Doutorado em História)- Universidade Instituto - São Paulo: PUC-SP, 2004.

PIRSIG, Robert M. **Zem e a arte da manutenção de motocicletas**. São Paulo: Martins fontes, 2009.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.88.

PRIORE, Mary Del. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10ed, São Paulo:Contexto, 2011.

PUTTINI, Rodolfo Franco. Curandeirismo, Curandeirices, práticas e saberes terapêuticos: reflexões sobre o poder médico no Brasil. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo v. 11, n. 3 p. 32-49 Nov. 2010/Fev. 2011. Disponível em< <http://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/13221>>. Acesso em: 27 de maio de 2013, às 10:32h.

RIBEIRO, D. **Diários índios. Os Urubus – Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1196.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. UNICAMP, Campinas: 2007.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2005.p. 111.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hunicet, Universidade de São Paulo, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2004. – Coleção questões de nossa época; v. 12.

SILVA, Jerônimo da Silva e. **No ar, na água e na terra: uma cartografia das Identidades nas encantarias da Amazônia Bragantina (Capanema-Pa)**. 214f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História 15**. São Paulo: EDUC, Abril/1997.

VASCONCELLOS, José Leite de. Tradições populares portuguesas do século XVIII. Revista Lusitana. v. VI, p. 273-299, 1900-1901. p. 289. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.89.

VAZ, Almeida. Florêncio. Ribeirinhos da Amazônia: identidade e magia na floresta. Cultura Vozes 90(março-abril 1996) 47- 65. In: ARENZ, Karl. **A teimosia da Pajelança: o sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém, ICBS: 2000.

VILLACORTA, Gisela Macambira. **“Rosa Azul”: Uma Xamã na metrópole da Amazônia**. 2011, 231f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará – Instituto de Filosofia e ciências humanas, Belém, 2011.

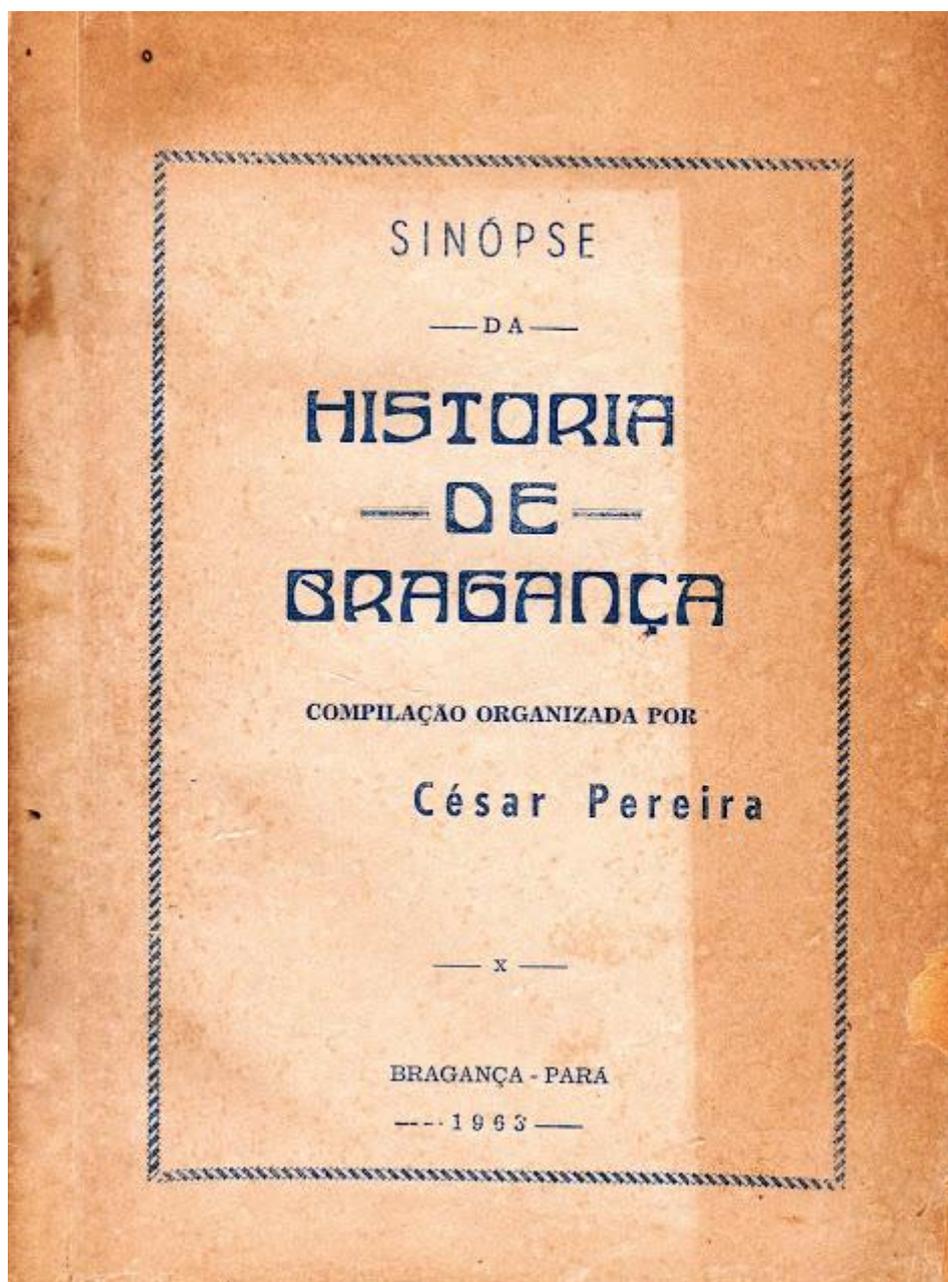
VILLACORTA, Gisela Macambira. **As mulheres do Pássaro da noite: pajelança e feitiçaria na região do Salgado (Nordeste do Pará)**. 2000.115f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Humanas, Belém, 2000.

WAGLEY, Charles. GALVÃO, Eduardo. **The Tenetehara Indians of Brazil. A culture in transition**. New York: Columbia University Presse, 1949.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense**. Bauru: Edusc, 1999.

ANEXOS

Anexo 1 – Capa e narrativa da “mulher que matou o marido, enganado, pensando que vidro moído era remédio eficaz pra asma”.



Anexo 2– Grade de Transcrição, ordenada conforme ocorrências nas entrevistas.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras e/ou expressões.	(...) reticências entre parênteses.	Então eu (...), aí não deu.
Pausa, com palavra/expressão não concluída, em suspensão	... reticências	O certo é que ... é muito difícil lembrar dele.
Truncamento ou corte abrupto na produção do narrador	/ barra no ponto de corte da palavra/expressão	Eu queria dizer/ foi difícil.
Ênfase ou acento forte	TÊM uso de maiúsculas	Os políticos não TÊM a mínima vergonha.
Silabação: palavra pronunciada silabadamente	Im-pos-sí-vel separar as sílabas	É im-pos-sí-vel não ficar indignado.
Superposição, simultaneamente de vozes: a segunda voz, de narrador secundário, em linha separada e entre parênteses.	(Eu tava com medo)	O cumpadre chegou (Eu tava com medo) e atirou na onça, mesmo assim!
Comentários ou intervenções do entrevistador na gravação	[] entre colchetes	Eu tava todo arrumado [o senhor era novo?] sim, eu era!
Manifestações extra-lingüísticas do narrador	(RISOS) identificar entre parênteses a manifestação, com Maiúsculas.	Eu gosto tanto do Boi que já me apelidaram de carrapato (RISOS).

Fonte: FERNANDES, José Guilherme. Do oral ao escrito: Implicações e complicações na transcrição de narrativas orais. **Revista Outros tempos**. Belém, v.2, n.2, p. 156-166. Disponível em: www.outrostempos.uema.br>